A missão educativa do Sanfra

Memórias que ficam - Volume 2

A missão educativa do Sanfra

Edições Loyola

Direção-Geral
Pe. Tárcio Luiz Ferreira dos Santos, SJ

***Equipe do Projeto* Memórias que ficam**
Pe. Tárcio Luiz Ferreira dos Santos, SJ
Tiago César Agostinho

Coordenação Editorial
MEI Pedro Caetano de Paula e Goulart

Pesquisa e redação
Marisa de Paula Souza
Paulo Cezar Alves Goulart

Arte da capa
Guilherme Bitencourt Gomes
Gustavo Augusto Ortega

Diagramação
Adriana Maria de Azevedo

Revisão de texto
Rosani Andreani

Fotos e imagens
Acervo do Colégio São Francisco Xavier
Acervo Cinemateca
Arquivo da Companhia de Jesus
Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro
Arquivo Pessoal de Érica Sequeira

Pré-impressão e impressão
Edições Loyola
ISBN:

COLÉGIO SÃO FRANCISCO XAVIER | Rede Jesuíta de Educação
Colégio São Francisco Xavier
Rua Vicente da Costa, 39 - Ipiranga
04266-010 - São Paulo, SP
Tel: 11 3013-0320
www.sanfra.g12.br

Edições Loyola
Edições Loyola
Rua Mil Oitocentos e Vinte e Dois, 341
Ipiranga - 04216-000 - São Paulo, SP
Tel: 11 3385-8500
www.loyola.com.br

APRESENTAÇÃO

Querido leitor,

Dando continuidade ao projeto Memórias que Ficam, que conta a missão dos reitores e diretores jesuítas que atuaram no Colégio São Francisco Xavier – Rede Jesuíta de Educação, apresentamos a você o volume 2, com a história de uma obra educativa da Companhia de Jesus que, há mais de 95 anos, se destina a ensinar crianças, adolescentes e jovens para que sejam conscientes, competentes, compassivos e comprometidos na construção de um mundo mais cristão, justo, fraterno, solidário e inclusivo.

Nesta série de livros, você, que de uma forma ou de outra tem alguma relação com o nosso querido Sanfra, conhecerá a história do Colégio, da Missão Japonesa em São Paulo e do valoroso trabalho de jesuítas e leigos que dedicaram suas vidas a uma causa tão importante: a educação católica. Da mesma forma que no primeiro volume, você, leitor, está convidado a deixar-se impactar por um enredo cronológico e histórico sobre fatos marcantes quanto à vida e à missão da Companhia de Jesus no Sanfra durante seus 95 anos de amor e serviço educativo no bairro do Ipiranga, em São Paulo.

Recorde, conheça, viva e reviva a história do Colégio São Francisco Xavier. Uma excelente leitura!

Conselho Editorial

SUMÁRIO

Colégio São Francisco Xavier – Das origens ao prédio no Ipiranga
Shinto Aoki, primeiro reitor (1928-1933), 8

Padre Pedro Amauchi, SJ (1933-1938), 32

Convênio com a secretaria da educação (1938-1960), 42

Do ginásio à autonomia: Padre Inácio Takeuchi, SJ (1951-1959), 52

Padre Ângelo Banki, SJ (1961-1965) – Retomada da educação jesuíta, 61

Padre André Massao Ozaki, SJ (1965-1971) – Um colégio também para meninas, 65

Padre Fernando Maria Alvarez de Miranda, SJ (1971-1977), 70

Padre José Maria Herreros Robles, SJ (1977-1982) - Educador e missionário, 73

Padre Angel López Abad, SJ (1983-1984), 81

Padre Paulo Pedreira de Freitas, SJ (1984-1987), 84

Padre Luiz Pecci, SJ (1987-1988), 89

Padre Roberto Villar, SJ (1988-1992), 91

Padre Nelson Lopes da Silva, SJ (1993-1999) – Comunidade educativa, mudanças, 99

Padre Laerte Jacob Cargnelutti, SJ (2000-2005), 120

Padre Manuel Madruga Samaniego, SJ (2006-2011), 129

Padre Eduardo Teixeira Henriques, SJ (2011-2011), 137

Padre Eduardo Beltramini, SJ (2011-2016), 141

Irmão Marcos Epifanio Barbosa Lima, SJ (2016-2020), 152

Padre Ponciano Petri, SJ (2020-2022), 167

Bibliografia, 172

As imagens reproduzidas neste livro fazem parte do Acervo do Colégio São Francisco Xavier, excetuando-se aqueles cujos créditos citem: *A Gazeta*; Acervo da Cinemateca Brasileira; Arquivo da Companhia de Jesus; Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro; Arquivo Pessoal de Érica Sequeira; *Diário Nacional ou Notícias do Brasil (Burajiru Jihô)*.

COLÉGIO SÃO FRANCISCO XAVIER
DAS ORIGENS AO PRÉDIO NO IPIRANGA
SHINTO AOKI, PRIMEIRO REITOR (1928–1933)

No dia 7 de fevereiro de 1928, 14 alunos, filhos de imigrantes japoneses, passariam a frequentar o Colégio Católico Japonês São Francisco Xavier. Eram os primeiros alunos do Colégio, em seu primeiro dia de aula. O recém-aberto estabelecimento de ensino ficava em uma casa alugada à Rua da Liberdade, n. 149, no homônimo bairro paulistano. No mês seguinte, no dia 18 de março, houve a inauguração oficial.

A primeira equipe diretiva era formada pelo Pe. Guido del Toro, SJ, diretor administrativo, e Shinto Aoki, o diretor-geral. Ambos haviam sido fundamentais para a concretização de um empreendimento bastante esperado, ao lado de outras pessoas que, de diferentes modos, contribuíram para a criação do Colégio.

Os primórdios dessa primeira composição de dirigentes do Colégio remontam a 1926, quando o Pe. Guido del Toro, SJ, chegou à cidade de São Paulo, proveniente do Colégio Anchieta, no Rio de Janeiro.

Nascido em Montepulciano, sul da Toscana, Itália, em 26 de junho de 1878, Guido del Toro foi ordenado sacerdote em 1899, e entrou, em 1911, para a Companhia de Jesus. Chegando ao Brasil, em 1914, permaneceu por 12 anos no Colégio Anchieta.

Em São Paulo, Pe. Guido del Toro, SJ, foi destinado à Igreja de São Gonçalo, mantida pela Companhia de Jesus. Nomeado diretor da cruzada eucarística e do catecismo para crianças e pré-adolescentes, desde o início dedicou-se intensamente à evangelização, interessando-se de modo especial pela conversão dos japoneses imigrantes e seus filhos.

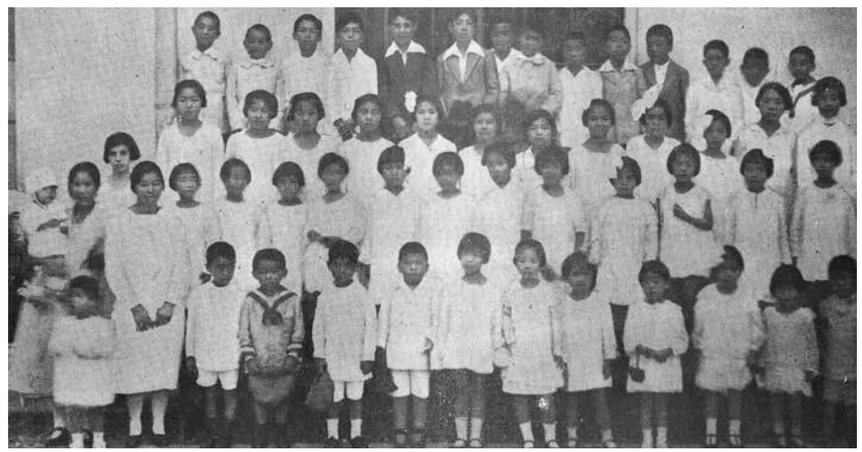
Esse propósito – que o levaria a ser o principal condutor da designada Missão Japonesa – iniciou-se quando em um encontro de preparação para a Primeira Comunhão, no dia 18 de abril de 1926, a menina Ercília Antonini se propôs a trazer crianças japonesas para o catecismo. E assim fez, trazendo as primeiras 14 crianças japonesas, todas moradoras da Rua Conde de Sarzedas, na Liberdade, para a Igreja de São Gonçalo. Ao se deparar com essas crianças, Pe. Guido del Toro, SJ,

> *descobriu sua missão pessoal e abraçou tal interpretação, estruturando o plano de seu trabalho missionário [...]* (MAEYAMA, 2004, p. 22).

Ele considerava que para o imigrante – que vivia e trabalhava, pretendia casar e ter filhos –, em um país onde predominava a religião cristã, o ideal era que assimilasse, compreendesse e praticasse o cristianismo. E, nesse sentido, a catequese seria um fator favorável a esse desígnio.

Cercando-se de colaboradores, utilizando estratégias para cativar crianças (como a distribuição de santinhos e balas), mantendo contato com as famílias imigrantes e fazendo um trabalho incessante e de grande dedicação – reconhecido por seus pares, pela imprensa, pela comunidade (especialmente a japonesa, que via nele um ativo aliado) e autoridades –, realizou o primeiro batismo coletivo de 48 crianças japonesas em novembro de 1926, em uma admirável cerimônia, que foi muito bem recebida pelos presentes, pela comunidade, por personalidades e jornais.

> *Essa visão desse primeiro batismo das crianças japonesas permitiu forjar uma circunstância bastante fértil para nutrir sua futura obra educativa. E, para isso, buscava, pelos meios de que dispunha, gerar credibilidade, reconhecimento e autoridade para a fundação de um futuro colégio japonês* (LIMA, 2020, p. 20).



Batismo de crianças japonesas na Igreja de São Gonçalo, 15 de novembro de 1926.

IDEIAS PARA UM COLÉGIO JAPONÊS: PE. GUIDO E SAKAIDA

Os primórdios das ações concretas do Pe. Guido del Toro, SJ, em relação à educação podem ser observados antes mesmo desse primeiro batismo coletivo. Em algum período do ano de 1926, o Pe. Guido del Toro, SJ, aos domingos, a partir das 19h,

> *ensina gratuitamente a língua portuguesa a jovens japoneses interessados, ao mesmo tempo que prega a doutrina católica. Atua também como conselheiro educacional de crianças japonesas e procura facilitar a sua frequência gratuita*

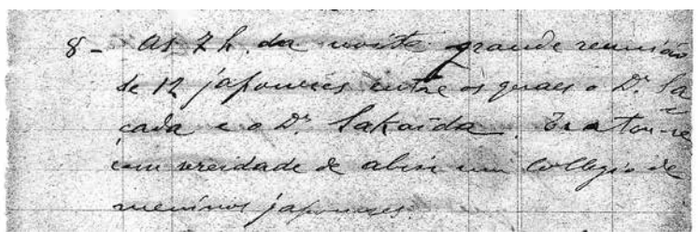
em escolas católicas masculinas e femininas (BURAJIRU JIRÔ (NOTÍCIAS DO BRASIL), 12/11/1926 *apud* MAEYAMA, 2004, p. 168-169).

Mas qual, efetivamente, é a gênese do Colégio São Francisco Xavier?

Indícios expressivos apontam que houve uma sincronicidade e uma efetiva convergência de circunstâncias, propósitos e situações que levaram a uma pluralidade de agentes que contribuíram para a idealização e concretização do Colégio, mas o protagonista de sua implantação foi o Pe. Guido del Toro, SJ.

Uma anotação em seu *Diário: 1926-1940* constitui uma preciosa e concreta informação do período sobre a questão. Ele assim registrou:

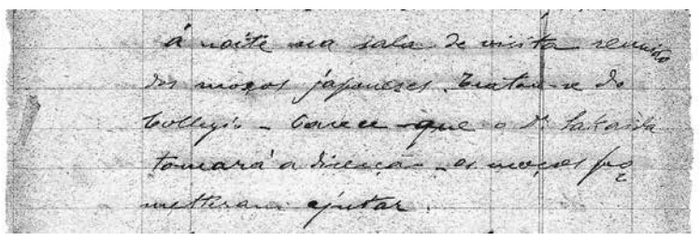
> *[Dia] 8 - Às 7h. da noite grande reunião de 12 japoneses, eentre os quais [...] o Dr. Sakaida. Tratou com seriedade de abrir um Colégio de meninos japoneses* (DEL TORO, 8/11/1926).



Diário: 1926-1940, de 8 de novembro de 1926, reunião com o Dr. Sakaida.

Um dia antes do grande acontecimento – o batismo coletivo de 48 filhos de japoneses, dia 15 de novembro de 1926 –, registrou:

> *À noite, na sala de visita reunião dos moços japoneses. Tratou-se do Colégio. [...] O Dr. Sakaida tomará a direção – os moços prometeram ajudar* (DEL TORO, 14/11/1926).



Diário: 1926-1940, anotação de 14 de novembro de 1926, um dia antes do grande dia do batismo coletivo.

Essas duas anotações trazem elementos para compreender melhor as origens do Colégio. Certamente, em 1926 – ou seja, dois anos antes de sua inauguração – a questão já estava em pauta. E, no final desse ano, estava sendo discutida entre o grupo dos 12 moços japoneses, liderados pelo Dr. Sakaida e o Pe. Guido del Toro, SJ.

Quem era o Dr. Sakaida e como se deu o encontro com o Pe. Guido del Toro, SJ, para tratar da questão?

À época desse encontro, Nanshu Sakaida, juntamente com Tsunehachi Murayama, era presidente da Associação de Moços Japoneses da Cidade de São Paulo, organização criada em 1916.

Não há elementos suficientes para se afirmar quem teria tido a primazia de conceber a ideia de um colégio para japoneses. Mas, o antropólogo Maeyama, em sua obra, informa que

> *Tsunehachi Murayama [...] escreveu [em livro de sua autoria] dizendo que o projeto do colégio surgiu da seguinte forma:*
> *Foi Sakaida o primeiro a propor e a consultar o padre Guido a respeito do problema educacional dos nisseis e jun-nisseis e pediu reiteradamente ao mesmo e ao padre Nakamura que se tornassem responsáveis e assumissem, como uma das atividades da Associação [de Moços Japoneses da Cidade de São Paulo], o projeto de criar um órgão de ensino que viesse a ser, futuramente, o único dos patrícios residentes no Brasil* (MURAYAMA, p. 34 *apud* MAEYAMA, 2004, p. 184).

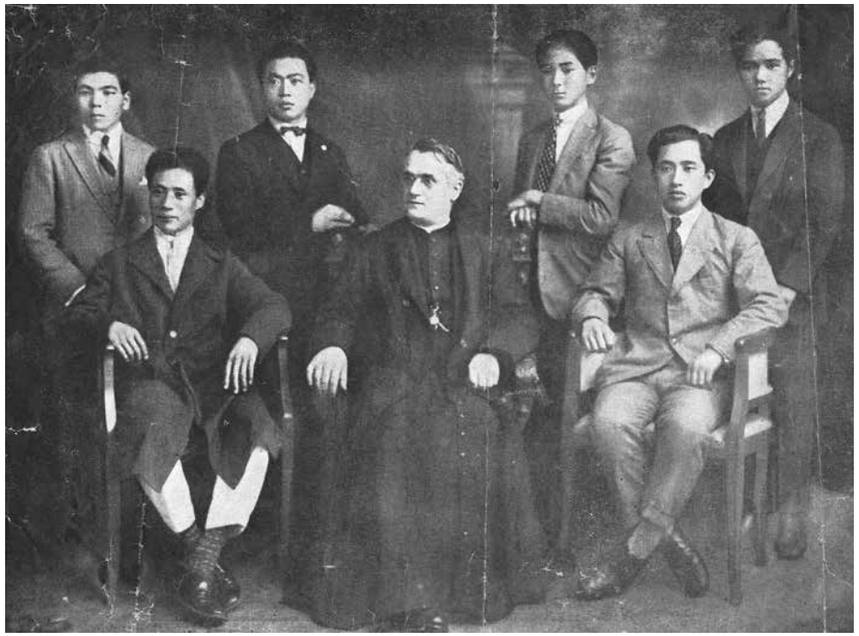
O encontro está registrado pelo próprio Pe. Guido del Toro, SJ, em seu *Diário*. Por qual motivo Sakaida o teria procurado?

Além do apreço pela comunidade dos japoneses, o Pe. Guido del Toro, SJ, havia conquistado a confiança destes, tornando-se um de seus interlocutores. Somado a isso, estava desenvolvendo ações relacionadas à educação: o ensino gratuito da língua portuguesa a jovens japoneses, o aconselhamento educacional de crianças japonesas e o encaminhamento dessas crianças para escolas católicas.

Esse perfil do Pe. Guido del Toro, SJ, as ações que realizava e sua convicção de que a evangelização se daria de forma mais estruturada se ocorresse em um ambiente escolar – e, talvez, da mesma forma que Sakaida, já estivesse pensando em fundar uma escola – certamente constituíram fatores consistentes para que houvesse esse encontro.

Para o Pe. Guido del Toro, SJ,

> *[...] sem colégios, como educar os pequenos japoneses? Como evangelizá-los? Como batizá-los? Em conclusão, desde o começo uma imperiosa necessidade se apresentava diante da minha mente: construir colégios católicos para os japoneses* (DEL TORO, 1954, p. 13).



Pe. Guido del Toro, SJ, com jovens japoneses batizados na Igreja de São Gonçalo, 1927.

PE. NAKAMURA

Outra informação relevante é a menção ao Pe. Nakamura.

Tendo chegado a São Paulo em 1923, o Pe. Domingos Chohachi Nakamura – primeiro sacerdote católico japonês a ter uma atuação fora do Japão –, passou a realizar um trabalho de catequese no interior do estado de São Paulo. E, por sua vivência no interior, pelo intenso trabalho que realizou junto aos núcleos de japoneses, é plausível considerar que pode ter sido dele a ideia de que o futuro colégio fosse destinado aos filhos de imigrantes das cidades do interior paulista. Para isso,

> *era preciso dispor de uma estrutura local que pudesse dar o acolhimento adequado. Como solução, [Pe. Guido] considerou necessário fazer um internato. Dessa forma, poderia conciliar uma atuação educacional, imprescindível para crianças e jovens longe de suas famílias [conforme preconizava Pe. Nakamura], e missionária* (LIMA, 2020, p. 30).

Pe. Nakamura era uma pessoa bastante conceituada na comunidade japonesa, razão de sua participação nesse processo de gestação do colégio.

Considerando a versão do pedido de Sakaida para que o Pe. Guido del Toro, SJ, e o Pe. Nakamura se tornassem responsáveis pelo projeto de criação de uma escola, essa atitude revela um reconhecimento, por representantes da comunidade (afinal, eram dirigentes de uma associação), da ascendência de ambos e da capacidade de liderança na condução desse propósito educacional.

A questão da criação de um colégio católico para japoneses estava em evidência no período, permeando diferentes setores. Assim, registros indicam a existência de outros disseminadores da ideia.

SHINTO AOKI

Shinto Aoki, que viria a ser o primeiro diretor-geral, seria um dos participantes desse processo que antecedeu a fundação do Colégio São Francisco Xavier. Em depoimento ao jornal *Diário Nacional*, ele relata brevemente sua trajetória:

> *Eu resido no Brasil há quatro anos e meio [desde o segundo semestre de 1923], e em S. Paulo há dois. [...] Antes de me fixar definitivamente nesta capital [São Paulo], percorri toda a região Noroeste, tendo também estado em Iguape, estudando o ambiente japonês. No Japão, cursei as aulas do Seminário Católico de Nagasaki, pois pertenço a uma família que se converteu ao catolicismo há trezentos anos. A minha paróquia no Japão é a aldeia de Imamura, que tem 2.000 habitantes, todos pertencentes à religião católica. [...] A razão é fácil explicar: no tempo das perseguições em minha pátria, os católicos japoneses procuravam se congregar, porque juntos teriam outros meios de defesa, que não possuiriam isolados. A aldeia católica de Imamura tornou-se assim um verdadeiro Oásis no deserto do paganismo* (DIÁRIO NACIONAL, 27/3/1928, p. 1).

E nesse mesmo depoimento, além do Pe. Guido del Toro, SJ, Shinto Aoki – que havia estudado na mesma escola de teologia do padre Chohachi Nakamura, em Nagasaki, mas abandonara os estudos e migrara para o Brasil (MAEYAMA, 2004, p. 185) – confirmaria que o Pe. Nakamura "é um dos fundadores do nosso Colégio".

Maeyama informa que, de acordo com depoimento de Shinto Aoki,

> *o plano de fundar uma escola que também formasse frades japoneses foi uma ideia do [Abade] Miguel [Kruse], diretor do Mosteiro de São Bento, localizado no Largo de São Bento. [Kruse], em cuja estância Aoki tinha se hospedado quando estudava com dificuldades, falou-lhe sobre essa ideia e o incentivou a se empenhar no projeto [na mesma época em que] um plano idêntico estava sendo estudado pelos padres Guido e Nakamura. Aoki [entretanto] sustentou o seu próprio plano de fundação de uma escola livre, que não pertencesse a nenhuma ordem religiosa e foi lhe dando corpo* (MAEYAMA, 2004, p. 185).

O Abade Miguel Kruse, citado por Aoki, desde os primórdios da imigração japonesa havia manifestado uma atenção especial à comunidade nipônica, para a qual prestou importantes serviços. E também empreendeu esforços em relação à educação, dotando o Mosteiro de São Bento de um colégio secundário (1903) e fundando a Faculdade de Filosofia (1908). Sua proximidade com a Companhia de Jesus vem desde 1908, quando acolheu jesuítas expulsos de Portugal. E viria a se tornar um dos promotores da ideia, incentivando Aoki no desenvolvimento do projeto.

Assim, fica evidente que a ideia de um colégio para filhos de imigrantes japoneses permeava nesse período, particularmente no ano de 1926, diferentes ambientes e distintos protagonistas.

Porém, a partir desse contexto, emergirá a figura proeminente do Pe. Guido del Toro, SJ, que se destacará pela liderança desse processo. Com distintos padrões de protagonismo, o Pe. Guido del Toro, SJ, Shinto Aoki, Pe. Nakamura, Nanshu Sakaida e o Abade Miguel Kruse evidenciavam a relevância e premência da questão.

Transformaram-se em destacados impulsionadores de uma ideia, cabendo ao Pe. Guido del Toro, SJ, além de idealizador, um vigoroso papel de catalisador da iniciativa e principal agente desenvolvedor do projeto daquele que viria a ser o Colégio Católico Japonês São Francisco Xavier.

DA "REUNIÃO DESASTROSA!" AO "QUE FAZER PARA FUNDAR UM COLÉGIO?"

É nesse ambiente, em que permeava a ideia de um colégio para filhos de japoneses, que ocorreu o encontro entre o Dr. Sakaida e o Pe. Guido del Toro, SJ, conforme registro do dia 8 de novembro de 1926 em seu *Diário*. Afinal, para o Dr. Sakaida se encontrar com o Pe. Guido del Toro, SJ, para tratar da criação de um colégio é porque ele teria algo a ver com a questão.

Note-se que entre a chegada do Pe. Guido del Toro, SJ, em São Paulo, no início de 1926, e essa reunião, em novembro, houve uma evolução relativamente rápida da ideia. Dentro do intervalo de apenas seis meses, a catequese dos filhos de imigrantes japoneses (iniciada em abril de 1926) desencadeou a percepção da necessidade de um colégio.

Pe. Guido del Toro, SJ, e Dr. Sakaida não eram estranhos entre si.

> *Conhecia um japonês pagão, o Dr. Sakaida, homem arrojado. Perguntei-lhe como poderia eu abrir em S. Paulo, um colégio exclusivamente para japoneses. [E o Dr. Sakaida disse:] "Irei à sala de visitas da Igreja de São Gonçalo, com alguns dos meus"* (DEL TORO, 1954, p. 13).

No dia marcado, Pe. Guido del Toro, SJ, apresentou sua ideia ao grupo e o Dr. Sakaida ficou incumbido de pensar em uma solução. Voltaram a se reunir no dia 14 de novembro de 1926.

O Dr. Sakaida informou que para dar início à abertura do colégio seriam necessários 200 contos de réis, valor que o Pe. Guido del Toro, SJ, não dispunha. A reunião encerrou-se sem uma solução.

> *Que reunião desastrosa [disse Pe. Guido a si mesmo]!. [...] Além de não ter obtido êxito favorável, [não consegui] nem mesmo uma ideia para o meu plano de abrir um colégio* (DEL TORO, 1954, p. 14).

À "reunião desastrosa", uma abençoada circunstância interpôs-se em seu caminho. O Pe. Guido del Toro, SJ, havia atendido a um pedido de Tomás M. Amoroso que, doente, queria se confessar.

Em agradecimento, no artigo A catequese dos japoneses no Brasil (s.d.), Amoroso perguntou-lhe:

> *- Senhor Padre, em que posso ajudá-lo?*
> *- Senhor Amoroso, quero pedir-lhe um favor, se for possível. Quero erigir um colégio para japoneses aqui em São Paulo.*
> *- Espere que eu sare. Irei à Igreja de São Gonçalo para falar ao Sr. Padre e lhe direi como deve fazer para fundar um colégio.*

E assim fez Tomás Amoroso. Forneceu instruções para o Pe. Guido del Toro, SJ, orientando-o no sentido de que era imprescindível criar e registrar uma organização civil. Somente assim seria possível dar os primeiros passos para a fundação do Colégio.

SHINTO AOKI: O PRIMEIRO DIRETOR

O passo seguinte seria a composição dessa organização. Quem faria parte dela? O Pe. Guido del Toro, SJ, procurou contar com pessoas de seu relacionamento que pudessem ser representativas socialmente e se identificassem com o projeto. E que fossem católicos.

Para a presidência da então denominada "Escola Acadêmica São Francisco Xavier" – designação oficial do "Collegio Catholico Japonez São Francisco Xavier", em homenagem a São Francisco Xavier, apóstolo do Japão –, foi convidado o Dr. Antonio Ildefonso da Silva, da sociedade paulistana.

Shinto Aoki tornou-se, então, o diretor-geral, e o Pe. Guido del Toro, SJ, o diretor administrativo.

A escolha de Shinto Aoki para diretor-geral do Colégio tem suas raízes em duas circunstâncias distintas, a começar pela trajetória que o levou à sua aproximação com o Pe. Guido del Toro, SJ.

Conforme depoimento de Shinto Aoki ao jornal *Diário Nacional*, de 27/3/1928, ele vinha de uma família católica. Chegando em São Paulo no primeiro semestre de 1926, em razão de sua origem católica e por circunstâncias diversas – talvez até em razão de ter estudado na mesma escola de Teologia do padre Chohachi Nakamura, "mas abandonara os estudos e migrara para o Brasil" (MAEYAMA, 2004, p. 185) –, acabou se hospedando na estância do Abade Miguel Kruse, em um período de dificuldades e que se dedicava aos estudos. Sua indicação e o incentivo proporcionado pelo Abade Kruse para desenvolver a proposta de um colégio para japoneses são indícios de sua presumível qualificação e interesse em lidar com o tema educacional, que já vinha sendo também desenvolvido pelo Pe. Guido del Toro, SJ.

Além dessa sintonia de propósitos e ações, que levaria ambos a, em certo momento, se aproximarem, outro fato pode estar relacionado. No dia 12 de junho de 1927, em uma cerimônia de batismo coletivo, alguns membros da família Aoki – talvez parentes seus – receberam o batismo: O. Aoki, Yoshi Aoki e T. Aoki, conforme publicado no *Diário da Noite* (1927, p. 6). Em outro contexto, mas associado ao catolicismo, Aoki estaria presente na primeira cerimônia de casamento de católicos japoneses, ao lado do Pe. Guido del Toro, SJ.

Fotografia tirada na cerimônia dos dois primeiros casamentos católicos de japoneses em São Paulo. Vê-se ao centro o Pe. Guido del Toro (celebrante), ao lado os dois noivos e atrás as duas noivas. Na extremidade, à direita, o professor Aoki – conforme legenda que acompanha a foto no *Diário Nacional* de 27/3/1928, p. 1.

Por outro lado, Shinto Aoki era um cripto-cristão e mantinha vínculos com famílias da Capela de Imamura, de Tachiarai-mura – de onde era proveniente –, cripto-cristãs como ele. Para o projeto do colégio, contou com a retaguarda de 60 a 70 famílias cripto-cristãs, conforme aponta Maeyama (2004, p. 185). É plausível supor que este apoio, possivelmente, tenha se estendido para sua futura atuação no Colégio Católico Japonês São Francisco Xavier.

Os primeiros cripto-cristãos (*kakure kirishitan* – "cristãos escondidos", japoneses que, convertidos ao cristianismo a partir da ação missionária dos primeiros jesuítas, no século XVI, mantiveram sua prática em segredo, após sua proibição no Japão) chegaram ao Brasil em 1912, na terceira leva de imigrantes,

> *a bordo do Kanagawa-Maru, [da qual] faziam parte 20 famílias procedentes do povoado de Mido, Aza Ima, Tachiarai-mura, Mitsui-gun, Província de Fukuoka. [Sobre esses pioneiros, em suas peregrinações de trabalho pelas fazendas paulistas, consta] que do meio da pequena multidão de imigrantes asiáticos, de uma raça estranha, que não falava o português, surgiram, de repente, grupos de pessoas que entravam na capela, ajoelhavam-se diante do altar e faziam o sinal da cruz, causando espanto aos brasileiros e deixando radiante o padre da localidade* (MAEYAMA, 2004, p. 139).

Esta singularidade dos cripto-cristãos – grupo fundamental para a conversão dos japoneses em São Paulo, pois já vieram convertidos ao cristianismo –, em especial em relação a Shinto Aoki, certamente contribuiu para o diálogo com o Pe. Guido del Toro, SJ, tão afeto à comunidade japonesa em São Paulo, tão participante de sua vida religiosa e que se tornaria prenúncio de seu projeto educacional.

INSTALAÇÕES, MOBÍLIA, ALUNOS

Constituída a sociedade civil, que daria amparo oficial ao Colégio, a próxima etapa era encontrar um imóvel para sua implantação.

Participante desde os primórdios desse processo de criação do Colégio, o Abade Miguel Kruse tornou-se fiador de uma casa onde seria instalado o Colégio: um grande imóvel, à Rua da Liberdade, n. 149, no bairro da Liberdade, próximo à Igreja de São Gonçalo, alugado por um conto e cem mil réis. No local iria funcionar o "Collegio Catholico Japonez São Francisco Xavier" – assim identificado externamente por uma grande tabuleta.

> *A casa, entretanto, estava vazia. Fez rezar e em menos de 15 dias a caridade de boas pessoas mobiliou o colégio S. Francisco Xavier. Não faltava nada. Faltavam somente os alunos. Novas orações. Vieram alguns alunos de todas as partes do Estado de S. Paulo* (DEL TORO, 1954, p. 16).

Com a vinda de professores japoneses e brasileiros, tudo estava pronto para começar a funcionar. Pe. Guido del Toro, SJ, registrou em seu *Diário* o grande dia: "No dia 7 de fevereiro de 1928 tiveram início as aulas do Collegio S. Francisco Xavier com 14 alumnos."

Shinto Aoki, que passaria a exercer a função de diretor-geral, em entrevista ao *Diário Nacional* (1928, p. 1), ressaltava: "Os catholicos da minha paroquia no Japão, Imamma, muito auxiliaram [n]a fundação."

Shinto Aoki. *Diário Nacional*, 27/3/1928, p. 1.

A inauguração solene do Collegio Catholico Japonez São Francisco Xavier – com a presença de autoridades religiosas e políticas – ocorreu no dia 18 de março de 1928, à Rua da Liberdade, n. 149. Foi o primeiro Colégio Católico Japonês do Brasil e da América do Sul.

Em depoimento ao jornal *Diário Nacional*, o professor e diretor Shinto Aoki – cujo nome brasileiro era Francisco Xavier Aoki – reiterava o objetivo primordial da iniciativa:

> *Foi organizada esta instituição para reafirmar a obra fecunda e empreendedora do Padre Guido Del Toro na cristianização dos japoneses. Impunha-se a criação em nosso meio, de um centro de educação latina que viesse a secundar os esforços daquele sacerdote, o que não podia deixar de ser senão uma Escola, identificada com nossos usos* (DIÁRIO NACIONAL, 27/3/1928, p. 1).

Por ocasião dessa inauguração solene, o Colégio São Francisco Xavier contava com 20 alunos internos e 35 externos, todos menores, japoneses, alguns, filhos de pais pagãos, cursando gratuitamente. Além das disciplinas regulares do programa dos grupos escolares oficiais ministradas em português, recebiam instrução religiosa e uma aula em japonês. Complementarmente, dois alunos japoneses católicos faziam gratuitamente o curso ginasial (secundário) no Colégio São Luís, na Av. Paulista, instituição também jesuíta.

Para os adultos, membros da colônia japonesa, o Colégio mantinha um curso noturno, destinado aos ensinamentos do catecismo e noções básicas de português.

O *Diário da Noite* registrou as instalações e outros aspectos do Colégio:

> *Vimos os dormitórios, varanda de jantar, cozinha, tudo muito limpo e bem arranjado. Assistimos, de passagem, a uma aula dada por uma senhorita formada pela nossa escola normal. Os japonesinhos, quietinhos, ouviam, com uma cômica atenção, o que lhes dirigia a professora* (DIÁRIO DA NOITE, 26.3.1928, p. 9).

Segundo Lima (2019), o cônsul do Japão em São Paulo destacou a importância do Colégio, enfatizando o papel da religião e do aprendizado da língua portuguesa pelos filhos dos japoneses como vigorosos elementos a serem semeados no ambiente doméstico, contribuindo para a absorção dos costumes e do pensamento brasileiros.

A necessidade de tornar-se conhecido, especialmente entre os membros da comunidade japonesa, fez com que em pouco tempo procurassem divulgar a instituição em jornais japoneses. É o caso de um anúncio veiculado possivelmente no *Notícias do Brasil* (*Burajiru Jihô*).

Anúncio do Collegio Catholico Japonez no jornal *Notícias do Brasil* (*Burajiru Jihô*).

Devidamente registrado no Departamento de Ensino de São Paulo no dia 20 de março de 1928, o Colégio passaria a fazer parte do calendário oficial de eventos da Secretaria de Educação do município. Assim, receberia, em outubro do mesmo ano, o educador sanitário Octavio M. Toledo para uma palestra sobre "Hábitos sadios", evento integrante do Programa de Conferências e Palestras, promovido pela Inspetoria de Educação Sanitária, em comemoração ao "Dia da Saúde", conforme publicado no *Correio Paulistano* de 3 de outubro de 1928.

Festas e comemorações – bem como eventos destinados à organização da comunidade japonesa – passaram a fazer parte da rotina do Colégio. Em seu *Diário*, o Pe. Guido del Toro, SJ, registra no dia 2 de janeiro de 1929:

> *Epifania – Hoje fizemos uma boa festa no Colégio dos Japoneses. Foi a festa da Sociedade dos Homens. Discursos mais importantes foram os de Murayama e o do japonês [Onaga]* (DEL TORO, 1940).

No dia 24, na sala de visita do Colégio, o Padre del Toro e Murayama recepcionaram 10 senhoras que deram início à Sociedade das Mães Cristãs Japonesas.

E, comemorando o primeiro ano do Colégio, em março de 1929 foi celebrada

> *a primeira Missa no salão de Estudo do Collegio Japonez. Veio o Vice-Cônsul do Japão e vários outros japoneses e benfeitores. A Missa foi às 9h. Cantaram as meninas da Cruz. Euch. [Cruzada Eucarística]* (DEL TORO, 1940).

DOAÇÃO DE TERRENO

Com a celebração, o primeiro ano de funcionamento trazia alguns questionamentos para os diretores Shinto Aoki e Pe. Guido del Toro, SJ. As despesas com a manutenção do Colégio, especialmente o aluguel mensal, estavam ficando altas. Era preciso começar a vislumbrar alternativas. A mais adequada naquele momento era o Colégio ter seu prédio próprio.

O passo inicial para esse propósito era dispor de um terreno para a construção. Como conseguir o terreno?

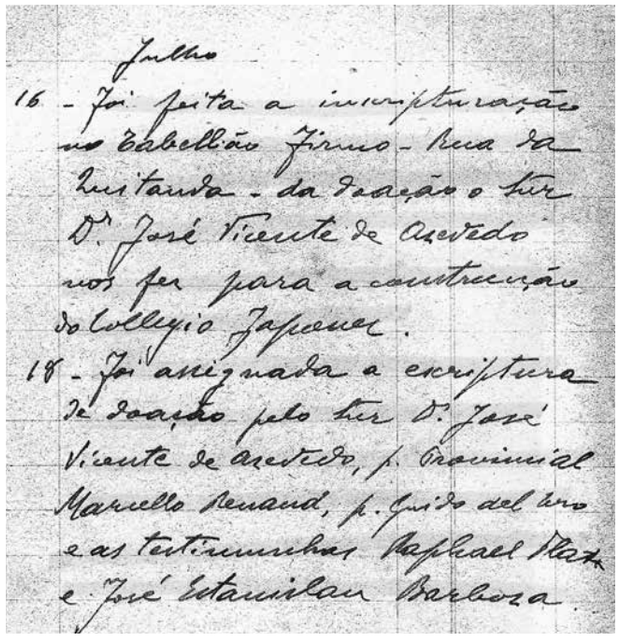
É nesse cenário que surge o Dr. José Vicente de Azevedo. Proprietário de extensa área no bairro do Ipiranga,

> *advogado, político, filantropo e detentor de grande fortuna, Azevedo era também católico fervoroso e, ao longo da vida, iria criar e sustentar obras sociais – assistenciais e educacionais [...]* (LIMA, 2019, p. 34).

A partir de gestões realizadas e da convergência de propósitos entre o filantropo

e a Sociedade Brasileira de Educação (SBE), organização dos Jesuítas da Região Central, o terreno de 6 800 m² no bairro do Ipiranga foi doado pelo Dr. José Vicente de Azevedo e sua esposa D. Cândida Bueno Lopes de Oliveira Azevedo à SBE. O Pe. Marcello Ranaud era o provincial e estava também presente o Pe. Guido del Toro, SJ. Era dia 16 de julho de 1929 (Festa de N. S. do Carmo). A doação se dava no contexto de uma contrapartida específica, conforme consta da Escritura de Doação, Livro de Notas nº 302, Folha 1, de 16/7/1929:

> *[...] ser construído e sancionar um estabelecimento destinado à instrução e educação de meninos, de acordo com o plano da mesma Sociedade de Educação, inclusive alunos pobres, gratuitos, no maior número que for possível [...]. O terreno ora doado destinar-se-á à fundação e funcionamento de um estabelecimento de ensino e educação de meninos, de preferência filhos ou descendentes de japoneses.*


Julho
16 - Foi feita a inscripturação no Tabellião Firmo - Rua da Quitanda - da doação o Snr Dr. José Vicente de Azevedo nos fer para a construcção do Collegio Japonez.
18 - Foi assignada a escriptura de doação pelo Snr Dr. José Vicente de Azevedo, p. Provincial Marcello Renaud, p. Guido del Toro e as testemunhas Raphael Maz e José Estanislau Barboza.

Anotação no *Diário: 1926-1940* relativa à escritura de doação do terreno para o Colégio.

Começava a se tornar realidade o anseio e o desígnio de que o Colégio São Francisco Xavier tivesse seu próprio estabelecimento de ensino.

Em carta de 18 de agosto de 1948, endereçada à Sra. Angelina, filha do Conde, Pe. Guido del Toro, SJ, relata as circunstâncias relativas ao terreno doado:

> *Uma tarde do mês de julho de 1929, eu estava com o sr. Conde falando na sala da Igreja de S. Gonçalo. Dizia ao sr. Conde que seria uma grande caridade se pudesse fazer uma doação de um terreno para construir um Colégio para os meus japoneses. [...] Jesus vai fazer sair deste Colégio vocações de missionários japoneses para serem enviados para o Japão. [E o sr. Conde disse:] Então [...] está feito. Vou fazer a doação do terreno. Vocações japonesas do Brasil para serem enviados sacerdotes para o Japão! Isto é extraordinário!*

O PROJETO DE MARIO MASAHEI HARADA

Com o terreno recebido em doação, Pe. Guido del Toro, SJ, e Shinto Aoki teriam pela frente outra imprescindível tarefa: quem faria o projeto arquitetônico do Colégio?

Pouco tempo depois da doação do terreno, a comunidade japonesa paulistana contaria com o primeiro "prático-licenciado" a ter um registro oficial de sua atividade entre os imigrantes japoneses. Nessa ocasião, conforme publicado no *Correio Paulistano*, edição de 22 setembro de 1929, Mario Masahei Harada obteve a licença para exercer a profissão de construtor.

A partir desse fato,

> *do meio da própria comunidade japonesa veio quem iria colaborar nessa próxima empreitada: o engenheiro Mario Masahei Harada. Ele seria o responsável por desenvolver o projeto e dar forma definitiva ao prédio do Colégio* (LIMA, 2020, p. 37).

Nascido em Hiroshima, Masahei Harada chegou ao Brasil em 25 de abril de 1912, com 14 anos, na décima e última leva de imigrantes que chegaram ao Brasil antes da Primeira Guerra Mundial, quando houve a interrupção da vinda de imigrantes, que seria retomada somente a partir de 1916.

Masahei Harada viria a ter uma atuação de destaque não somente no âmbito da construção. Em 1928, juntamente com Yoshiasa Maki, organiza uma cerimônia visando à constituição de uma associação dos provincianos de Hiroshima, fato que daria origem à futura "associação brasileira de naturais de Hiroshima e seus descendentes".

Não se tem informação sobre sua aproximação com o Colégio São Francisco Xavier. Mas um importante vínculo se deu em função do seu batismo, registrado pela imprensa:

> *Ainda ante-hontem foi celebrado, com toda a pompa, pelo rev.º padre Guido Del Toro, o batismo de 55 japoneses, entre os quais o engenheiro Masahei Harada, sua senhora e duas filhas* (DIÁRIO NACIONAL, 27/3/1928).

E, no final de 1929, em um dos eventos de batismo realizados pelo Pe. Guido del Toro, SJ – conforme noticiado pelo jornal *Diário Nacional*, de 31/12/1929, p. 6 –, em que 31 japoneses foram batizados, Mario Masahei Harada e sua esposa Cecília Harada foram padrinhos.

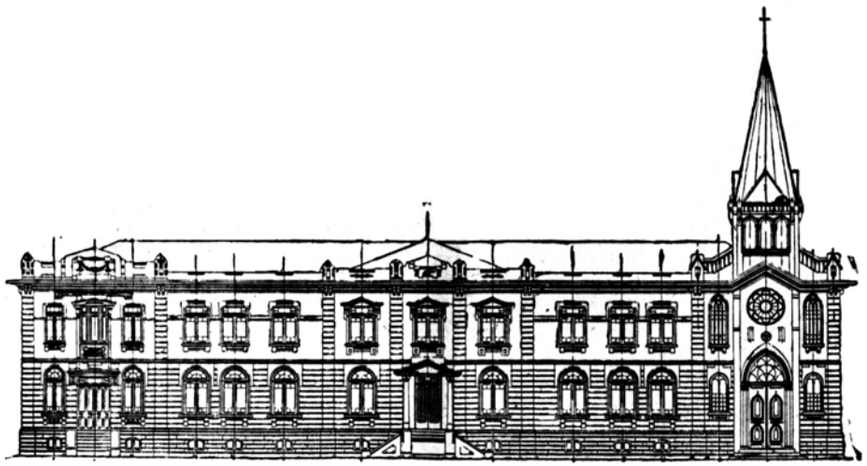
As gestões visando à colaboração de Masahei Harada no desenvolvimento do projeto ocorreram possivelmente logo após a doação do terreno. Entre julho e agosto de 1926, Harada deu início à planta do Colégio, conforme se infere na carta do Pe. M. Renaud, SJ, para o Pe. Guido del Toro, SJ, datada de 17 de setembro de 1929: "[...] na minha volta ao Rio examinar-se-á a planta do Colégio e se tratará também de tudo o que se relaciona com esse assunto."

A primeira versão da planta contemplava apenas uma parte da edificação, possivelmente em função do custo. Apesar de a construção integral estar orçada em trezentos contos de réis, pretendia-se iniciar as aulas considerando apenas um primeiro módulo do Colégio, cujo custo ficaria em setenta contos de réis. Apesar dessa precaução, o Pe. M. Renaud, SJ, em nova carta ao Pe. Guido del Toro, SJ, datada de 26 de outubro de 1929, salientou que

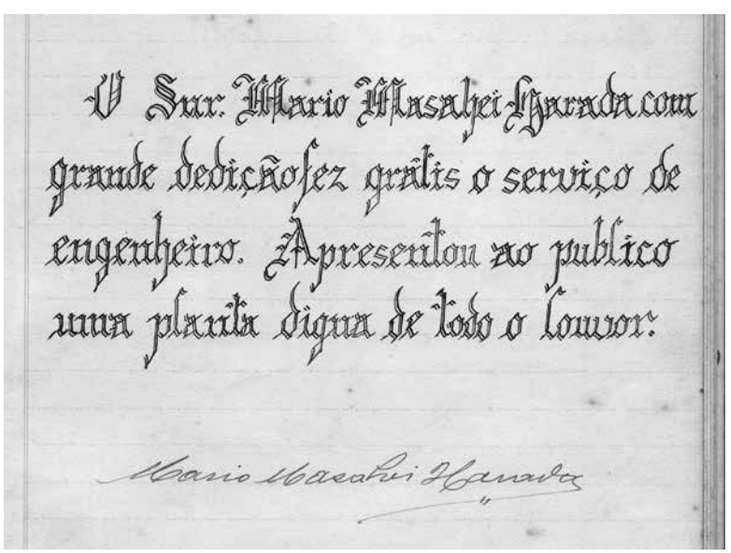
> *[...] seria conveniente se fizesse uma planta de todo o Colégio, como deverá ficar definitivamente, ainda que por agora só se construísse uma parte. [Conviria, portanto, ter] desde o princípio um plano definitivo bem determinado.*

Após as tramitações para aprovação pela Companhia de Jesus, a planta – elaborada generosamente por Harada, sem custo para a Escola Acadêmica São Francisco Xavier – seria submetida, no dia 10 de março de 1930, à aprovação da municipalidade, ganhando destaque na imprensa.

O projeto trazia detalhes arquitetônicos que seriam considerados relevantes para o tombamento do prédio do Colégio em 2007: a platibanda (mureta construída para esconder o telhado) e os pináculos (pontos mais altos da construção).



Desenho da fachada principal do futuro Colégio São Francisco Xavier. *A Gazeta*, 9/5/1930, p. 2.



O Snr. Mario Masahei Harada com grande dedicação fez grátis o serviço de engenheiro. Apresentou ao publico uma planta digna de todo o louvor.

Mario Masahei Harada

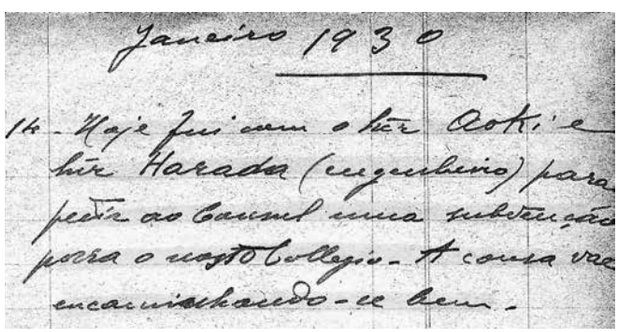
Reconhecimento ao engenheiro Mario Masahei Harada no *Livro de Ouro – Contribuições para a construcção do Collegio Catholico Japonez.*

CAPTAÇÃO DE RECURSOS

O propósito acalentado pelo Pe. Guido del Toro, SJ, e por Shinto Aoki de ter o Colégio em edificação própria dava passos firmes com o processo de aprovação da planta. Simultaneamente, procurava-se vislumbrar meios de gerar recursos para a construção.

Nesse sentido, além do projeto do Colégio, Masahei Harada colaboraria também nessa nova fase. O Pe. Guido del Toro, SJ, assim relata em seu *Diário*:

> *[Dia] 14 [de janeiro de 1930] – Hoje fui com o Sr. Aoki e Sr. Harada (engenheiro) para pedir ao Consul uma subvenção para o nosso Colégio. A cousa vai encaminhando-se bem.*



Janeiro 1930

14 - Hoje fui com o Snr. Aoki e Snr. Harada (engenheiro) para pedir ao Consul uma subvenção para o nosso Collegio. A cousa vae encaminhando-se bem.

Diário: 1926-1940. Anotação, em 14 de janeiro de 1930, sobre pedido de subvenção ao cônsul do Japão.

A consulta feita ao cônsul provavelmente decorreu de uma orientação do Pe. M. Renaud, SJ, em dezembro de 1929, em carta enviada ao Pe. Guido del Toro:

> *Lendo a sua carta, veio-me a ideia de que V.R. tratasse de alcançar também do governo japonês subsídios para a construção de seu Colégio.*

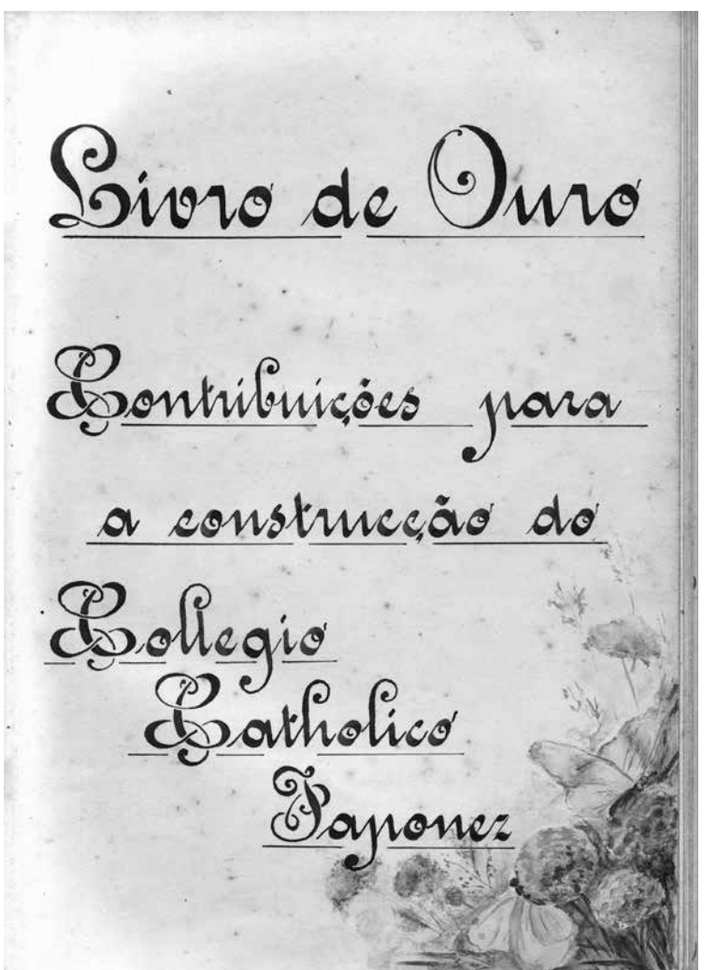
A consulta à representação diplomática justificava-se. Além do trabalho junto aos japoneses que o Pe. Guido del Toro, SJ, vinha realizando, o cônsul-geral do Japão em São Paulo, por ocasião da inauguração do Colégio na Liberdade, já havia manifestado seu apreço pela obra educacional e religiosa.

Um passo mais ousado foi idealizado pelo Pe. Guido del Toro, SJ – a ida de Shinto Aoki ao Japão, conforme consta na carta do Pe. M. Renaud, SJ, ao Pe. Guido em 1930:

> *Quando estiver acabada a nova planta do Colégio, procure mandá-la ao Rio.*

A ideia da ida do Diretor do Colégio ao Japão, para reunir fundos é boa; porém, os gastos da viagem serão crescidos.

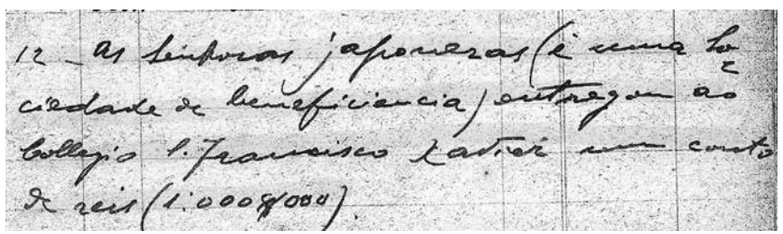
A primeira iniciativa visando à obtenção de recursos para a construção do Colégio havia começado em novembro de 1929, enquanto o projeto arquitetônico estava sendo elaborado: o *Livro de Ouro – Contribuições para a construcção do Collegio Catholico Japonez.*



Livro de Ouro – Contribuições para a construcção do Collegio Catholico Japonez destinado a registrar o nome dos colaboradores da construção do Colégio.

Contendo a relação de colaborações especialmente dos estados de São Paulo e do Paraná, o registro inaugural de contribuição para o empreendimento ocorreu dia 12 de novembro de 1929, conforme registrado no *Diário: 1926-1940*:

As Senhoras Japonesas (é uma sociedade de beneficência) entregou ao Colégio S. Francisco Xavier um conto de réis (1.000$000).

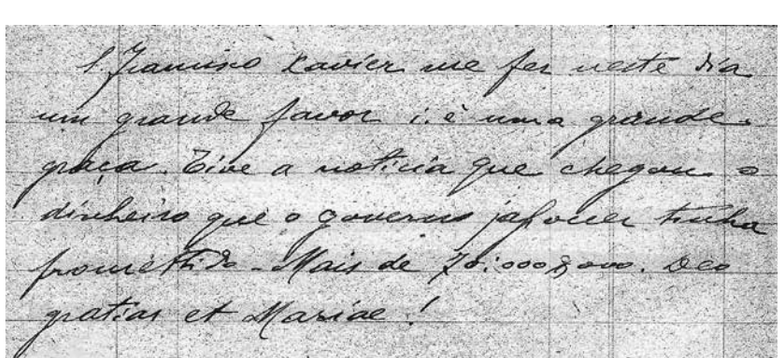


Diário: 1926-1940, dia 12 de novembro de 1929. Primeira doação.

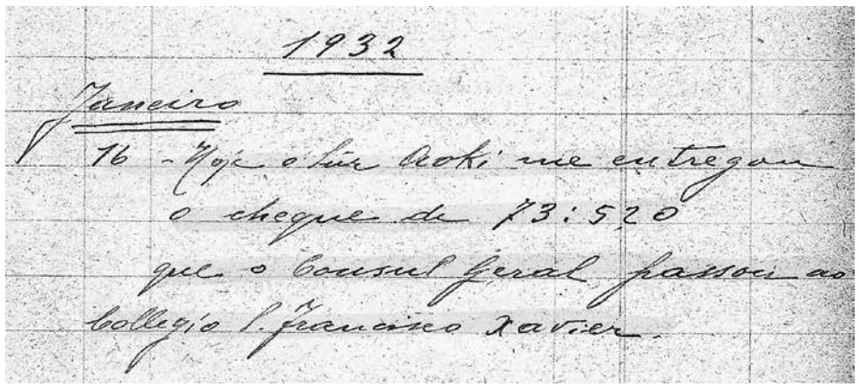
Contribuições substanciais de comunidades e benfeitores locais – como a do Conde Antonio de Toledo Lara, no valor de 10:000$000 –, doações de artigos e a participação de inúmeras famílias e empresas constituíam uma consistente evidência do apoio à obra.

Após a visita ao cônsul no início de 1930, feita pelo Pe. Guido del Toro, SJ, Shinto Aoki e Masahei Harada, o auxílio do governo japonês levaria dois anos para se concretizar, segundo informação registrada no *Diário: 1926-1940*:

Hoje [16/1/1932], o Sr. Aoki me entregou o cheque de 73:520[$000] que o Cônsul-Geral passou ao Colégio S. Francisco Xavier.



No *Diário: 1926-1940*, registro, em 3 de dezembro de 1931, do dinheiro enviado pelo governo japonês.


1932
Janeiro
16 - Hoje o Sr. Aoki me entregou
o cheque de 73:520
que o Consul Geral passou ao
Collegio S. Francisco Xavier.

Em 16 de janeiro de 1932, Shinto Aoki entrega o cheque para Pe. Guido del Toro, SJ, conforme consta no *Diário: 1926-1940*.

ALUNOS

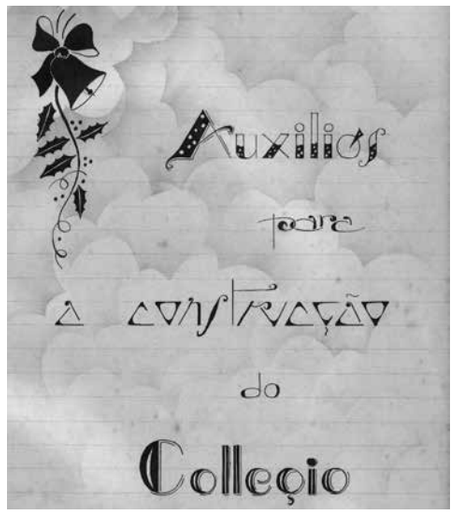
Shinto Aoki também participava das atividades externas em determinados momentos. Mas tais atividades eram regularmente conduzidas pelo Pe. Guido del Toro, SJ.

Enquanto isso, no Colégio, Shinto Aoki permanecia atento aos alunos, especialmente no aspecto pedagógico:

> *Depois de concluídos os quatro anos do Colégio, os pequenos japoneses irão para os diversos ginásios da capital [já que o Colégio contemplava apenas os primeiros quatro anos do grupo escolar].*
> *Quase todos têm manifestado um alto grau de aproveitamento. Os dez alunos que ingressaram nos ginásios, no ano passado, foram todos aprovados com distinções em matemática, além de excelentes notas nas demais matérias. Frequentam as aulas desses estabelecimentos, mas continuam internados no Colégio S. Francisco Xavier* (A GAZETA, 10/5/1930, p. 2).

O NOVO PRÉDIO

Os recursos obtidos especialmente com o *Livro de Ouro* possibilitaram o desejado início das obras em 1931.



Página de rosto da lista dos nomes das pessoas que contribuíram com a construção do Colégio e valores doados, constantes do *Livro de Ouro – Contribuições para a construcção do Collegio Catholico Japonez.*

O reconhecimento da importância da obra vinha de diferentes setores. Até o Sumo Pontífice Pio XI louvou a missão japonesa do Pe. Guido del Toro, SJ, e a escola em construção.

Construído em estilo neoclássico, o Colégio ficaria concluído no final do ano:

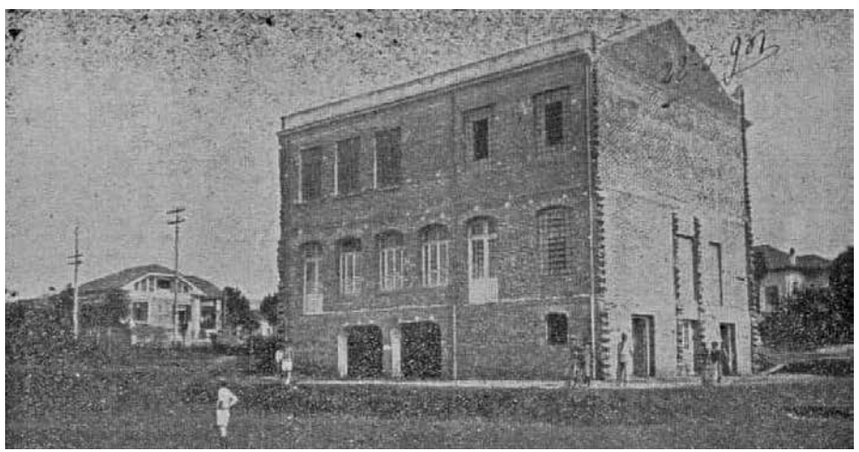
> *[...] três andares de tijolo maciço, com assoalho de peroba rosa e janelas de veneziana recém-pintada se apresentavam ao longo da rua com muito garbo como semente de árvore gigante recém-brotada. Amplas instalações para internato e salas para atividades escolares que serviriam também mais tarde para alunos externos* (GONZÁLEZ, 1983, p. 4).

Com a sede definitiva pronta, após quatro anos na Liberdade, o Colégio se transferiu no dia 30 de novembro de 1931 para o novo endereço no Ipiranga: Rua Moreira e Costa, n. 531. A construção estava parcialmente concluída, mas pronta para receber os alunos e o início das aulas.

No dia 27 de dezembro seis meninos foram levados para dormir em sua nova casa no Ipiranga. E, no dia 30, após três anos instalado na Rua da Liberdade, n. 149, conforme registro no *Diário: 1926-1940*:

> *todo o Colégio estava lá. No dia 31 fui eu com o sr. Aoki pagar o último mês de aluguel e entregar a chave à dona da casa da Rua da Liberdade, n. 149. Deo Gratias!*

A inauguração oficial ocorreria no dia 12 de março de 1932.



Colégio São Francisco Xavier, 1932. Shinto Aoki, 1954, p. 74.

Sala de aula do Colégio São Francisco Xavier, 1932. Shinto Aoki, 1954, p. 74.

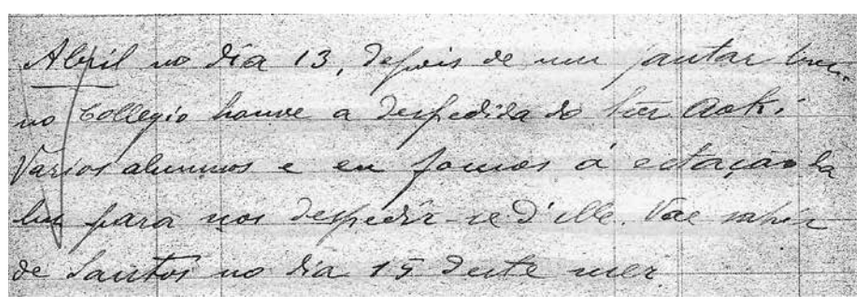
No dia de São José, 19 de março, no salão de estudo do novo prédio, celebrava-se a Primeira Missa, com a presença do vice-cônsul do Japão, benfeitores e vários membros da comunidade japonesa.

DESPEDIDA DE SHINTO AOKI

Shinto Aoki, após cinco anos como diretor-geral do Colégio São Francisco Xavier, e testemunha privilegiada e participante de etapas fundamentais desses anos iniciais do Colégio – sua fundação, o recebimento em doação do terreno no Ipiranga, a captação de recursos, a construção do novo prédio e a transferência para a nova sede – encerraria seu ciclo de desbravamento juntamente com o Pe. Guido del Toro, SJ.

Em 1933, no dia 13 de abril, Pe. Guido del Toro, SJ registra em seu *Diário*:

> *[...] depois de um jantar no Colégio houve a despedida do sr. Aoki. Vários alunos e eu fomos à Estação da Luz para nos despedirmos dele. Vai sair de Santos no dia 15 deste mês.*



Abril no dia 13, depois de um jantar no Collegio houve a despedida do Snr Aoki. Varios alumnos e eu fomos á estação da Luz para nos despedirmos d'elle. Vae sahir de Santos no dia 15 deste mez.

Registro da despedida de Shinto Aoki. *Diário: 1926-1940*, 13/4/1933.

PADRE PEDRO AMAUCHI, SJ (1933-1938)

A partir de 1933, a reitoria do Colégio São Francisco Xavier passou a ser exercida pelo Pe. Pedro Amauchi, SJ.

Seu vínculo com o Colégio já vinha ocorrendo desde o início da década de 1930, conforme anotação do Pe. Guido del Toro, SJ, em seu *Diário*. No dia 15 de maio, "[o] Sr. Amauchi enviou 500$000 que recolheu em Marília".

Na cidade paulista, permaneceria por mais algum tempo, visitando famílias japonesas, conforme registro no *Diário: 1926-1940*, de 9 de julho de 1931:

> *Voltou do interior o sr. Pedro Amauchi. Entregou-me 3:330$000 [três mil, trezentos e trinta réis] que recolheu entre os japoneses. Antes me tinha enviado 500$000 de Marília. Dei a ele como prêmio desse seu não pequeno trabalho 330 réis, ficando assim com 3.000$000 líquidos. Dos quais dei 2.000$000 ao Colégio (sr. Aoki) e 1.000$000 ficou em reserva para pagar o esgoto.*

O motivo dessa viagem do Pe. Pedro Amauchi, SJ, era o próprio colégio: nesse período, Pe. Guido del Toro, SJ, juntamente com colaboradores, estava em campanha de arrecadação de recursos para a construção do Colégio. E Pe. Pedro Amauchi, SJ, tornou-se um de seus colaboradores, atuando no interior do estado de São Paulo, em cidades como Marília, onde havia uma concentração de imigrantes e nipo-brasileiros, cujos pioneiros haviam chegado em 1926.

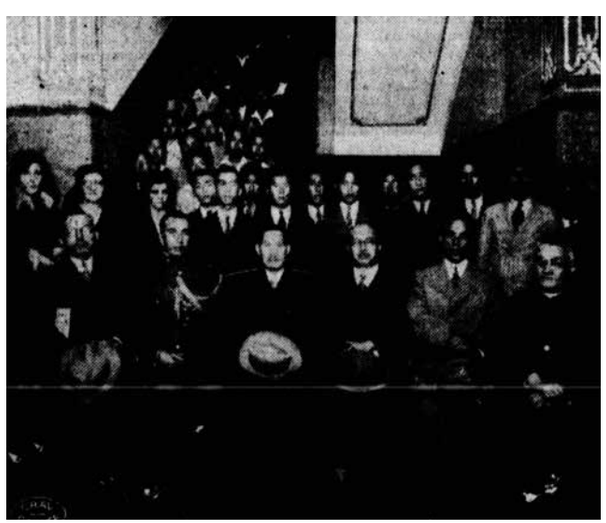
Deslocou-se até a cidade como enviado auxiliar do Pe. Guido del Toro, SJ. Teria visitado outras cidades?

Jesuíta, por sua dedicação e seu conhecimento das questões do Colégio, com a experiência e competência adquiridas durante os anos em que foi auxiliar do Pe. Guido del Toro, SJ, o Pe. Pedro Amauchi, SJ, foi designado como o novo diretor-geral, em substituição a Shinto Aoki.

Como desde sua inauguração, em 1931, o Colégio São Francisco Xavier passaria por ampliações, conforme projeto original de Masahei Harada, o Pe. Pedro Amauchi, SJ, assumiria em 1933 um Colégio já em processo de expansão física, devidamente registrado no *Diário*:

> *No dia 3 de janeiro disse ao Sr. [...] que pode começar os trabalhos para a construção do Colégio.*

Pe. Pedro Amauchi, SJ. *Missão dos Japoneses em São Paulo*, 1954, p. 19.



Cerimônia no Colégio em que estiveram presentes o embaixador do Japão no Brasil, Sr. Kyujiro Hayashi, e o cônsul-geral do Japão em São Paulo, Sr. Iwato Uchiyama. *A Gazeta*, 13/5/1933, p. 1.

Sua gestão teve início em uma data especial para a comunidade japonesa no Brasil: 1933. Era o ano em que se comemorava o 25º aniversário da imigração japonesa. Ano de muitas ações voltadas a dar brilho ao evento, tornou-se também ocasião em que o governo japonês reconheceu o trabalho educacional que vinha sendo realizado.

Assim, no dia 13 de maio 1933, o Colégio recebeu a visita do embaixador do Japão no Brasil, Sr. Kyujiro Hayashi, acompanhado do cônsul-geral do Japão em São Paulo, Sr. Iwato Uchiyama.

A relação entre o Colégio e o governo japonês reafirmou-se por meio de singular deferimento à sua atuação como um modelar estabelecimento de ensino. Diretamente do Japão viria um Diploma assinado pelo Conde Ushida Yoya, Ministro do Exterior, e pelo Ministro das Colônias. A entrega desse documento ocorreria no dia 23 de outubro, pelo cônsul-geral do Japão em São Paulo.

Havia um motivo para esse reconhecimento: o trabalho pedagógico realizado no Colégio tinha como contrapartida uma intensa dedicação aos estudos por parte dos alunos. O Colégio procurava provê-los de uma perspectiva múltipla de aprendizado.

> *Com a transferência do Colégio para o Ipiranga, as atividades para os filhos de imigrantes continuam. O ritmo de estudos para os japoneses, nativos ou nisseis, era intenso: de manhã, aulas em japonês, reforço das disciplinas do currículo oficial e catequese: à tarde, no mesmo prédio, o grupo escolar, com aulas ministradas em português por professoras diplomadas* (LIMA, 2018, p. 99).

No Colégio, os alunos permaneceriam até a conclusão do curso primário. Concluído este ciclo,

> *algumas das crianças que estavam ali no Colégio, em regime de internato, seriam escolhidas e convidadas para dar sequência aos estudos em outro local: Nova Friburgo, Estado do Rio de Janeiro. Aí, na Escola Apostólica do Colégio Anchieta, passariam os anos seguintes fazendo o ginásio e, posteriormente, o Noviciado* (LIMA, 2018, p. 188).

Esse fato era certamente motivo de júbilo para a equipe diretiva do Colégio, especialmente para o Pe. Guido del Toro, SJ. Tanto que, em carta para o seu superior, datada de 20 de setembro de 1934, ele registrava:

> *A piedade dos neófitos japoneses se manifesta agora mais que nunca em um movimento extraordinário para a vida religiosa. Os meninos do colégio S. Francisco Xavier quase todos me pedem para ser padres* (MENSAGEIRO DO CORAÇÃO DE JESUS, 09/1961, ed. 767).

Complementando a informação do Pe. Guido del Toro, SJ, o redator que havia escrito o artigo em que foi reproduzida a carta completava:

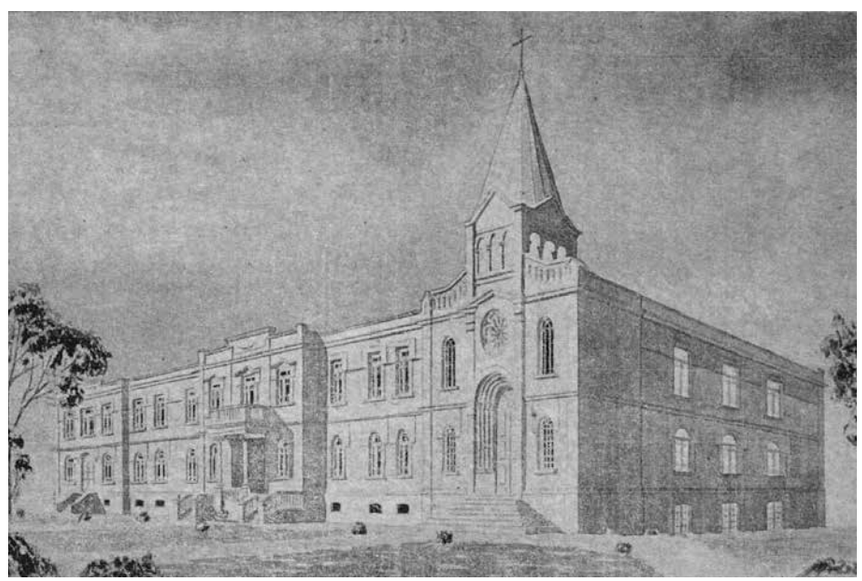
> *Quem neste tempo visitava aquela casa de formação [noviciado de Nova Friburgo], maravilhado reparava na extraordinária novidade, isto é, ver japoneses, e não poucos, no meio de brasileiros, com a roupeta da Companhia de Jesus* (MENSAGEIRO DO CORAÇÃO DE JESUS, 09/1961, ed. 767).

Paralelamente às atividades educacionais e de evangelização, o Colégio abrigava diversas comemorações. Uma das mais representativas do calendário jesuíta era a "Festa em honra a S. Ignacio", realizada no dia 4 de agosto. Em 1935, o Pe. Guido del Toro, SJ, registrava em seu *Diário*:

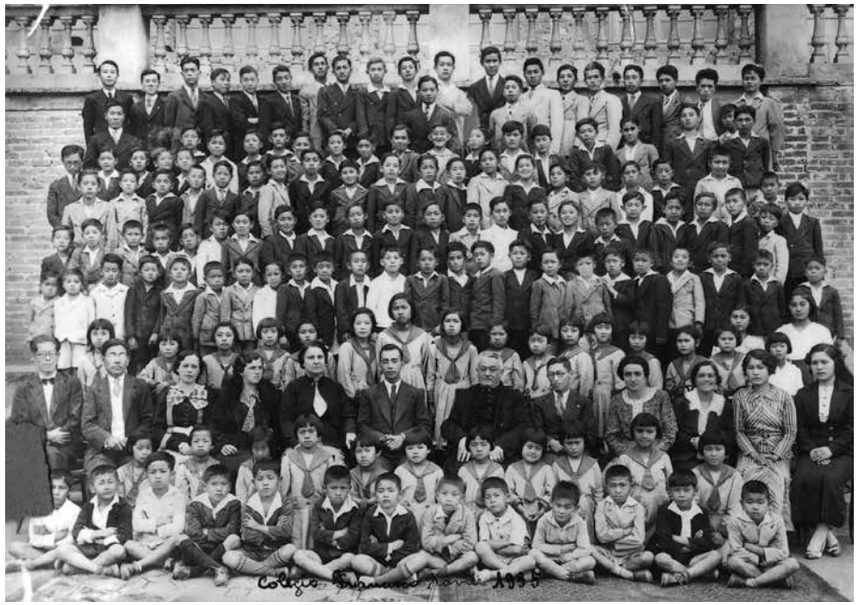
> *Neste dia, fizemos uma grande festa no Colégio Japonês. Estava presente um número grande de japoneses. O Pe. Kircher celebrou a S. Missa na nova capela (que será ampliada para futura Igreja).*

As celebrações do Colégio – momentos preciosos de integração da comunidade educativa – incluíam também o acolhimento de atividades relacionadas à cultura japonesa. A prática do judô ocorria desde a década de 1930. Ao lado da ginástica, na gestão do Pe. Pedro Amauchi, SJ, se inseriam no contexto do Shiai – competições entre os alunos. Nesses eventos esportivos não

> *[...] poderiam faltar quitutes de sua culinária tradicional. Era também dia de saborear o anko – doce de feijão azuki – e outros preparados culinários [tão aguardados por aqueles] que iam assistir ao Shiai e para os que o disputavam. Para toda a comunidade do Colégio e do bairro tratava-se de um dia muito festivo* (LIMA, 2018, p. 162-163).

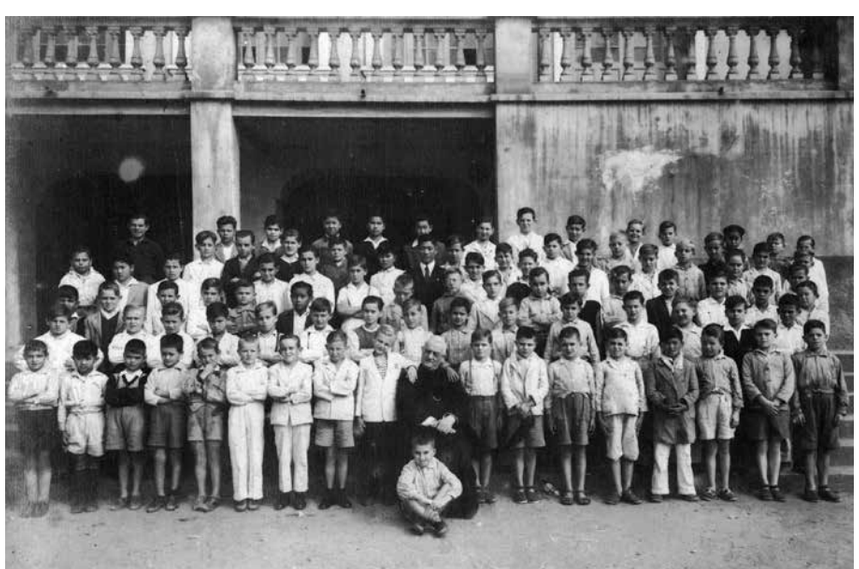


Cartão-postal ilustrado com a fachada do Colégio São Francisco Xavier.



Alunos, professores e o Pe. Guido del Toro, SJ, 1935.

Dormitório para internos do Colégio São Francisco Xavier.



Alunos, professores e o Pe. Guido del Toro, SJ, 1935.

Foto de 1937 com o Pe. Guido del Toro, SJ, ao centro.

No dia a dia do Colégio, alunos, professores, colaboradores e equipe diretiva conviviam com a dinâmica expansão física do prédio que, durante anos, continuou em obras. Concluída uma etapa, algum tempo depois outra se seguia. Enquanto o Pe. Pedro Amauchi, SJ, administrava o cotidiano da instituição, o Pe. Guido del Toro dedicava-se à ampliação da obra. E uma carta do Pe. Marcelo Renaud, SJ, ao Pe. Guido del Toro, SJ, de 17 de janeiro de 1936, autorizava novas etapas da construção:

> *[...] que se continue a construir o edifício atual do Colégio, [prevendo-se] uma parte especial para os alunos que manifestam tal vocação sacerdotal ou religiosa.*

Até então, todo o prédio era visível da rua, pois não tinha muro. No ano seguinte, ganharia a proteção externa:

> *Em 1937 foi feita a construção do muro que cerca a propriedade. Um aterro considerável foi nivelando o pátio interno no limite com os lotes vizinhos* (GONZÁLEZ, 1983, p. 5).

Autoridades japonesas novamente visitariam o Colégio, reiterando a demonstração de consideração pelo trabalho educacional aos filhos de imigrantes japoneses. Em 1938, no local estiveram o Almirante Yamamoto e o Embaixador Setsuo Sawada.

Visita do Almirante Yamamoto ao Pe. Guido del Toro, SJ, 1938. Sala da Igreja de S. Gonçalo.

Visita do Almirante Yamamoto ao Colégio São Francisco Xavier, 1938.

Visita do embaixador Setsuo Sawada e do cônsul-geral Junzo Sakane no Colégio, 1938.

Essas visitas de autoridades japonesas ocorriam, no entanto, em meio a turbulentos tempos para os imigrantes japoneses no Brasil.

O contexto da década de 1930 foi permeado por um conjunto de restrições aos imigrantes japoneses e seus descendentes. Restrições que incidiam sobre a vinda de novos emigrantes e também sobre uma série de características e manifestações identitárias das comunidades imigrantes.

> *[...] desde a campanha nacionalizadora de Vargas, em 1938, uma série de medidas foram tomadas [entre as quais] as que regulamentavam a escola, as atividades associativas, a utilização da língua, obrigatoriedade do serviço militar para os filhos de imigrantes, ocupação das sedes dos clubes e sociedades, proibição de publicações, periódicos, transmissões de rádio etc., em língua estrangeira* (SHIZUNO, 2010, p. 84).

Em 1938, no dia 25 de dezembro, escolas de língua estrangeira foram fechadas, entre elas, 219 japonesas (HANDA, 1987).

Além da própria atividade pedagógica ter sido afetada, com o Decreto n. 406, de 4 de maio de 1938, a direção do Colégio teria que ser modificada. Em seu artigo 41, o Decreto estabelece:

> *Nos núcleos, centros ou colônias, quaisquer escolas, oficiais ou particulares, serão sempre regidas por brasileiros natos.*

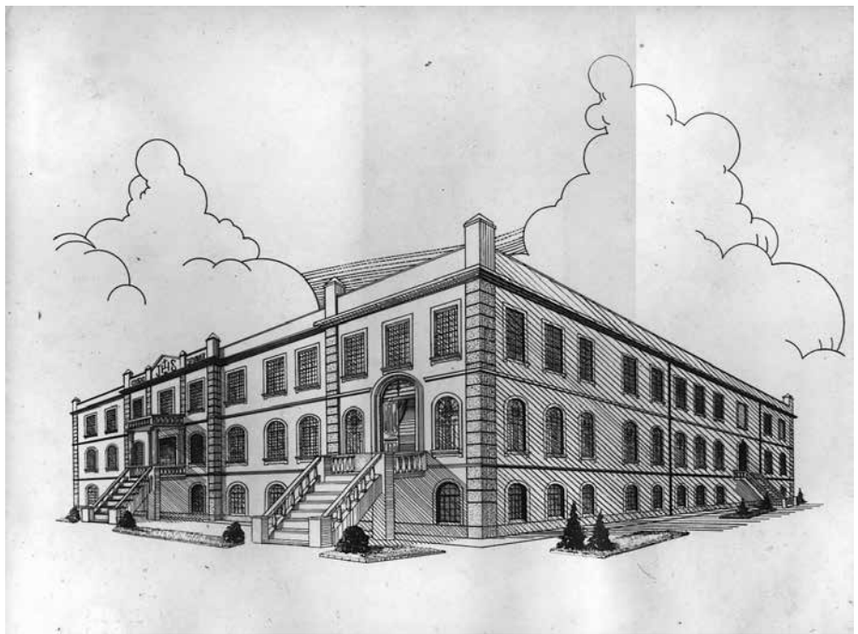
Dessa forma, o Pe. Pedro Amauchi, SJ, não poderia mais continuar na direção-geral do Colégio, já que se exigia que o cargo fosse ocupado por "brasileiro nato".

Com a proibição de estrangeiros responderem pela direção da escola, ou serem seus proprietários, Dona Yone Beccherini, diretora do Primário, iria assumir a direção-geral.

Assim, em 1938, foi assinado

> *[...] um convênio com as autoridades municipais que [forneceram] cinco professoras diplomadas e pagas pelo poder público, na previsão de 150 alunos no curso primário* (GONZÁLEZ, 1983, p. 3).

Teria início uma nova fase do Colégio.



Fachada do Colégio São Francisco Xavier.

CONVÊNIO COM A SECRETARIA DA EDUCAÇÃO (1938-1960)

Apesar da mudança de gestão, as obras de ampliação do Colégio se mantiveram, sempre mediante avaliação e autorização da Província do Brasil Central. Em algumas situações, os serviços referiam-se a acabamentos ou complementos do edifício principal.

Assim, em carta de 23 de junho de 1939, endereçada ao Pe. Guido del Toro, SJ, foi autorizado o revestimento da fachada do Colégio. Seguindo-se, conforme carta de 26 de agosto de 1939, a aprovação para a construção de uma área coberta no pátio do Colégio, obra orçada em um conto e duzentos mil réis (Rs. 1:200$000). Além de importante abrigo na hora do recreio, os esportes também poderiam ser praticados especialmente em dias de chuva. Afinal, como dizia o Pe. Guido del Toro, SJ, "o pensamento dominante deles era jogar bola" (1954, p. 40).

As práticas esportivas eram, sem dúvida, ansiosamente esperadas pelos alunos. Tanto as disputas internas quanto as competições intercolegiais, conforme anotação do *Diário: 1941-1950*, de 24 de agosto de 1941:

> *Oito meninos do nosso Colégio foram competir com os do Colégio Arquidiocesano dos Maristas e se fizeram [vitoriosos].*

Para a execução das obras, o Colégio dependia essencialmente de colaborações e apoios. E, novamente, o governo japonês, participaria desse processo. A Embaixada do Japão, por meio do Consulado-Geral de São Paulo, informou, em 1940, que seriam entregues 5:000$000 (cinco contos de réis), recursos que contribuíam para proporcionar uma condição mais adequada à atividade educacional e de evangelização.

Os alunos, beneficiários prioritários desse novo aporte, totalizavam 398 em 1941, sendo 374 do curso primário e 24 estudantes em outras escolas onde havia o ginásio, conforme registro no *Diário: 1941-1950*.

Além das obras voltadas aos alunos, cuidava-se também do acolhimento aos padres. Em função disso, no dia 5 de maio de 1940, o Pe. Visconti, Superior de residência de São Gonçalo, em anotação do *Diário: 1941-1950*,

> *deu a bênção à "pedra fundamental" da futura residência dos padres que tomarão conta do Colégio São Francisco Xavier.*

Um ano depois, em abril de 1941, no dia 27,

> *houve uma solenidade de inauguração da nova casa – rua Marchetti 57 – anexa ao Colégio.*

Transferindo-se da Igreja de São Gonçalo para o Ipiranga, o Pe. Guido del Toro, SJ, a partir dessa data iria se fixar no Colégio São Francisco Xavier.

Apesar do propósito da Embaixada do Japão de fazer o aporte financeiro, vivia-se um momento bastante problemático no cenário da relação dos países, em razão da deflagração da Segunda Guerra Mundial, em 1939. Poucos anos depois ocorreria o rompimento das relações diplomáticas entre Brasil e Japão.

Entre diversas consequências, em fevereiro de 1942, os japoneses foram expulsos do bairro da Liberdade e, em setembro, tiveram que cumprir ordem de evacuação compulsória.

> *No dia 6 de setembro, outra vez foi ordenada a desocupação nas redondezas da rua Conde. Diziam que daquela vez a ordem atingiria as pensões e as casas comerciais. Será que aquela típica região chegava ao fim? ... Mudar, mas mudar para onde?! A maioria não tinha dinheiro nem para mudança, e todos estavam agoniados, sem saber o que fazer. O prazo era de dez dias e as famílias que receberam a ordem de evacuação [...]* (HANDA, 1987, p. 638).

É possível que algumas dessas famílias tenham vindo para o Ipiranga e seus filhos, assim, foram estudar no Colégio São Francisco.

Além de situações como esta, com possível repercussão na procura pelo Colégio, os alunos do interior continuavam a chegar, como consta no *Diário*, de 5 de janeiro de 1943:

> *[Dia 5 de janeiro] Volta do Sr. Diretor Amauchi [que, apesar de não ser mais o diretor-geral, mantinha atividades vinculadas ao Colégio], duma viagem ao Paraná. Veem 2 novos alunos. De Cotia [...] chegam 3 alunos.*

Entre os vários alunos que passaram pelo Colégio, alguns se sobressaíram. É o caso de Yukishigue Tamura que, depois de aluno, viria a se tornar professor na instituição.

> *Em 1926, aos 11 anos, conheceu um padre jesuíta italiano, Guido del Toro, da Igreja São Gonçalo. Sua aproximação com o padre levou-o a converter-se ao catolicismo, influenciando também seus pais. Depois, em 1939, formou-se pela Faculdade de Direito, sendo o terceiro nipo-brasileiro a obter diploma no Largo São Francisco. Após formar-se, tornou-se professor no Colégio [São] Francisco Xavier [onde lecionou por oito anos], e advogado, defendendo os direitos de japoneses, italianos e alemães presos por suspeita de espionagem. A luta de Tamura pelos direitos dos imigrantes, vendo-os como cidadãos brasileiros, serve como indício para perceber a maneira como os valores católicos, considerados por ele universais, poderiam contribuir como fator unificador de uma identidade nacional* (KUHN, 2016, p. 75).

Congregados do Colégio São Francisco Xavier, novembro de 1945.

Pe. Guido del Toro, SJ, ao centro, acompanhado de um grupo de nipo-brasileiros, 12 de setembro de 1945.

Luis Yukishigue Tamura, aluno do Colégio São Francisco Xavier, futuro advogado e deputado federal.

Tamura, inclusive, teria sido o responsável pela libertação do Pe. Guido del Toro, SJ, retido por dois meses no Deops, em 1944,

> *acusado de ministrar catecismo em língua japonesa na Escola São Francisco Xavier, especializada em oferecer educação cristã a filhos de japoneses não budistas* (MORAIS, 2000).

Efetivamente o trabalho de evangelização do Pe. Guido del Toro, SJ, continuava, apesar das restrições à utilização da língua japonesa em escolas. E se, de um lado, o catecismo fazia parte da educação cristã, de outro, incentivava-se diferentes práticas religiosas, como as procissões, ocasiões em que os alunos do Colégio percorriam ruas do bairro do Ipiranga.

As imagens mostram alunos do Colégio em procissão do dia 31 de julho de 1945.

Mais dois momentos que mostram os alunos e a comunidade acompanhando a procissão do dia 31 de julho de 1945 pelo bairro do Ipiranga.

As atividades educacionais e de evangelização que estavam colhendo frutos no Colégio, no bairro do Ipiranga, passaram a ser vislumbradas para outro local.

Marília, no interior do estado de São Paulo, tornou-se o local escolhido. Em meados da década de 1940, havia o propósito de construir uma unidade do Colégio nesta cidade, conforme registro no *Diário* de abril de 1945:

> *Voltou de Marília o Pe. Guido del Toro, SJ. Esteve lá para procurar um terreno para comprar e fazer aí uma seção do Colégio São Francisco Xavier.*

Enquanto esse horizonte de futura expansão para o interior não se concretizava, as obras no Ipiranga continuavam, segundo o *Diário: 1941-1950*:

> *[Dia 8 de julho de 1946] Neste dia começou a construção da casa dos padres, pegada à Capela do colégio.*

Carta de 6 de fevereiro de 1947, da Provincial da Companhia de Jesus no Brasil Central, dirigida ao Pe. Guido del Toro, SJ, aprovando a continuação da construção da ala principal do Colégio.

As diferentes obras de ampliação e finalização do Colégio se justificavam. Desde sua fundação, o prédio abrigava essencialmente alunos do curso primário. Mas havia outra perspectiva: acolher os alunos que, concluindo o curso básico, precisavam ser encaminhados para outros colégios por não dispor do ginasial.

Essa situação iria se alterar em 1950, 22 anos após a fundação do Colégio.

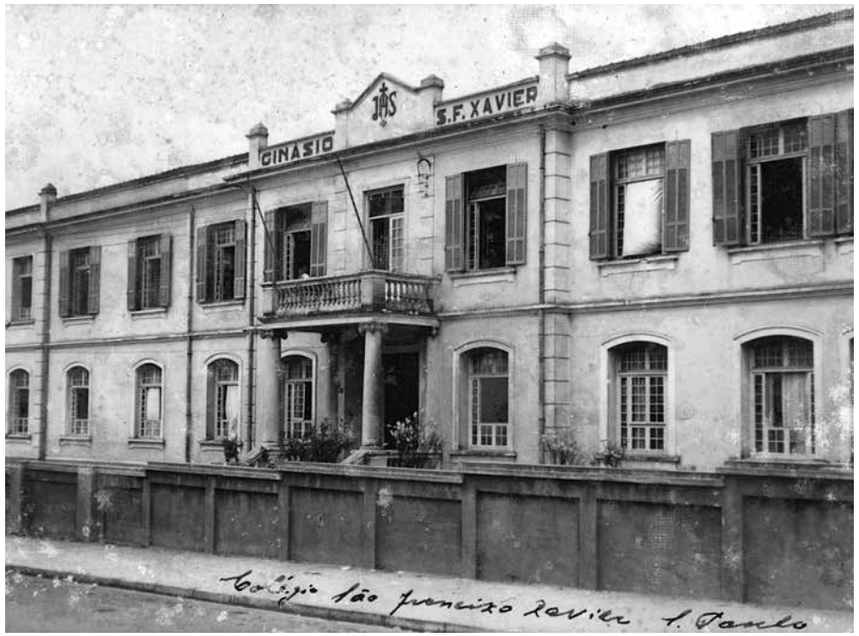
Nesse ano, o Departamento de Ensino Secundário expediu autorização para o funcionamento condicional do "Ginásio São Francisco Xavier", podendo assim funcionar com

> *O primeiro ciclo de ensino secundário, conforme Portaria Ministerial nº 89, de 18/2/1905, do Ministério da Cultura. Em pouco tempo, já havia cerca de 250 alunos matriculados no ginásio* (LIMA, 2020, p. 74).

O Colégio dava mais um importante passo para sua consolidação como instituição de ensino.

Alunos do curso primário do Colégio em dia de batismo / primeira comunhão.

Alunos do curso primário.



Dois ângulos da fachada do Colégio (s.d.).

Fachada do Colégio. Tempos em que uma linha de bonde passava ao lado (s.d.).

DO GINÁSIO À AUTONOMIA: PADRE INÁCIO TAKEUCHI, SJ (1951–1959)

Em 1951, o Pe. Inácio Takeuchi, SJ, tornou-se reitor do Colégio São Francisco Xavier, retomando a prática, iniciada com Shinto Aoki, continuada pelo Pe. Pedro Amauchi, SJ, de ter em sua direção japoneses jesuítas.

O vínculo do Pe. Inácio Takeuchi, SJ, com o Colégio havia se iniciado há 15 anos. Em carta de 17 de janeiro de 1936, o Pe. M. Renaud, SJ, escreve para o Pe. Guido del Toro, SJ, conforme registro no *Diário: 1941-1950*:

> *Não recebi até agora senão duas informações dos Padres que deviam examinar o candidato Takeuchi.*

O então candidato Takeuchi, nesse mesmo ano,

> *após dedicar-se aos estudos de português e latim, ingressou no noviciado dos Jesuítas* (PANIB, 2018).

Esse era o seu objetivo. Para isso veio ao Brasil, onde chegou em meados da década de 1930.

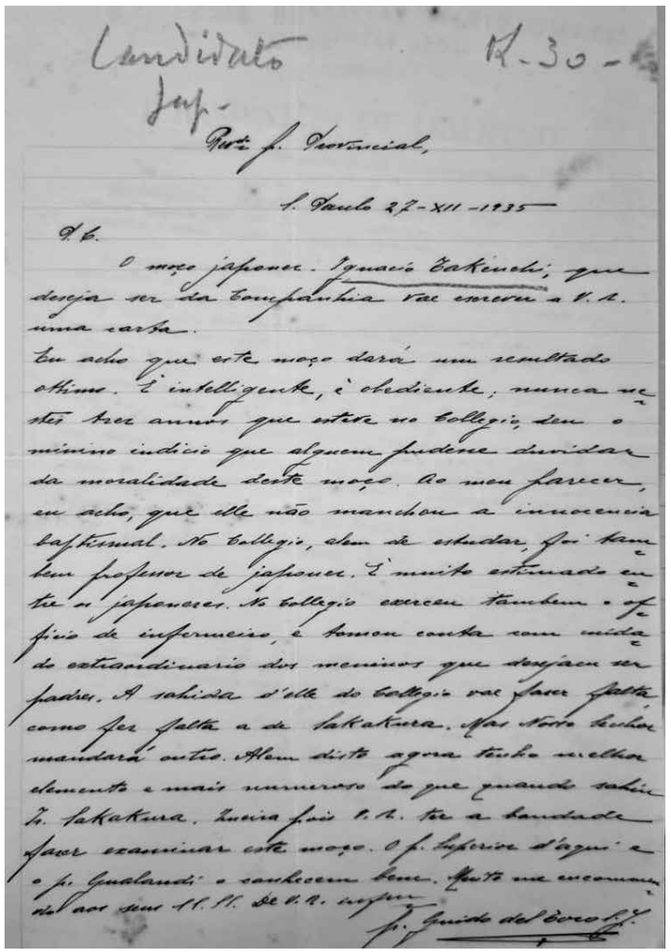
Nascido em Sapporo, Hokkaido, no dia 1º de abril de 1909, recebeu, em 1933, o batismo em segredo – devido ao fato de seus pais serem budistas e ele ter recebido os ensinamentos da doutrina católica. Pretendendo tornar-se sacerdote, escolheu o Brasil para emigrar. Chegando em São Paulo, tinha como destino o Colégio São Francisco Xavier, onde o aguardava o Pe. Guido del Toro, SJ.

Realizados os exames, ingressou no noviciado dos Jesuítas, em Nova Friburgo, estado do Rio de Janeiro, concluiu o curso de Filosofia e, posteriormente, o curso de Teologia, em São Leopoldo, estado do Rio Grande do Sul. Em 1945, realizou seu propósito, tornando-se o primeiro sacerdote japonês ordenado no Brasil.

Após estudar na Universidade Gregoriana, retornou ao Brasil, tornando-se, em 1951, reitor do então Ginásio São Francisco Xavier. Na capital paulista, conviveria somente mais um ano com o Pe. Guido del Toro, SJ, até então o principal protagonista pela trajetória do Colégio, e que, em 1952, viajaria para a Europa.

Em seu livro *Missão dos Japoneses em São Paulo*, Pe. Guido del Toro, SJ, registrou a obra que deixava para o Pe. Inácio Takeuchi, SJ, e para os jesuítas japoneses que estavam no Colégio:

Quando, no dia 31 de julho de 1952, entreguei a Missão Japonesa de São Paulo aos Jesuítas nipônicos que eu mesmo encaminhara ao Sacerdócio, as atividades que lhes deixava eram as seguintes:
- Escola São Francisco Xavier, seção masculina
- Escola São Francisco Xavier, seção feminina
- Orfanato de meninos, anexo do Colégio do Ipiranga
- Orfanato de Meninas, anexo ao Colégio D. Carolina Tamandaré
- Ginásio com alunos brasileiros e japoneses (DEL TORO, 1954, p. 47)


Candidato
Jap.
R-30-
Rmo P. Provincial,
S. Paulo 27-XII-1935
P.C.
O moço japonez. Ignacio Takeuchi, que deseja ser da Companhia vae enviar a V. R. uma carta.
Eu acho que este moço dará um resultado optimo. É intelligente, é obediente, nunca se teve tres annos que esteve no Collegio, sem o minimo indicio que alguem pudesse duvidar da moralidade deste moço. Ao meu parecer, eu acho, que elle não manchou a innocencia baptismal. No Collegio, alem de estudar, foi tambem professor de japonez. É muito estimado entre os japonezes. No Collegio exercen tambem o officio de enfermeiro, e tomou conta com uida do extraordinario dos meninos que desejam ser padres. A sahida d'elle do Collegio vae fazer falta como fez falta a de Sakakura. Mas Nosso Senhor mandará outro. Alem disto agora tenho melhor elemento e mais numeroso do que quando sahiu P. Sakakura. Nunca foi V. R. tão a bondade fazer examinar este moço. O p. Inferrera d'Aqui e o p. Gualandi o conhecem bem. Aqui me encomendo aos seus SS. SS. de V. R. in Xpo
p. Guido del Toro S.J.

Carta do Pe. Guido del Toro, SJ, para o Provincial da Companhia de Jesus, 27/12/1935. Arquivo da Companhia de Jesus.

Ao apito do Prefeito, os alunos vão se enfileirando, 1953.

Pintura do Monte Fuji feita pelo Pe. Paulo Doi, 1953.

O Pe. Inácio Takeuchi, SJ, tinha consciência da obra realizada pelo Pe. Guido del Toro, SJ, e de toda experiência acumulada.

Assim, dois anos após sua viagem, o reitor lhe escreve para fazer uma consulta, conforme carta de 22 de outubro de 1954:

> *Padre Guido, o senhor não quer trabalhar mais conosco? Outro dia, falando com a Dª Celina tocamos neste ponto. Seria tão bonito e tão natural e humano voltar para S. Paulo a fim de ajudar outra vez a Missão Japonesa.*

Sem dúvida, a vida e obra do Pe. Guido del Toro, SJ, qualificava-o substancialmente para ser requisitado novamente para a Missão Japonesa.

Desde a assunção do Pe. Inácio Takeuchi, SJ, como reitor, o Colégio passou a contar com nova estrutura de pessoal. A equipe diretiva, além do reitor, era formada por José Furuzava, Martinho Kawazaki e Pedro Yoshiura. Conforme matéria publicada no jornal *Folha da Manhã*, em 27 de dezembro de 1955, sob o título "Um sacerdote italiano deu início à catequese nos japoneses no Brasil", somavam-se

> *muitos "irmãos", não formados, ainda estudando, [ministrando] as aulas [e] Jesuítas que jogam bola com seus alunos.*

E prossegue a detalhada matéria sobre o Colégio:

> *São setenta os alunos internos, japoneses ou filhos de japoneses. Externos, há setecentos educandos [considerando o conjunto das instituições], de todas as raças. Os cursos são normais de primário, ginásio e colégios. Boas canchas de futebol e de bola ao cesto. Os mestres de olhos oblíquos são quase rapazes também. E fazem esporte, divertem-se, jogam bolinhas com seus alunos, tão semelhantes a eles e entre si. Existe uma ausência de formalismo entre professores e educandos, muito agradável. A tradicional cortesia nipônica, porém, subsiste de ambos os lados, amenizando a vida. O garoto Yamashiro é sampaulino. E o padre é corintiano. Mas eles não brigam por isso, que esporte é esporte.*
>
> *O Colégio São Francisco Xavier é como muitíssimos outros de São Paulo e do mundo. A diferença está em que é um educandário religioso em que todos os padres educadores são japoneses. E que, mais que um colégio, é uma missão. [...]*
>
> *Padre Yoshiura [...] revela ao repórter que a finalidade principal do colégio não é somente ensinar e muito menos fazer dinheiro. [O] educandário é o "Centro da Missão Japonesa no Brasil" [uma obra que havia conseguido diretamente] a conversão de uns dez mil compatrícios já batizados. Indiretamente, pelo encaminhamento da vocação dos pequenos "nisseis" para a obra apostólica. [Padre Yoshiura considera que a] criança é um centro de irradiação no lar. Um menino crescendo cristão, religioso, é uma família conquistada pela missão. Não raro [papais e mamães são] trazidos pelas mãos dos pequenos* (FOLHA DA MANHÃ, 27/12/1955).

O processo educativo integrava-se à formação cristã dos alunos dentro do Colégio e em suas casas.

> *Em decorrência, gradualmente, as famílias passaram a participar mais da escola, das atividades escolares e religiosas* (LIMA, 2018, p. 57).

Alunos do Colégio atuam na dramatização de *São Francisco Xavier*, 1955.

Equipe da Congregação Mariana do Colégio São Francisco Xavier, 1955.

Retiro Espiritual, 1955.

Pe. Inácio Takeuchi, SJ, em evento do Colégio, 1955.

Situado na colina do Ipiranga, o Colégio não ficava distante do Museu Paulista, onde as visitas realizadas pelos alunos provavelmente já ocorriam. Uma dessas visitas acabou fazendo parte de uma filmagem.

Mazzaropi, um dos grandes nomes do cinema nacional em 1956, e sua equipe estavam realizando no Museu as filmagens de *O gato de madame*. Em determinada cena, o protagonista, para fugir de uma perseguição, mescla-se aos alunos do Sanfra no momento em que estão subindo as escadas da instituição. Lá dentro, Mazzaropi continua a se disfarçar misturado ao grupo, visitando os ambientes.

A seguir, a imagem do filme em que uma de suas sequências faria os alunos do Colégio parar nas telas de cinema. É possível reconhecer quais alunos estiveram lá?

Fotograma do filme *O gato de madame*, com a participação dos alunos do Colégio São Francisco Xavier. Acervo da Cinemateca Brasileira. FB_0642_007.

Esse vínculo circunstancial com uma atividade artístico-cultural ocorreria, de outra forma, também no interior do próprio Colégio em 1957. O Pe. Inácio Takeuchi, SJ, foi um grande incentivador da associação cívico-religiosa Círculo Católico Estrela da Manhã, que congregava jovens nisseis, e cuja origem, em 1953, ocorreu na cidade de Presidente Prudente. Em 1957, chegaria à capital paulista

> *sob a sábia orientação do padre Inácio Takeuchi [...] reitor do Colégio São Francisco Xavier e Superior da Missão Japonesa em São Paulo, além de grande incentivador do movimento circulista. No primeiro ano de atividade, esse primeiro núcleo circulista da capital funcionou no Colégio São Francisco Xavier* (FUGITA, 2008, p. 113).

Esse dinamismo que o Pe. Inácio Takeuchi, SJ, procurava imprimir no ambiente escolar estendeu-se para outras iniciativas. Os pais de alunos, que já vinham se aproximando das questões escolares e religiosas, passaram a dispor de um vínculo mais estruturado e contínuo com o Colégio.

> *No ano de 1957 foi fundada a A.P.M., com reuniões periódicas e debates de temas educacionais e estudo específico da realidade da escola com boa porcentagem de alunos e famílias nisseis e japonesas. [Complementarmente, a] Academia de Judô foi também um atrativo para os nisseis, que serviu como rampa para a Congregação Mariana* (GONZÁLEZ, 1983).

Eram ações que vislumbravam, além dos resultados específicos, uma integração mais efetiva dos nipo-brasileiros e de toda comunidade educativa. Essa questão ganhou realce especial em 1958, quando se comemorava o cinquentenário da imigração japonesa no Brasil.

> *O príncipe Takahito Misaka visitou São Paulo, Rio e Brasília, que ainda estava sendo construída e observou com muito agrado a assimilação enriquecedora dos valores humanos brasileiros pelos nipo-brasileiros* (GONZÁLEZ, 1983).

E o Colégio São Francisco Xavier, desde sua fundação, firmou-se como um dos importantes pilares – especialmente no âmbito educacional e religioso – de promoção dessa assimilação.

Ainda por ocasião das celebrações do cinquentenário, o Pe. Inácio Takeuchi, SJ, fez o lançamento de campanha destinada à construção da ala ao longo da Rua Padre Marchetti, compreendendo a igreja e o salão de artes. E ainda durante seu reitorado, o último bloco de construção do Colégio recebeu um acabamento sóbrio e funcional.

> *No térreo, o teatro, garagem, quartos e área de serviço; no primeiro pavimento, o refeitório, cozinha e despensa; nos três andares superiores, a igreja, 24 quartos para os professores e missionários, biblioteca, um belo terraço coberto e uma sala grande* (GONZÁLEZ, 1983).

Para a viabilização dessas obras, elaborou-se um contrato mútuo, aceito por grande parte das famílias, que adiantaram o valor equivalente a um ano do curso ginasial.

Posteriormente, com o empenho do Pe. Inácio Takeuchi, SJ, de seus auxiliares e amigos, a fachada leste do Colégio, ao longo da Rua Vicente da Costa, foi finalizada.

> *Amplas salas bem arejadas e soleadas, devidamente recuadas e isoladas dos ruídos das ruas [e que] oferecem condições de absorção plena dos conhecimentos culturais e prática dos trabalhos educativos* (GONZÁLEZ, 1983).

As mudanças implantadas em 1938, quando foi estabelecido um convênio entre a Secretaria de Educação do Município de São Paulo, vigoraram até 1960. Com a vigência das cláusulas do contrato encerrada, o Colégio pôde exercer sua maior autonomia para retomar as características da educação jesuíta. A partir de então, nessa nova condição, houve significativa mudança na dinâmica do Colégio e de sua comunidade educativa.

Foram retomadas as características da tradição da educação jesuíta. Entre elas, a implantação do ensino religioso do curso primário dentro das salas de aula.

A fim de que se pudesse implementar melhor qualidade de ensino, foi proposto às famílias o pagamento de uma modesta anuidade. Como houve concordância, as professoras puderam ser remuneradas pelos jesuítas. Com o trabalho educativo ganhando maior expressão e visibilidade, o Colégio passou a ser procurado pela classe média, cujas condições permitiam investir em uma educação mais qualificada.

Paralelamente, houve um incremento na dinâmica das ações e associações formativas, especialmente as voltadas aos jovens. Floresceram a Cruzada Eucarística, Congregação Mariana, Josefu-kai e Escoteiros, entre outras. Passaram a ser programados eventos que congregassem e aproximassem os alunos: retiros espirituais, dias de formação de grupos, festas litúrgicas, romarias e Páscoa. E, ao mesmo tempo, realizavam-se festas, formaturas e festivais esportivos.

Essas e outras iniciativas, nas quais havia a participação de pais, mestres e alunos, bem como entidades convidadas, tinham como perspectiva promover uma oferta de possibilidades de integração, vivência e reflexão que contribuíam significativamente para aprimorar o ambiente educacional.

O Pe. Inácio Takeuchi, SJ, foi diretor do Colégio São Francisco Xavier entre 1951 e 1959 e, simultaneamente, superior da Missão Japonesa entre 1956 e 1968.

> *[Pe. Takeuchi] acompanhou passo a passo e intensificou o desenvolvimento progressivo do Colégio e foi seu diretor responsável ante as autoridades oficiais da Secretaria da Educação, mediante convênio firmado em 20.10.1958 e respondeu por este cargo até 1975* (GONZÁLEZ, 1983, p. 14).

PADRE ÂNGELO BANKI, SJ (1961-1965)
RETOMADA DA EDUCAÇÃO JESUÍTA

Pe. Ângelo Banki, SJ, que se tornou reitor do Colégio São Francisco Xavier em 1961, contava com orgulho que

> *foi o primeiro sacerdote a celebrar uma missa no topo do Monte Fuji, o mais alto do Japão, em 1954* (MATSUO, 2018, p. 313).

Filho de emigrantes japoneses provenientes de Hiroshima, que chegaram ao Brasil em 1914, Ângelo Banki nasceu em 12 de julho de 1927, no município de Santa Cruz do Rio Pardo (SP). Foi o sétimo de dez filhos. Seu vínculo com o Colégio São Francisco Xavier teve início quando decidiu ser padre, em 1937.

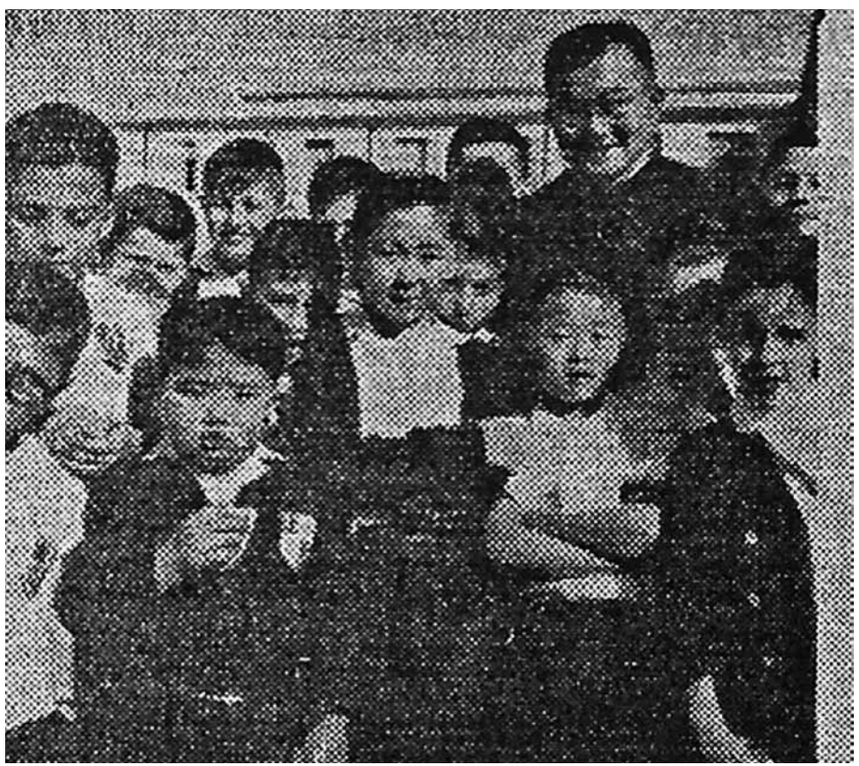
> *[...] o menino Ângelo, aos 10 anos, não teve dúvidas quando o pai lhe perguntou se não queria ser padre. Rapidamente disse sim e pela primeira vez calçou um par de sapatos para ir estudar na capital* (FOLHA DE LONDRINA, 6/8/2009).

Da mesma forma que outros alunos do período, continuou seus estudos no Colégio Anchieta, no Rio de Janeiro. Seguiu para o Japão, onde cursou Teologia por conta de bolsa de estudos proporcionada pelos padres jesuítas. Na Catedral de Tóquio, foi ordenado no dia 18 de março de 1959. Dois anos depois, tornou-se reitor do Colégio São Francisco Xavier.

> *A partir de 1961, toda a orientação e programação do Colégio, tanto na parte educacional como na administrativa passou a ser assumida pelos Padres Jesuítas de acordo com a tradição educacional da Companhia de Jesus* (GONZÁLEZ, 1983).

Essa mudança foi fundamental para, entre outras consequências, o Colégio aumentar o número de matriculados. Se, em 1960, eram 375 alunos, no ano seguinte – já sob a recondução dos jesuítas à gestão da instituição – eram 672. Efetivamente o reconhecimento da tradição educacional jesuíta refletia-se no substancial crescimento das matrículas. É nessa atmosfera de redirecionamento administrativo e educacional que o Pe. Ângelo Banki, SJ, assumiu o Colégio. E os desdobramentos dessa nova condição, seriam visíveis. Com esse renovado perfil, até 1965 – quando se encerrou seu reitorado –, o número de matriculados chegaria a 901.

Até o ano de 1961, o Colégio manteve convênios com o Estado para a implantação de cursos profissionalizantes. Nesse ano, duas modalidades foram definidas: Auxiliar Técnico de Eletrônica e Auxiliar de Laboratório de Análises Químicas, as quais foram extintas em 1982.



Pe. Ângelo Banki, SJ, entre alunos do Colégio (s.n.; s.d.).

Teria a instalação desses cursos alguma relação com o fato de em 20 de dezembro de 1961, por meio da Lei nº 4.024 – primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) –, permitir àqueles que concluíssem esses cursos de educação profissional continuar seus estudos no ensino superior?

Ao lado dos estudos e da formação dos alunos, a prática de atividades físicas continuava a ser um momento de grande mobilização. E o futebol, a que despertava maior interesse.

O Colégio, que durante o reitorado do Pe. Ângelo Banki, SJ, teria seu prédio praticamente concluído, dispunha de uma área disputadíssima: o pátio de chão batido onde se jogava futebol.

> *[...] e o tempo inteiro do recreio era ocupado por aquela movimentação entusiasmada e incansável, que não tinha fim. [...] O pátio-campo era de terra. Todo de terra. E, sobre ela, corriam sem parar [...] no horário dos recreios, ávidos por mais um período de brincadeira com a bola. Imagine-se o estado que chegavam em casa esses entusiastas do esporte bretão! E a perplexidade das mães ao verem o estado do uniforme de seus filhos!* (LIMA, 2018, p. 148).

Dessa constatação é que nasceria, em um futuro próximo, o novo uniforme dos alunos. E, claro, providencialmente, cor de terra...

O futebol reinava. Entretanto havia outras práticas com os quais os alunos se identificavam bastante. Mas não só: práticas que resultavam em demonstrações que atraíam familiares, a comunidade educativa e moradores do bairro. E, nos anos iniciais da década de 1960, um professor conseguiu um excelente trabalho com os alunos.

> *Disciplinado, mas tolerante – conseguir chamar a atenção [dos alunos] adequadamente –, carismático e cativante, o professor Ary Melega, de Educação Física, sabia que treino, preparação e disciplina eram palavras mágicas.*
> *[Treinavam] ao longo dos meses, duas aulas por semana. [...] Mas havia uma particularidade: eles não treinavam juntos. Cada classe treinava separadamente, cada uma em um dia e em horários diferentes. Tudo era feito com muito cuidado para que, lá na frente, houvesse um grande entrosamento.*
> *[No grande dia, em torno do campo de futebol estavam os alunos] Alinhados, uniformizados e vestidos de verde e azul.*
> *[Na ginástica rítmica] se destacava a total coordenação entre todos os participantes. [...] Tudo muito bem sintonizado, com os exercícios no tempo exato da música. [...] Haviam conquistado, de forma brilhante, uma sintonia perfeita!* (LIMA, 2018, p. 168-169).

A "mágica" do professor em fazer um treinamento com as classes separadas, mas que levaria a um resultado surpreendentemente belo e coordenado, traduzia o empenho do Colégio em desenvolver, por meio de suas disciplinas, um espírito colaborativo.

Tendo estudado no Colégio entre 1956 e 1959, cursando o primário, e de 1961 a 1964, no ginásio, Rafael Lebre Júnior relembra algumas pessoas e situações do período em que o Pe. Ângelo Banki foi reitor:

> *[...] Era um estudo bem puxado [e] na missa, aos domingos, não se podia faltar. A caderneta era carimbada pelo Padre [Fernando Maria Álvarez de] Miranda. [Aprendeu] a cantar [canto lírico] aqui na escola, com marchas e música religiosa [em função das missas]. Com o professor Ary Melega era puxado mesmo. [...] Quando tocava algum hino, havia o infalível peito prá fora, barriga prá dentro. [E da convivência no Colégio lembra-se que] isso, de cumprimentar com um aperto de mão firme e olhando nos olhos, eu aprendi também aqui* (LIMA, 2018, p. 34-35).

Lembranças e fatos marcantes para antigos alunos que ajudam a reconstruir momentos da história do Colégio.

Dois momentos da Comunhão Pascal dos Nisseis,
no Colégio São Francisco Xavier, junho de 1961.

PADRE ANDRÉ MASSAO OZAKI, SJ (1965-1971)
UM COLÉGIO TAMBÉM PARA MENINAS

Em substituição ao Pe. Ângelo Banki, SJ, o Pe. André Massao Ozaki, SJ, torna-se, em 1965, o novo reitor do Colégio onde já havia lecionado Matemática, Latim e Geografia entre 1953 e 1956. Nesse ano, foi ao Japão estudar Teologia, até 1959, formando-se sacerdote.

André Massao Ozaki nasceu em Cotia, em 1927, vindo a estudar no Colégio São Francisco Xavier em um período de grande interesse dos alunos, inclusive ele, em dar continuidade aos estudos na Escola Apostólica do Colégio Anchieta, no Rio de Janeiro. Coincidentemente, a inclinação para a vida religiosa ganhou especial relevância durante seu reitorado. Nesse período, houve um despertar nas vocações dos alunos que desejavam se tornar padres.

Para alguns alunos, de condição mais simples, era um meio de, encerrado o ciclo no Colégio São Francisco Xavier, poderem continuar seus estudos, pois necessitavam de recursos para fazer a Escola Apostólica do Colégio Anchieta, em Nova Friburgo, Rio de Janeiro. Segundo o Pe. André Ozaki, "o Colégio indicava e depois ajudava financeiramente essas pessoas. Assim, a família não precisaria arcar com despesas. Quem os sustentava era a Missão".

O tema religião se mostraria uma presença permanente na vida do Pe. André Massao Ozaki, SJ, não somente pela própria trajetória mas também pelas características de seu reitorado – com aumento do interesse por vocações – e um estudo permanente sobre o tema. Não sem razão escreveria o livro *As religiões japonesas no Brasil*, em 1990, publicado pela Edições Loyola.

No ano seguinte ao início de seu reitorado, ocorre uma importante conquista para alunos, professores e comunidade educativa. O Ministério da Educação e Cultura, instalado em Brasília desde 1966, atendeu à solicitação e autorizou o funcionamento do 2º Ciclo (2º Grau). Essa autorização foi ratificada pela Inspetoria Seccional de São Paulo, por meio da Portaria nº 110, de 9/5/1966, passando a ser denominado "Colégio São Francisco Xavier". Com essa nova condição, foi possível aos alunos que assim desejassem dar continuidade aos estudos no próprio Colégio, o que de fato aconteceu, observando-se a evolução dos matriculados nos anos seguintes: em 1965, 901 alunos; em 1966, 952; em 1967, 1018.

Até meados da década de 1960, não se admitia meninas em escolas jesuítas. O ingresso de meninas, com a instituição da coeducação – e a adoção de classes mistas – era uma questão que vinha sendo discutida especialmente em decorrência das reformas eclesiásticas que ocorreram no Concílio Vaticano II, que incluíam a área educacional, bem como redefinições promovidas pela Companhia de Jesus.

Na *Constituição Pastoral - Gaudium et Spes - Sobre a Igreja no mundo actual*, integrante dos documentos do Concílio Vaticano II vamos encontrar referências mais incisivas, à época, sobre a questão da mulher e a educação.

> *Sem dúvida, os homens não são todos iguais quanto à capacidade física e forças intelectuais e morais, variadas e diferentes em cada um. Mas deve superar-se e eliminar-se, como contrária à vontade de Deus, qualquer forma social ou cultural de discriminação, quanto aos direitos fundamentais da pessoa, por razão do sexo, raça, cor, condição social, língua ou religião. É realmente de lamentar que esses direitos fundamentais da pessoa ainda não sejam respeitados em toda a parte. Por exemplo, quando se nega à mulher o poder de escolher livremente o esposo ou o estado de vida ou de conseguir uma educação e cultura iguais às do homem.*

Consequência dessas novas posturas, a Igreja Católica

> *alterou a sua posição acerca das escolas com classes mistas, para homens e mulheres, a partir das decisões do Concílio Vaticano II (1962-1965), quando - a partir destas novas posições - escolas católicas, aos poucos, passaram a oferecer classes com discentes de ambos os sexos* (CARRA, 2019, p. 556).

Nesse contexto, os colégios jesuítas deram início ao processo de implantação da coeducação. Os primeiros a admitir o ingresso de meninas foram dois colégios mineiros: Colégio Loyola, de Belo Horizonte, e o Colégio dos Jesuítas, de Juiz de Fora, ambos em 1967. A partir daí, foi gradualmente se disseminando entre os demais da Companhia de Jesus.

Nesse percurso, o Colégio São Francisco Xavier, atendendo ao pedido das famílias, começou a aceitar matrículas para alunas em 1969. Este fato

> *foi e continua sendo fator positivo no processo educativo de todos os adolescentes* (GONZÁLEZ, 1983).

Quarenta anos, desde sua fundação, sendo destinado unicamente aos meninos, o Colégio São Francisco Xavier iria proporcionar um ambiente para a descoberta de uma nova convivência dentro de seus espaços e suas rotinas. Um processo gradual de entrosamento. Que fatos marcantes, que renovações ocorreram desse novo aprendizado no ambiente escolar? Entre as mudanças físicas, foram providenciados

> *novos sanitários para os alunos, [...] reformados quando foi franqueada a matrícula para as meninas, tanto nos pátios como nos andares das aulas e vestiários* (GONZÁLEZ, 1983).

Mudanças no Colégio ocorriam em diferentes frentes de atuação. As raízes japonesas que alicerçaram sua fundação ainda se faziam presentes nas atividades, no acolhimento aos nipo-brasileiros, nas necessidades dos novos imigrantes. Por esse perfil – indissociado de sua própria história –, participou, temporariamente, de uma ação destinada aos imigrantes japoneses e filhos(as) que estavam em trânsito pelo Brasil. Essa dinâmica exigia algumas providências que puderam, em parte, ser atendidas pelo Colégio.

> *No ano de 1969 foi feito um pedido ao Pe. Takeuchi com resposta positiva. Neste ano iniciou uma escola japonesa [curso de nível médio, em classes especiais] com características específicas para filho(as) de imigrantes de permanência limitada no Brasil. Foi transferida no ano seguinte para Campo Limpo, em São Paulo. Professores enviados pelo governo japonês com a dupla finalidade de os alunos não sofrerem impacto desvantajoso no caso de reimplantação na pátria e também poder-se integrar na comunidade brasileira no caso de optar pela permanência no Brasil* (GONZÁLEZ, 1983).

A atenção à formação dos estudantes incluía desde as práticas mais visíveis no dia a dia, especialmente nas salas de aula, aos novos recursos que possibilitavam melhores condições, por exemplo, às atividades culturais e artísticas, e de apoio às aulas. É o caso de um piano Eckstein que foi entregue ao Colégio em 1969.

Se o novo equipamento era um recurso que exigia cuidados, o pátio continuava de chão batido... e era lá que os alunos corriam, driblavam, chutavam, rolavam... Afinal, o chão, para quem jogava futebol, era somente um detalhe. Para os uniformes de bermuda azul e camiseta branca, com detalhes em vermelho, era um convite para ficarem impregnados de terra. Até que...

Um grupo de mães decidiu, no início da década de 1970, criar uma comissão com um objetivo específico: fazer uma proposta para um novo uniforme do Colégio.

Apresentaram a ideia à Diretoria, que concordou. A fim de que as cores do uniforme ficassem compatíveis com a cor da terra, os alunos passariam a utilizar o novo uniforme. Foi assim que o futebol ditou as novas cores: calça marrom, da cor do chão, e camiseta bege – que permaneceriam por quatro décadas.

Durante a gestão do Pe. André Ozaki, SJ, foi fundada a Associação Japonesa São José Yosefukai, vinculada ao Colégio,

> *com o intuito de reunir as famílias para rezar, confraternizar e partilhar. Quem acompanhava o grupo era o padre jesuíta Richi Doi* (SANFRA EM REVISTA, 2019, ed. 3, p. 20).

Desfile de alunos do Colégio, 1969.

Desfile de alunos do Colégio, 1970.

Atividades esportivas, 1970.

Excursão para Foz do Iguaçu, 1970.

Grupo de Diálogo, 1970.

PADRE FERNANDO MARIA ALVAREZ DE MIRANDA, SJ (1971–1977)

Sucedendo ao Pe. André Ozaki, SJ, o Pe. Fernando Maria Alvarez de Miranda, SJ, foi reitor do Colégio São Francisco Xavier entre 1971 e 1977.

Iniciando sua gestão com 838 alunos, esse número teve uma redução para 681 em 1974. Atento a essa circunstância do Colégio, foi realizado um trabalho com resultado bastante frutífero. O número foi aumentando expressivamente e chegou a 1070 matriculados no ano de 1977.

O aprendizado dos alunos era permanente – uma experiência contínua, nos diferentes momentos e ambientes, dentro e fora da escola. E a disposição para essa aprendizagem foi um fator fundamental para a formação de uma bagagem em que se moldava os modos de ver, e rever, as circunstâncias da vida.

Assim, prontos para aprender e acrescentar novas questões às suas experiências, os alunos iriam vislumbrar novos horizontes durante as aulas de Educação Física do professor Orlando Morais, que trouxe um "mundo novo" para os alunos em 1974.

E tudo começou em torno do futebol, ainda intensamente praticado no "terrão". "Terrão" cuja longa vida se estenderia até 1978.

> *Com um grande conhecimento, clareza, honestidade e uma enorme vontade de ampliar o horizonte [dos alunos, o professor Orlando Morais] traz um 'mundo novo'. [...] havia um tanto de possibilidades além do futebol... Encantam-se com o que vêem pela frente: basquete, vôlei, handebol e tantas outras modalidades [vendo as projeções de slides]. Era muito estimulante* (LIMA, 2018, p. 174-175).

O fascínio não foi diferente com a chegada das Olimpíadas em Montreal, em 1976, nem com a preparação das Olimpíadas dentro do próprio Colégio.

> *A preparação era longa. Um ano inteiro de muita dedicação, de muito treino. Nas aulas de Educação Física do professor Orlando, os exercícios e os jogos eram gincanas permanentes para as Olimpíadas do fim do ano* (LIMA, 2018, p. 88).

Preparação, apresentação e, acima de tudo, confraternização.

Conforme o antigo aluno Jarbas Jorge Júnior, tudo isso

> *abriu minha cabeça, mostrando que o mundo é maior e existem outros caminhos em que podemos ter ou fazer escolhas na vida* (LIMA, 2018, p. 175).

A postura dos professores de trazer ferramentas para que os alunos pudessem imaginar horizontes e fortalecer valores para sua caminhada fazia parte de um esforço coletivo da equipe do Colégio que, anualmente, passava por uma reflexão conjunta para definir a condução do trabalho pedagógico.

No início de cada ano, professores se reuniam com a equipe diretiva e o Serviço de Orientação Educacional, além da equipe de inspeção, para a elaboração do Plano Escolar.

Na reunião para a elaboração do Plano Escolar de 1977, no mês de fevereiro, foram apresentados os temas para reflexão:

> *- De parte do professor e demais educadores da escola o que se exige para a formação integral do aluno?*
> *- Qual deve ser o relacionamento entre professor-educador e aluno?*
> *- Qual é a função da disciplina nas aulas?*

Um dos pontos basilares da época era a constatação de que o adolescente era também agente da própria educação. Proporcionar elementos para que o aluno se apropriasse dessa condição – por exemplo, motivar e acompanhar as pesquisas dos alunos – era uma das maneiras de o Colégio contribuir para esse processo.

Afinal, o trabalho educacional se fundamentava em um questionamento, conforme aponta o Plano Escolar de 1977: "Estamos formando verdadeiros agentes de transformação da sociedade?".

Após seu reitorado no Colégio São Francisco Xavier, o Pe. Fernando Maria Alvarez de Miranda, SJ, escreveu vários livros: *De Maria nunca basta* (Loyola, 1988), *Viver a bondade* (Loyola), *Confia, filho* (Loyola, 1983), *A família e o coração de Deus, Conhece o teu irmão, Cristo olha para você e lhe fala, Deus continua lhe falando*.

Desfile do Colégio São Francisco Xavier, julho de 1973.

Desfile do Colégio em frente ao Museu do Ipiranga, julho de 1973.

PADRE JOSÉ MARIA HERREROS ROBLES, SJ (1977-1982)
EDUCADOR E MISSIONÁRIO

Nascido em Burgos, Espanha, no dia 24 de maio de 1931, Pe. José Maria Herreros Robles, SJ, ingressou na Companhia de Jesus antes mesmo de completar 18 anos, em 14 de setembro de 1948. Em 14 de julho de 1962 foi ordenado presbítero.

Cultivava um propósito determinado de se tornar missionário – sua "segunda vocação". Assim, chegou ao Brasil no dia 12 setembro de 1963. Começou a aprender português e teve grande interesse em estabelecer um diálogo com a juventude.

> *Convém lembrar que, naqueles anos [à época de sua chegada ao Brasil, em 1963, anteriormente a esse data e anos seguintes], a Província Brasil Centro-Leste abrigava colônias de japoneses e de russos, ambos associavam-se em torno de missões específicas. Com os primeiros, Pe. Herreros manteve longo contato a partir do Colégio São Francisco Xavier, no bairro do Ipiranga, em São Paulo (SP). Na paz do Senhor* (REVISTA EM COMPANHIA, 2015, ed. 20, p. 29).

Após concluir sua formação jesuítica, em 1964, passou a dedicar-se intensa e continuamente ao Colégio São Francisco Xavier. Foi professor de Ensino Religioso (1965-1968), orientador espiritual dos alunos e consultor (1965-1976); diretor da Congregação Mariana, diretor do Grupo Vocacional, orientador dos Irmãos e funcionários, confessor e operário (1965-1969); consultor da Missão Japonesa (1969); orientador educacional (1973-1976); diretor da Pastoral (1974-1982); reitor do Colégio (1977-1982) e, simultaneamente, diretor acadêmico, entre 1977-1979. Manteve, posteriormente, o vínculo com o Colégio como orientador espiritual do Ensino Médio (1986-1988); vice-superior da Comunidade (1995-2002).

Pe. José Maria Herreros Robles, SJ, à esquerda na ermida de Viladordis, onde esteve Santo Inácio. Arquivo da Companhia de Jesus.

Ao mesmo tempo que mantinha suas primeiras funções no Colégio São Francisco Xavier, participaria ativamente de movimentos voltados aos jovens, como Cursilhos de Cristandade, Treinamento de Liderança Cristã (TLC), Movimento de Emaús. Participou do 1º Encontro dos Assistentes Espirituais dos Movimentos de Juventude do Estado de São Paulo, ocorrido em 1972; no ano seguinte, do 1º Encontro Nacional dos Responsáveis pela Pastoral da Juventude e, em 1974, da 1ª Assembleia da PJ do Regional Sul 1.

> *Na década de 70, Pe. Herreros promoveu inúmeros dias de formação e encontros de jovens, proporcionando a centenas de alunos um contato mais profundo com a mensagem cristã. Diversos grupos de jovens, que ele animava com sua cativante simpatia, foram formados depois desses encontros. No início da mesma década, ainda no difícil período da ditadura militar, foi um dos principais articuladores da Pastoral da Juventude da Arquidiocese de São Paulo, tendo sido por muitos anos o seu assessor no Regional Sul 1. Vários alunos, com seu incentivo, tiveram a oportunidade de participar das atividades pastorais e de conhecer os princípios da Teologia da Libertação e as experiências das Comunidades Eclesiais de Base* (FORMANDOS DO ENSINO MÉDIO, 1978 a 1981).

Mesmo durante seu reitorado no Colégio São Francisco Xavier, acumulou outras funções e manteve uma contínua, ativa e plena participação em instâncias, eventos e ações, cujo horizonte contemplava as evangélicas ações voltadas aos pobres e à juventude. E, após seu reitorado,

> *entre 1983 e 1995, alternou sua residência entre o Anchietanum, onde implementou e dirigiu um centro de pastoral de capacitação para jovens da Arquidiocese de São Paulo, e o Colégio* (FORMANDOS DO ENSINO MÉDIO, 1978 a 1981).

Em seu reitorado houve significativos avanços nas várias áreas do Colégio. A modernização de sua estrutura física foi um dos aspectos mais visíveis.

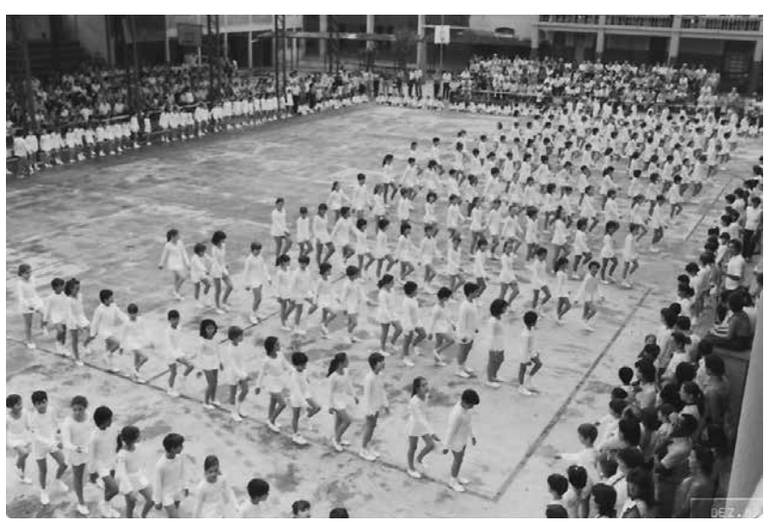
Da mesma forma que em gestões anteriores, o futebol era o esporte favorito dos alunos – seja como entretenimento ou como prática integrante das aulas de Educação Física.

E, novamente, o professor Orlando Morais trouxe uma novidade para os alunos em 1978: construir, no lugar do "terrão", uma quadra poliesportiva, incluindo quadra de handebol – e que seria então a maior de São Paulo. Houve uma resistência inicial. O "terrão" havia se tornado um patrimônio lúdico dos alunos, por tudo que representava nele o futebol. Colocada em votação, e superadas as divergências, a ideia foi aprovada. A quadra pronta representou, além de um aspecto da modernização do Colégio, a possibilidade de os alunos vislumbrarem novas perspectivas no esporte, nas atividades, nos relacionamentos e nos hábitos.

> *Trouxe uma outra visão e atitude diante da amplitude que uma mudança pode representar* (LIMA, 2018, p. 109).

Ao lado das novas perspectivas, a quadra ensejaria a inclusão de um evento no calendário esportivo do Sanfra: a Olimpíada Interna, cuja primeira competição ocorreu em 1980.

Festa de 50 anos do Colégio São Francisco Xavier, março de 1978.



Festa Ginástica na quadra poliesportiva, 1982.

Outras importantes mudanças ocorreriam, as quais foram fundamentais para o imprescindível e sensível apoio de integrantes da APM, de famílias e a realização de festas promocionais para conseguir as verbas necessárias.

> *No ano de 1978 foi feita a proposta da substituição do pensionato para rapazes [...]. Foi feita uma substituição dos locais por eles ocupados por um Centro de Pastoral, agora [1982] com salas, capela e demais dependências para atendimento de realização de encontros e cursos para alunos e outros grupos [...]. Colocação da cobertura metálica com telha transparente na área de recuo à entrada do colégio, os equipamentos de som e iluminação para os pátios e as duas áreas cobertas, o parquinho infantil. A pintura externa do colégio está concluída neste final de 1982* (GONZÁLEZ, 1983, p. 9).

Ao lado das questões construtivas do prédio, Pe. José Maria Herrero Hobles, SJ, estava muito atento à criação de mecanismos que ampliassem as oportunidades de acesso ao estudo no Colégio.

Assim, conseguiu implementar uma solução similar a um programa de bolsas sociais que proporcionou a várias famílias condições de poderem estudar seus filhos no São Francisco Xavier.

O modo como expressava sua atenção ao ser humano permeava grupos sociais e indivíduos. Desde questões estruturais da sociedade a circunstâncias as mais singelas.

> *O Padre Herrera ficava todos os dias dando atenção àquelas crianças cujos pais demoravam para ir buscar. Ele amarrava, perto da cantina e da quadra velha, uma corda num pneu e fazia um balanço... Era uma competição para balançar! Ele empurrava um a um. Eu morria de inveja, porque minha mãe nunca atrasava. Acho que só balancei uma vez. Era um Padre sorridente e carinhoso*" (ÉRICA SEQUEIRA, 2021).

Sua participação na formação dos alunos se dava de um modo ativo e intenso – e sempre muito presente.

> *[...] no final dos anos 70, na sua incansável Kombi, levava os alunos para Itaici e os ensinava pacientemente a arte do discernimento inaciano, como o primeiro retiro para alunos dos colégios jesuítas do Brasil e na primeira Semana Santa Jovem de Itaici* (FORMANDOS DO ENSINO MÉDIO, 1978 a 1981).

A obra do Pe. José Maria Herreros Robles, SJ, ficou marcada pela total dedicação à sua missão educacional e pastoral.

> *Servidor incansável, possuidor de inegável carisma e simpatia, Pe. Herreros cativou a todos com seu enorme espírito de desprendimento, disponibilidade, amor aos pobres, liberdade e, "para maior glória de Deus", sempre soube conciliar todos os serviços de animação da evangelização da juventude com as funções e responsabilidades atribuídas pela Companhia de Jesus, como Diretor e Reitor do Colégio São Francisco Xavier, no bairro do Ipiranga, onde até hoje é lembrado, com imenso carinho, por suas famílias, além dos serviços de orientação e animação vocacional dos candidatos à vida religiosa na Companhia de Jesus, e diversas outras funções na ordem jesuíta* (SÁ, 2015).

"Lembrado com muito carinho", sem dúvida, pois tornou-se uma referência para aqueles que com ele conviveram.

O resultado dessa convivência entre Pe. José Maria Herreros Robles, SJ, e aqueles que estudaram no Colégio São Francisco Xavier tem seu melhor registro no relato dos próprios alunos.

> *Pe. Herreros segue presente em minha vida. A forma como fui acolhido por ele na escola, seu compromisso pastoral na formação dos adolescentes, os retiros e viagens, sua paciência com os jovens – algo que não deveria ser fácil para um espanhol nervoso – e o compromisso com os pobres marcaram profundamente a minha forma de olhar o mundo* (EDSON MORAES, FORMANDO 1981).

> *Ingressei no Colégio no oitavo ano do ensino fundamental em 1978 e terminei o Ensino Médio em 1981. Pe. Herreros, ou "Pepe", como carinhosamente nos referíamos a ele, transformou a rebeldia sem causa de minha adolescência de forma definitiva. Com ele realizávamos campanhas de arrecadação de alimentos e agasalhos (em prol do Amparo Maternal e da comunidade de Heliópolis) pela vizinhança do Colégio. Não percebíamos na época, mas ali tínhamos lições de empreendedorismo, logística, gerenciamento de RH e, em meio a tudo isso, aprendíamos a ter solidariedade com os mais necessitados. Nas duas oportunidades que participei do projeto "Comunhão e participação com o povo", no qual passávamos as férias de julho morando e convivendo em municípios como Pinhões, Bahia, e Avelino Lopes, Piauí, aprendi mais de geografia e política regional que em todo o meu Ensino Médio. Por estas e outras que educadores como o ''Pepe" sempre farão a diferença* (JAIRO MONTEMOR AUGUSTO SILVA, FORMANDO 1981).

Sobre a experiência em Heliópolis, alunos que estudaram no período relatam:

> *Na década de 1980, em sintonia com as diretrizes da Conferência do CELAM, realizada em Puebla, Pe. Herreros foi a manifestação mais viva na comunidade xaveriana das evangélicas opções preferenciais pelos pobres e pelos jovens. Com seu natural entusiasmo, organizou diversas experiências de engajamento social, como os trabalhos assistenciais na favela do Heliópolis, onde inclusive foi morar por alguns meses para uma maior inserção na comunidade, e as missões em comunidades carentes do nordeste brasileiro no período de férias escolares. Graças a ele, vários alunos puderam transformar as frias estatísticas das mazelas sociais em vivências concretas que marcaram definitivamente suas vidas* (FORMANDOS DO ENSINO MÉDIO, 1978 a 1981).

"Que bonito"!
Ninguém que tenha convivido com o Pe. Herreros deixou de escutar dele esta interjeição ao menos uma vez! Ela acompanhava a constatação de que um jovem, uma jovem ou um grupo de jovens teve uma atitude que mudou sua história de vida, mas não uma mudança qualquer, mas sim uma mudança alinhada com o projeto de Deus para sua(s) vida(s).
E isto tinha a ver com sua decisão sobre a profissão a seguir, seja ela médico, engenheiro, dentista, jornalista, filósofo, professor, administrador, ou até mesmo religioso, vocação que o Pe. Herreros acolheu muito novo, mas sempre consolado, deixando primeiro namorada e depois família para vir para um país desconhecido que adotou com a vontade de um jovem de fazê-lo melhor para todos.
E tinha a ver também com as pequenas decisões do dia a dia de acompanhá-lo na missão de trabalhar com as crianças na comunidade de Heliópolis, passar um mês numa pequena comunidade do sertão do Ceará, Piauí ou Bahia vivenciando suas dificuldades, ajudando em seus projetos de melhorias, dando aulas de catequese para as crianças e coordenando os círculos bíblicos dos adultos. Para quem sempre foi jovem e acreditou nos jovens, esta minha pequena homenagem. A ele, que apresentou a minha esposa e fez questão de dizer "Que bonito"! quando nos recebeu no altar na celebração de nosso casamento. Amém. (WLAMIR FRANCISCO ALVES, FORMANDO 1981).

Pe. Herreros é uma lembrança viva no meu dia a dia, muito além de padre e orientador, sua espiritualidade era enorme, levando-nos a discernir e fazendo brotar a nossa consciência crítica e analítica, despertando em todos nós a espiritualidade justa, pacífica e cristã. Comunidade eclesial de base, experiências nos sertões mais longínquos do Brasil, retiros espirituais em Itaici e a bênção em meu casamento.
Tudo isso foi, é e será o meu irmão, orientador, mestre, inspirador Pe. Herreros.
O céu e a terra agradecem a ele. Obrigado e Amém! (MARCELO NOTARIO CITINO, FORMANDO 1981).

Trabalhei com o Pe. Herreros por vários anos como aluno e ex-aluno e professor no SanFra. Não comentarei o Pe. Herreros como professor e reitor brilhantes, além de empreendedor que transformou o Colégio nas obras físicas e reformas pedagógicas, mas o "Pepe", meu mestre espiritual que nos acompanhou durante anos, nos apresentou os exercícios espirituais, e nos guiou nas comunidades de vida cristã, nos trabalhos pastorais no Ceará, Piauí, Bahia e Rio de Janeiro, na favela de Heliópolis, nos encontros de Mini-TLC e tantos momentos e tantas recordações marcantes.
Ele transbordava a alegria do espírito repleto pela sua missão de sacerdote, pelo espírito Santo de Deus, ele vivenciava na prática uma teologia em que apresentava para nós alunos da classe média, a opção pelos pobres, pelos marginalizados e nosso papel social e político na sociedade, o lado da oração, de discernimento, da aplicação na vida da palavra.
Nossa convivência sempre muito intensa, e o PEPE sempre brincando, cantando, ajudando, consolando, aconselhando, rezando, celebrando e pregando a palavra a todos, sem distinção com muita alegria e amor, sua gargalhada de aprovação e a expressão "mira que", que ele proferia ao abrir uma resposta em que ele ainda não tinha tanta certeza, eram características peculiares do nosso sábio Mestre (ROBERTO MONTEMOR AUGUSTO SILVA, FORMANDO 1981).

Falar do Pe. Herreros é relembrar a época feliz de minha vida, dentro da comunidade do Sanfra, que existiu, para mim e para meus três irmãos, graças ao olhar caridoso deste justo jesuíta. Sem sua política generosa de conceder bolsas de estudo a quem enxergava necessitar, muitas famílias não poderiam dar a educação que lá tivemos. Sua percepção era clara que deveríamos tentar viver o evangelho, o paraíso aqui, no cotidiano de cada um, buscando o bem estar comum, a justiça entre os homens, a busca da felicidade no conhecimento e na atuação dentro de nossa comunidade. Lições que trago desde então na minha vida. Ele foi o responsável por me entender cristão. E é isso que eu procuro ser a cada dia. Viva o Pepe!!! (SABINO HAROLDO FERRARI JR. FORMANDO 1981).

Não sem razão, no Plano Escolar de 1982, o Pe. José Maria Herreros Robles, SJ, registrava:

> *Ajudar ao adolescente e o jovem a ser "livre", pôr em suas mãos os meios e no seu coração os motivos para fazer-se livre e saber optar e escolher por razão e por fé, transforma a educação no mais profundo serviço de libertação humana.*

Grupo de Primeira Comunhão, 1983. Arquivo pessoal de Érica Sequeira.

Primeira Comunhão de Marcelo Sequeira, 1983. Arquivo pessoal de Érica Sequeira.

Pe. José Maria Herreros Robles, SJ.

PADRE ANGEL LÓPEZ ABAD, SJ (1983-1984)

Nascido em Madri, Espanha, no dia 1º de outubro de 1928, Pe. Angel López Abad, SJ, ingressou na Companhia de Jesus em 14 de outubro de 1947, no Colégio San Estanislau, Salamanca, Espanha. Durante sua permanência no Colégio manifestou o desejo de vir ao Brasil. Estudou no Colégio Máximo Anchieta, Nova Friburgo, RJ; magistério no Colégio Loyola, em Belo Horizonte, MG; e Colégio Máximo Cristo Rei, São Leopoldo, RS onde se ordenou sacerdote em 1961.

Deu continuidade aos estudos principalmente no Brasil, cujo trabalho apostólico foi realizado em diversos colégios, tendo atuado como professor, orientador espiritual, diretor da Pastoral, ministro, consultor e promotor vocacional entre 1965 e 1972 e entre 1979 e 1982, especialmente no Colégio Imaculada, em Juiz de Fora, MG. Entre 1973 e 1977 exerceu seu ministério no Colégio Santo Inácio, Rio de Janeiro.

Após essa trajetória, tornou-se reitor do Colégio São Francisco Xavier, em São Paulo, SP, em 1983.

Quando assumiu, o Colégio encontrava-se em fase de planejamento para 1983. Entre as atividades previstas para o ano, estavam os cuidados com as instalações do prédio, em especial a ampliação da área coberta

> *no pátio do Colégio, possibilitando a ligação das duas quadras de esportes e recreação com as entradas do prédio* (PLANO ESCOLAR, 1983).

O fortalecimento das formas de integração entre alunos e seus familiares, bem como uma aproximação dos pais ou responsáveis com o ambiente escolar, constituía outro ponto de permanente atenção. Para 1983 estabeleceu-se a

> *promoção de competições esportivas entre os pais dos alunos entre si e com os alunos, utilizando as instalações do Colégio [além de uma] programação de palestras sobre temas educativos para alunos e pais* (PLANO ESCOLAR, 1983).

Outra fonte de integração era a "Casa de Encontros" que, em 1983, estava sendo concluída em terreno próximo à capital.

A questão das famílias no âmbito dos propósitos do Colégio contemplava também – de forma idêntica ao que ocorreu nas primeiras décadas da história – aspectos sociais, no sentido de instituir meios que possibilitassem o acesso ou a manutenção de alunos cujas famílias tivessem restrições de recursos para investir em educação.

Para atender a esse desígnio, foi implantado o Seguro Educação em benefício dos alunos do Colégio, os quais foram favorecidos por bolsas totais ou parciais, cuja tramitação se deu em órgãos oficiais do Ministério da Educação e Cultura como Salário-Educação.

Este benefício alcançaria cerca de 1/6 do total de alunos matriculados em 1984.

Momento muito esperado de confraternização entre os alunos era o acampamento que se fazia em Sapucaí Mirim. As várias séries participavam desses encontros no local designado Nosso Recanto.

> *Padre Novelli, que organizava a excursão para o Nosso Recanto nas 3ªs e 4ªs séries (1984/1985), já estava com bastante idade, mas tinha uma alegria imensa em ver a diversão das crianças no acampamento* (ÉRICA SEQUEIRA, 2021).

Nessas ocasiões, os alunos mais velhos participavam como monitores, tendo o Pe. José Vieira Novelli, SJ, como supervisor. Certa vez, realizou-se um trabalho teatral tendo como tema uma família de retirantes, tema então alinhado à Campanha da Fraternidade.

> *Entre os integrantes do grupo teatral estava o anão Márcio Roberto. Mais conhecido por Marcinho, participou da montagem fazendo o papel de um bebezinho. Para fazer a cena, conseguiram um berço para colocar o Marcinho. Em certo momento da peça, haveria uma cena em que o bebê seria retirado do berço para a família carregá-lo. Peça ensaiada, começou a apresentação. Na cena em que tiravam a coberta do bercinho... lá estava o Marcinho... Acabou sendo um momento surpreendentemente engraçado e a reação foi imediata: uma gargalhada generalizada de toda a assistência. [Afinal, o Marcinho, apesar de pequenininho, era um "terremoto", conforme expressão utilizada por seus colegas]. Além dessa situação, todos ficaram muito surpresos também com o Padre Novelli: ele, que não era de rir – sempre estava reservado, sério – também não se conteve. Deu muita risada com a cena, para espanto e alegria de todos. O papel do "bebê-terremoto" e as risadas do Padre Novelli foram inesquecíveis para todos que estiveram ali* (LIMA, 2018, p. 12-13).

O processo de aprendizagem atualizava-se, com foco, em 1984, na avaliação.

> *Estão sendo introduzidas neste ano algumas modificações neste setor, de modo a evitar a excessiva memorização ou "decoreba", sobretudo nas vésperas das provas bimensais, passando a ocupar maior atenção os aspectos de participação e criatividade* (PLANO ESCOLAR, 1984).

Mas não só: procurou-se implantar uma disciplina de caráter preventivo. De um lado, orientando professores para que conhecessem melhor cada aluno, a fim de que o companheirismo propiciasse um clima que evitasse a eventual punição. Por outro, flexibilizando práticas rotineiras, como a dispensa de filas a partir da 5ª série, tanto antes quanto depois das aulas. E a exigência do silêncio deixou de ser tão rigorosa.

Pe. Angel López Abad, SJ, reitor durante dois anos, era muito

> *estimado por todos, especialmente pelas pessoas que o procuravam como orientador espiritual, era paciente e escutava com carinho e atenção. Vivia esbanjando bom humor. Era difícil vê-lo com mau humor ou contrariado. Mas era também tímido. Gostava muito de fotografia, tendo como passatempo fazer fotos dos grupos com os quais trabalhava e da natureza. Era muito constante, perseverante no acompanhamento das pessoas que o escolhiam como orientador espiritual. Gostava de poesia* (REVISTA EM COMPANHIA, 09/2017).

Encerrando seu reitorado no Colégio São Francisco Xavier, manteve ainda atividades em colégios jesuítas. Faleceu em 2017.

Olimpíada dos pais, agosto de 1984.

PADRE PAULO PEDREIRA DE FREITAS, SJ (1984–1987)

Pe. Paulo Pedreira de Freitas, SJ, nasceu em Mococa, estado de São Paulo, no dia 22 de agosto de 1926. Fez o Curso Secundário no Colégio São Luís, em São Paulo. Ao concluir o Curso, entrou para a Companhia de Jesus em 1º de fevereiro de 1945. Foi ordenado sacerdote em 7 de dezembro de 1957. Seu propósito era ser Padre Jesuíta.

Responsável pela direção de instituições jesuítas – como o Colégio Anchieta em Nova Friburgo, Rio de Janeiro; Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira –, tornou-se diretor do Colégio São Luís em 1968, permanecendo até 1973. E, pouco mais de uma década depois, assumiu o Colégio São Francisco Xavier como reitor a partir do dia 6 de fevereiro (Dia dos Mártires Japoneses) de 1984. Posteriormente ao seu reitorado, que se encerrou em meados de 1987, dirigiu o Pontifício Colégio Pio Brasileiro em Roma. Em seguida, a Casa de Retiro Vila Kostka e Centro de Espiritualidade Inaciana. Em Itaici, Indaiatuba, o CEI-ITAICI, e Administração da Província Jesuíta do Brasil Centro-Leste, Rio de Janeiro, e Casa de Saúde, em Belo Horizonte.

Paralelamente, sempre se dedicou ao ministério sacerdotal do Acompanhamento na Vida Cristã, de um modo especial através dos Exercícios de Santo Inácio de Loyola.

Com perfil zeloso, culto e humilde, conduziu seu reitorado no Colégio São Francisco Xavier.

Uma das marcantes experiências desse período foi a admissão da primeira professora deficiente física do Colégio, Maria Cristina Baptista Gabas, em 1985, e que se tornaria professora de Educação Física.

> *Quando chegou ao Colégio [...] o Padre Paulo Pedreira de Freitas, SJ, [...] acreditou naquilo que ela poderia fazer, e ela iria se tornar a primeira pessoa deficiente física a dar aulas. [Ela] seria uma "coringa", como se fosse uma professora substituta. Durante um ano, fez estágio dando aulas de Educação Física e de Ensino Religioso. [...] Foi um voto de confiança dado pelo Colégio. Isso foi essencial: acreditarem no seu potencial. Depois disso, foi galgando seu espaço, mostrando que ela não era a deficiência: a deficiência fazia parte dela* (LIMA, 2018, p. 146-147).

As origens do Colégio e sua trajetória estiveram vinculadas de um modo inseparável da vida dos imigrantes japoneses e seus descendentes. Ou mais: estes foram a razão do Colégio e da Missão Japonesa existirem.

Ao longo dos anos, e de um gradual aumento de matrículas de alunos brasileiros, o vínculo com a cultura nipo-brasileira se manteve. E se expressava no Colégio de várias formas.

> *Nas décadas de 1980 e 1990, nos fins de semana, a comunidade japonesa se reunia para a missa e para uma confraternização. Várias atividades eram realizadas nas quadras do Colégio e nos espaços destinados à associação dos japoneses.*
> *Os japoneses integrantes da Associação São José traziam, durante a semana, legumes e verduras para a feira que, nessas ocasiões, era realizada em uma sala no pátio da escola, onde atualmente está o Colégio.*
> *O Colégio tornava-se o ponto de referência, ou mais, de acolhimento. Os integrantes da Associação vinham, montavam suas barracas e faziam suas vendas para um público que sabia a origem do que estava sendo oferecido. Mas era mais do que um comércio na área interna do Sanfra: era um momento de reencontro, de atualizar suas histórias, de fortalecer laços – ao sabor das conversas em torno dos alimentos. Era um momento de preservação de uma história de simbiose entre a comunidade e o Colégio* (LIMA, 2018, p.74-75).

O Colégio efetivamente se tornava um espaço que extrapolava sua essência educativa e pastoral. Ou melhor: era um espaço que agregava a essas funções primordiais outros usos que fortaleciam sua missão. Sua história, seu acolhedor ambiente, as gerações que por ele passaram e as imprescindíveis atualizações quanto a conceitos e práticas – sempre fundamentados nos princípios jesuítas – transformavam-no em um local catalisador de diferentes manifestações, que reforçavam seu papel na comunidade e para sua comunidade interna.

Desde eventos de expressivo impacto no bairro e na vizinhança até os triviais e quase invisíveis momentos de espera dos alunos aguardando pais, familiares e responsáveis para levá-los de volta para casa, o Colégio era um local onde a permanência se tornava bastante gratificante.

Uma das situações singelamente emblemáticas desses momentos de espera foi proporcionada pelo Irmão Pedro Lima de Gouvêa.

> *Um dia, Irmão Gouvêa propôs a ideia [de oferecer aos alunos a brincadeira de se equilibrar em pernas de pau] ao marceneiro do Colégio e decidiram fazer algumas pernas de pau, de diferentes alturas, para que os [alunos] tivessem mais uma opção de brincadeira no período pós-aula.*
> *Assim, certo dia, uma agradável surpresa para todos na escola: lá estavam os meninos tentando se equilibrar naquele novo brinquedo [que trouxe] muita diversão e alegria e [...] mais vida à espera [...]* (LIMA, 2018, p. 140).

Os sábados também eram muito especiais.

> *Nesse dia – era a segunda metade da década de 1980 –, um grupo de pessoas ficava no Colégio. Sempre havia muitos [alunos] que aí permaneciam.*

Alguns iam para as atividades do teatro, onde realizavam ensaios. [...] A montagem foi apresentada no 1º Festival de Teatro Amador de São Paulo, no qual ganhou o prêmio de melhor peça infantil.
Outros – um grupo muito grande – iam praticar esportes, incessantemente: cansavam do futebol, corriam para jogar voleibol, handebol ou basquete. Onde tivesse uma bola, havia [alunos] se divertindo.
Tinha também o lado social – ficar batendo papo com os colegas. E não somente com aqueles que tinham a mesma idade. Havia, nessa época, um movimento de voluntários em que os mais velhos eram incentivados a se integrarem aos mais novos. Todos se conheciam.
Tudo intensamente até as 17h. Ensaios, treinos, jogos, brincadeiras, conversas, movimentação, convivência. [...] Para a maioria, era a segunda casa. Havia, sim, uma sincera satisfação em ficar no Sanfra (LIMA, 2018, p. 144-145).

Pe. Paulo Pedreira de Freitas, SJ, concluiria seu reitorado em meados de 1987.

Grupo de Primeira Comunhão, outubro de 1985. Arquivo pessoal de Érica Sequeira.

Laboratório de Ciências, 1987.

Grupo de alunos, 1987.

Biblioteca, 1987.

Formandos do 2º Grau (atual Ensino Médio), 1987.

PADRE LUIZ PECCI, SJ (1987–1988)

Nasceu no dia 2 de abril de 1926 em Nova Friburgo, Rio de Janeiro. Entrou no Colégio Anchieta, na Escola Apostólica, onde se fazia a admissão e o ginásio. Concluindo o ginásio, entrou para a Companhia de Jesus. Dando continuidade aos estudos, até a conclusão do Curso de Filosofia, fez o Magistério e foi lecionar Ensino Religioso e Ciências no Colégio Santo Inácio, no Rio de Janeiro. Em seguida, foi professor no Colégio São Luís. Com o Curso de Teologia, preparou-se para a ordenação sacerdotal, que ocorreu em 22 de dezembro de 1956.

Entre 1957 e 1958 foi Secretário Geral no Colégio São Luís e, posteriormente, na PUC-RJ. Iniciou, em seguida, uma longa trajetória como reitor – de 1966 a 1994: Colégio Anchieta (em dois períodos distintos), Colégio Santo Inácio, Colégio dos Jesuítas em Juiz de Fora e Colégio São Francisco Xavier.

Foi reitor no Colégio São Francisco Xavier entre 1987 e 1988 e, conforme documento da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro, SJ, tratava-se de pessoa

> *muito cordial, amiga, sensível e dedicada. Como superior e reitor sempre foi paciente e conciliador. Homem bom e humilde, sem maldade. [...] Tem muito amor à história da Igreja e da Companhia, e admiração pelos grandes jesuítas. Sempre ligado à educação e colégio, foi um reitor admirado e querido. Muito humano e preocupado com problemas de família e das pessoas que batiam à sua porta. Fez do cargo uma oportunidade de serviço, seja às pessoas, seja à instituição* (ARQUIVO DA CÚRIA METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO, s.d.).

Com uma vida repleta de demonstrações de bondade e de amor ao próximo, foi muito grande sua contribuição na educação e na vida espiritual de crianças, jovens e adultos.

> *Jovial, otimista, procurava sempre atender os que o procuravam. Cativava as pessoas pelo seu sorriso, acolhimento afável, especialmente, dos professores e alunos. Faz parte da galeria dos jesuítas que, em seus reitorados, projetaram a Companhia de Jesus na missão educativa dos colégios da Província* (REVISTA EM COMPANHIA, ed. 44, maio/2008, p. 30).

Pe. Luiz Pecci, SJ. Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro.

PADRE ROBERTO VILLAR, SJ (1988-1992)

Pe. Roberto Villar, SJ, nasceu em 7 de agosto de 1943, em Itu, SP. Aos 12 anos, ingressou na Escola Apostólica de Nova Friburgo, cursando o ginásio e o colegial. Entrou para a Companhia de Jesus no dia 1º de fevereiro de 1964, em Itaici, município de Indaiatuba, São Paulo. Continuou seus estudos com o Juniorado e fez Filosofia na Faculdade Anchieta da Via Anhanguera. Entre 1970 e 1975 lecionou no Colégio São Luís, em São Paulo.

Foi ordenado sacerdote em 8 de dezembro de 1978, em São Paulo. Jesuíta, Pe. Roberto Villar, SJ, tinha uma atenção especial para a educação.

Pe. Roberto Villar, SJ. Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro.

Assume a direção do Colégio São Francisco Xavier em 1988, do qual seria o reitor até 1992.

Uma das importantes ferramentas de gestão para toda a equipe diretiva e para o próprio Colégio é o Plano Escolar, cuja elaboração dos objetivos dá um direcionamento para as diretrizes de ação durante o ano.

Quando o Pe. Roberto Villar, SJ, assumiu, entre os objetivos para 1989, e reforçando aspecto que já vinha sendo desenvolvido, estava o

> *desenvolvimento de aptidões e habilidades mentais sem nos fixarmos quase que apenas na memória.*
> *[E, em relação ao] aspecto relacional, comunitário e societário, enfatizaremos, sobretudo na área de Comunicação e Expressão, a análise crítica dos meios, dos instrumentos e do conteúdo de Comunicação* (PLANO ESCOLAR, 1989).

A comunicação seria um dos pilares da gestão do Pe. Roberto Villar, SJ:

> *[...] tentaremos ampliar e aperfeiçoar nossos contatos com alunos, pais, professores, funcionários, através de reuniões, palestras, dias de estudo e reflexão, festas e informativo mensal* (PLANO ESCOLAR, 1989).

Uma das inovações que fortaleceriam esse propósito foi o início da edição do *Anuário* do Colégio. O primeiro a ser editado refere-se a 1990. O processo de preparação do *Anuário* foi assim registrado:

> *Uma a uma, as fotos dos [alunos] daquele ano iam sendo agrupadas por série e turma. Todos os [alunos] daquele ano lá estavam, reunidos por grupos, identificados pelo nome. Em cada página, [...] uma classe.*
> *Acrescentava-se ao trabalho um perfil do Colégio. Com tudo pronto, o material seguia para a gráfica.*
> *Não demoraria para o Colégio receber os exemplares do Anuário, que iria se tornar a primeira publicação interna sobre o Colégio.*
> *Documento de registro e preservação histórica, de divulgação, bem como objeto de lembrança para o [aluno] e seus familiares, o Anuário, ao resgatar um momento do Colégio, a partir do acervo fotográfico, passaria também a fazer parte de sua própria memória, contribuindo para a organização e preservação dessa documentação [O Anuário foi editado até 2002]* (LIMA, 2018, p. 22-23).

Equipes de professores, funcionários e diretoria tinham seus nomes registrados, um a um, na nova publicação. As iniciativas na área da comunicação estavam se mostrando bastante adequadas.

Nesse mesmo ano de 1990, um colégio jesuíta chileno promoveu um concurso de cartazes, no qual se fez presente o Colégio São Francisco Xavier. A participação dos alunos proporcionou um bom resultado e o Colégio foi premiado.

Feira de Ciências, 1990.

Feira de Profissões, 1990.

Os serviços internos feitos em datilografia passariam a conviver com uma novidade tecnológica: os computadores. E, em salas de aula específicas, os alunos davam seus primeiros passos para a aprendizagem de uma nova linguagem trazida pelos equipamentos.

Os computadores começaram a ser instalados em diferentes áreas do Colégio no fim da década de 1980. Rotinas passaram a ser modificadas. Afetou, inclusive, alguns procedimentos: ações até então feitas presencialmente passaram a ser realizadas digitalmente. Anna Maria Ribeiro, então funcionária da Secretaria, relata que reduziram as idas ao setor e os contatos presenciais. Porém,

> *passado o impacto inicial, ficaram evidentes os benefícios da tecnologia. E aquele desconforto de Anna foi dando lugar à compreensão de que as mudanças não cessam, os recursos vão se modernizando, trazendo novas referências – inclusive em relação às formas de relacionamento que também se renovam, mas cuja base é a união para a realização de um propósito comum* (LIMA, 2018, p. 94-95).

Conceitos relativamente novos iam sendo apresentados:

> *Na construção da Comunidade em todos os seus aspectos até as minúcias do dia a dia se desenvolve o trabalho abrangente da Coordenação Comunitária. Os pormenores materiais e concretos de cada passo de tudo que se faz no Colégio, levarão, quando coordenados e inseridos na caminhada, a um clima geral de bem estar e crescimento que é o que se almeja neste setor.*
> *Quando se fala em construção da Comunidade Educativa, abre-se um leque imenso de opções e realizações que só pouco a pouco e com paciência se vai conseguindo abordar e concretizar* (ANUÁRIO 1990, p. 67).

Outras mudanças começavam a ser implantadas.

A Pastoral constituía parte integrante da formação dos alunos. Em 1989, houve uma reestruturação na Pastoral – sob a coordenação de Antonio Alberton (que entre 1989 e 2015 trabalhou como coordenador de segmento e diretor) e o Pe. Antônio Baisaga, SJ –, que passou a contar com uma equipe para o dia a dia.

Com a vinda de Claudemir Ramos (que entre 1991 e 2016 foi agente de Pastoral, professor de Ensino Religioso, diretor de Formação Cristã e coordenador) foram instituídos o Dia de Formação (DDF) e o Estágio Social, que seriam realizados juntamente com os professores. A Pastoral voltou-se especialmente para uma dimensão social, com os alunos visitando asilos e creches, entre outras ações.

Ambas alterações – DDF e Estágio Social – representaram uma nova experiência na formação cristã dos alunos.

> *As visitas eram realizadas à tarde, fora do período de aula, para não comprometer a presença na escola. [Os alunos] desenvolviam teatro, expressão corporal, atividades e dinâmicas. Inicialmente realizadas no Colégio, com o tempo passaram a ocorrer nos espaços externos ao Colégio para os [alunos] a partir do 6º ano. Era um momento em que se integrava o ensino religioso ao curricular [...] A partir daí, os DDFs e o Estágio Social passaram a fazer parte do currículo escolar, sendo opcional a participação do [aluno]* (LIMA, 2018, p. 24-25).

Dias de Formação e Estágio Social constituíam ações com as quais se promovia a inserção do aluno na realidade social. Antônio Alberton ressaltava a necessidade de levar crianças e jovens para uma convivência extramuros da escola.

> *Uma coisa é você falar que existe favela, existe menor abandonado, que existe velho no asilo. Outra coisa é ir lá e conviver, [levar o aluno] para o que está acontecendo dentro da sociedade. E, através dessa inserção, [desenvolver-se] o viés religioso* (LIMA, 2018, p. 25).

Durante esse processo, constatou-se que era preciso irradiar esse trabalho em todo o ambiente escolar. Assim, a partir de 1992, os DDFs foram estendidos aos professores. Complementando o alcance da proposta a toda a comunidade educativa, procurou-se fortalecer o vínculo entre o Colégio e as famílias. Claudemir Ramos assim relata:

> *Foi marcante a mudança de trabalho com os pais, pois não havia uma Pastoral aberta para eles. [...] Então, nós começamos a fazer um DDF para os pais. Tirar os pais daqui para um Dia de Formação. Isso foi algo que marcou muito o trabalho [e contribuiu para] conseguir uma sintonia melhor em toda a comunidade educativa* (LIMA, 2018, p. 63).

A modernização do prédio do Colégio – que por diversos anos se manteve como um dos objetivos mais constantes – contemplava diferentes aspectos. Reformas, ampliações e utilização de novos materiais eram algumas das soluções empregadas para proporcionar a alunos, professores e toda a equipe um ambiente físico mais adequado às atividades.

Além das experiências proporcionadas nesses renovados espaços internos do Colégio, as atividades integrantes da formação dos alunos que ocorriam extramuros também deixariam significativas memórias a partir de vivências muitas vezes sutis.

> *Nos acampamentos realizados pelo Sanfra [...] algumas experiências se destacavam. Em um acampamento realizado em dezembro de 1990, houve o momento da fogueira. O grupo ali reunido era composto por [alunos] de diferentes idades, de séries diferentes. Todos em volta da fogueira.*
> *Primeiro, havia uma peça teatral, com uma mensagem de motivação. Depois, uma agitação de crianças e jovens na troca de balinhas. Não era algo de valor: a balinha representava o fortalecimento de um vínculo de amizade, de lealdade, de apoio.*
> *Mas a troca de balinhas não era somente para as amizades que já existiam. O ambiente do acampamento era muito favorável à integração e propício para novas amizades [...] entre pessoas que, no ambiente escolar, se conheciam apenas de vista e nunca haviam conversado. [...] Era um momento muito singelo que exprimia e fortalecia esse compartilhamento entre todos* (LIMA, 2018, p. 172-173).

Ou o fato, aparentemente simples, de ser um dos escolhidos para um retiro.

> *Lembro muito da Irmã Zita que um dia me escolheu para ir no retiro de Itaicí. Ela me*

chamou na sala dela e me deu a notícia. Me enchi de felicidade, poucos eram escolhidos. Ela era freira, mas se vestia como pessoa comum e circulava mais pelos corredores, era mais próxima dos alunos e da nossa formação (ÉRICA SEQUEIRA, 2019).

Estar em um ambiente que favorecia a convivência fundamentada em uma formação educacional e pastoral integral era um dos fatores de permanência dos alunos no Colégio. Mas não somente de alunos e professores.

Avanço bastante significativo ocorreria em relação aos funcionários.

Os funcionários, que em sua rotina eram também agentes da manutenção desse ambiente amistoso, e disso se beneficiando, passaram a contar, a partir do início da década de 1990, com um novo estímulo. Por iniciativa do Pe. Roberto Villar, SJ, foi criada a Associação dos Funcionários Auxiliares e Assistentes Administrativos (AFAAD).

A Associação, que visava revitalizar a convivência entre funcionários, incluindo suas famílias, tornou-se a primeira iniciativa de formação e lazer dos funcionários. Tendo estatuto próprio, contemplava aspectos como alimentação, lazer, esportes (futebol, pebolim e bilhar – os preferidos), refeitório e benefícios. Havia até um espaço reservado no Colégio para suas atividades. A Associação foi recebida com muito entusiasmo.

As excursões – à chácara, clubes, Boraceia, Campos do Jordão e Aparecida do Norte – eram organizadas para os finais de semana. Tanto adultos quanto crianças aproveitavam as diferentes opções de entretenimento.

Deliciosos e inesquecíveis momentos de congraçamento em que a proximidade e a convivência das famílias favoreciam o fortalecimento dos laços de amizade.
Os eventos internos dos funcionários e as excursões transformavam-se em oportunidades para promover maior união do grupo – clima que se espalhava no ambiente do Colégio a cada novo dia de trabalho (LIMA, 2018, p. 36-37).

Setor de audiovisual, 1990.

Setor de marcenaria, 1990.

Cozinha, 1990.

Essa união do grupo de funcionários manifestava-se também em momentos em que a solidariedade era imprescindível.

Enchentes que ocorreram no início de 1992 atingiram as casas de alguns funcionários do Colégio. Muitas perdas, algumas totais, afetaram a vida dessas famílias. Foi um momento muito delicado, ao qual o Colégio não ficou indiferente.

Equipe diretiva, funcionários, professores e alunos e suas famílias realizaram uma imediata e vigorosa mobilização interna para auxiliar aqueles que foram prejudicados pelo evento.

> *Para o Colégio, a mobilização era uma expressão e extensão das atividades realizadas pelos próprios [alunos], em prol de diferentes comunidades, algumas delas distantes. [...] Campanhas de arrecadação de brinquedos, roupas, móveis, aparelhos e alimentos. [...] O Colégio ajudou na reconstrução e na aquisição dos bens domésticos essenciais. A solidariedade – aprendida e praticada – era uma lição presente no dia a dia da Comunidade Xaveriana* (LIMA, 2018, p. 70-71).

Pe. Roberto Villar, SJ, permaneceu reitor no Colégio até 1992.

Visita do Pe. Geral Peter Hans Kolvenbach, 1990.

Grupo de Primeira Comunhão, 1990.

PADRE NELSON LOPES DA SILVA, SJ (1993-1999)
COMUNIDADE EDUCATIVA, MUDANÇAS

Pe. Nelson Lopes da Silva, SJ, nasceu em 26 de agosto de 1948, em São Paulo. Em fevereiro de 1967 entrou para o Noviciado da Companhia de Jesus, em Itaici, município de Indaiatuba, SP. Cursou Filosofia, de 1969 a 1974, na Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira, da Companhia de Jesus. Fez o Magistério no Colégio São Luís, de 1971 a 1974, e Teologia, de 1975 a 1977, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Foi ordenado Presbítero em dezembro de 1977. Fez Mestrado em Teologia Moral, de 1979 a 1981, na Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma. Diretor de Formação Cristã no Colégio Loyola, de 1983 a 1988, em Belo Horizonte, MG. Diretor da Casa da Juventude Pe. João Bosco Burnier, em Goiânia, GO, de 1989 a 1990. De 1991 a 1992 foi orientador espiritual no Colégio Santo Inácio, RJ.

De janeiro de 1993 a dezembro de 1999 foi diretor do Colégio São Francisco Xavier.

Quando assumiu o Colégio, constatou que os alunos eram de cerca de 800, e que há uma década chegava a 1800. Esse fato demonstrava que era preciso rever algumas questões internas, de modo a estancar a saída de alunos. Uma das linhas de trabalho do Pe. Nelson Lopes da Silva, SJ, incidiu sobre o próprio prédio, dando continuidade e aprofundando as reformas iniciadas pelo Pe. Roberto Villar, SJ, o reitor anterior.

Na área pedagógica, o Colégio se adaptava a um novo processo designado Educação Personalizada e Comunitária.

> *Era uma incógnita, mas, quem sabe com sua implementação o Colégio poderia crescer* (PE. NELSON LOPES DA SILVA, SJ, 2020).

Entre os desafios que o Pe. Nelson Lopes da Silva, SJ, se colocava, alguns iriam dar a perspectiva de sua conduta frente à gestão do Colégio:

> *Como conduzir um processo de mudança pedagógica sabendo que não é com imposição, mas com apontar ideais e suscitar desejos? Como ativar a paciência sabendo que mudanças e conquistas se fazem pouco a pouco, passo a passo?* (PE. NELSON LOPES DA SILVA, SJ, 2020).

Um fato ocorrido em 1993 revela a importância que dava à reflexão colaborativa das pessoas nas decisões a serem tomadas, nas diferentes instâncias internas, das mais estruturais às mais corriqueiras. Em um período desse ano, constatou que o consumo de água estava muito alto.

> *Sempre intensamente presente e muito atento a todas as questões do Sanfra, [e com sua] sede de ouvir, [já que] tinha um diálogo com a comunidade [pois era muito receptivo, em vez] de elaborar uma circular, preferia ouvir a opinião de todos:*
> *- Estamos gastando muita água... O que vocês acham que poderíamos fazer?*
> *Agindo dessa forma, ele provocava em cada um o propósito de voltar-se para essa questão, assim como para os mais diversos problemas e situações* (LIMA, 2018, p. 28-29).

Um dos sustentáculos desse propósito de suscitar a participação e uma convivência colaborativa foi a Comunidade Educativa. Entre as diretrizes que orientaram sua gestão, provavelmente

> *a mais significativa tenha sido a de dar continuidade e incentivar ainda mais a formação de uma Comunidade Educativa [alunos, pais, professores, funcionários] como uma grande família, procurando inspirar o sentimento de pertença e sintonia com os objetivos da instituição, trabalhar o sentido de corpo, de comunidade, de que, embora com funções diferentes, todos possuem o mesmo valor. Acreditava ser fundamental criar uma cultura que dissesse "esta escola depende da gente". Isso exigia uma percepção do trabalho como missão, um envolvimento com o todo, postura participativa...* (PE. NELSON LOPES DA SILVA, SJ, 2020).

Havia no ambiente da escola, efetivamente, uma

> *familiaridade que se traduzia nos encontros de corredor, nas relações professor-[aluno] em sala de aula, na proximidade dos pequenos com os grandes nos recreios, nos momentos de confraternização festiva, no desejo dos [alunos] de permanecerem na escola mesmo fora dos horários escolares, no carinho e respeito com que todos se tratavam uns aos outros* (LIMA, 2018, p. 54-55).

Os integrantes da Comunidade participaram de diferentes modos:

> *Os professores e funcionários pela formação permanente, acontecendo em vários encontros dentro e fora do Colégio. Os alunos, pelo processo diário e continuado de estudos, além de uma gama de atividades complementares: dias de formação, estágios sociais, eventos culturais, encontros, retiros, olimpíadas, teatros, discotecas, gincanas, festas, etc. As famílias participando direta ou indiretamente de vários acontecimentos. Merecendo destaque a APM, a Equipe de Catequese e a Pastoral de Adultos, bem como palestras, encontros, festas juninas e primavera das nações* (ANUÁRIO 1993, p. 8).

Pastoral: pais e alunos em trabalho de assistência social, 1994.

Estágio Social, junho de 1998.

XVIII Olimpíada Interna, novembro de 1997.

Festa junina, 1994.

Uma das dinâmicas implementadas e que contribuía para a manutenção dessa integração inerente à Comunidade Educativa era a chamada "porta aberta":

> *O Sanfra, como um colégio pequeno, permitia isso. Qualquer um que passasse pelo corredor – professor, aluno, funcionário – podia dar um oi, um bom dia ou entrar para conversar. Com isso as relações ficavam mais próximas e a comunicação mais contínua e direta* (PE. NELSON LOPES DA SILVA, SJ, 2020).

Complementarmente havia outra diretriz, que produzia um movimento contínuo, de buscar soluções para com

> *as coisas grandes, mas sem esquecer as pequenas. Para mim, rebocar e pintar um muro que estava descascado fazia diferença. Destacaria ainda a atenção contínua que procurava ter no sentido de se buscar o próximo passo a ser dado, o que podia ser melhorado... Isso produzia movimento, dinamicidade, contínuo crescimento...* (PE. NELSON LOPES DA SILVA, SJ, 2020).

A busca de novos paradigmas, bem como métodos e práticas mais exitosos relacionados à proposta inaciana da formação integral dos alunos, visando a uma renovação pedagógica, levou o Centro Pedagógico da Província Jesuíta Centro-Leste a orientar os colégios jesuítas, em janeiro de 1992, a tomar conhecimento da Educação Personalizada e Comunitária. Tratava-se de uma pedagogia desenvolvida pelo jesuíta francês Padre Pierre Faure, já aplicada em países europeus e latino-americanos.

Com a chegada do Pe. Nelson Lopes da Silva, SJ, teria início sua implantação, em 1993, na Pré-Escola e 1ª Série do 1º Grau. A principal mudança da proposta estava

> *na postura dos professores e na dinâmica de trabalho.*
> *O trabalho é pessoal e o professor acompanha e observa, interferindo o mínimo possível – apenas quando é indispensável – mas sempre orientando e incentivando o aluno a prosseguir.*
> *[...] É gratificante vermos os alunos bem mais [...] envolvidos, responsáveis. É maravilhoso percebermos que estão felizes e assumem com alegria seus trabalhos: que estão mais criativos e conseguem se expressar cada vez melhor e com mais criticidade* (ANUÁRIO 1993, p. 43).

O respeito à individualidade das crianças constituía o fundamento da proposta, com uma educação centrada na pessoa, voltada às suas características e à espontaneidade de aprender, que pesquisa e busca a experiência do conhecimento e dos processos por ela mesma.

Porém, a aplicação do método acabou tendo pouca duração.

Destaque no ano de 1993 para o Grêmio Estudantil, cujos alunos tiveram uma atuação bastante integrada com a proposta do Colégio.

Já fazia parte da tradição do Colégio a realização de atividades complementares à educacional e pastoral em local fora do seu espaço físico.

> *Muitas atividades da Formação Cristã e de formação dos professores eram realizadas, até então [1993], na Vila Santa Fé, no km 25 da Via Anhanguera. Não era nada fácil, nem agradável, enfrentar os contínuos engarrafamentos das marginais do rio Tietê* (PE. NELSON LOPES DA SILVA, SJ, 2020).

O acesso a uma área que atendesse adequadamente aos propósitos do Colégio tornou-se uma das prioridades da gestão do Pe. Nelson Lopes da Silva, SJ.

> *Embora o local escolhido tivesse sido Riacho Grande pela proximidade e facilidade de acesso, muitos foram os caminhos percorridos e sítios visitados até o momento em que colocamos sob a proteção de Anchieta, então Beato, quando a questão da compra foi logo resolvida. Desde então tem servido para os encontros de formação cristã, encontros pedagógicos, de pais, de confraternização e outros* (PE. NELSON LOPES DA SILVA, SJ, 2020).

A aquisição da bela Chácara Recanto Anchieta, que estava situada junto à represa Billings, tornou-se uma providencial solução para atividades de formação dos alunos, pais, professores, funcionários. Um relato de um dia de atividades dos alunos registra a experiência:

> *O dia era intenso. Um dia inteiro, ou mais, para dedicar-se a temas e questões que estimulavam a reflexão, fosse individualmente ou em grupo. Estavam todos ali para descontrair, aprender, interagir e refletir – em meio à natureza [...]: ar puro, pássaros, árvores, paz, silêncio e muito verde. Tudo em espaço muito acolhedor que convidava cada um a voltar-se para o exercício do aprimoramento pessoal.*
> *Iam somente os jovens, [a] participação era espontânea [...]. Iam de coração aberto, com a mente voltada para esse encontro – com eles mesmos, com os outros, com a natureza.*
> *Liam a Bíblia, refletiam. Naquele contexto, tudo se transformava em oportunidade para promover uma integração maior com os colegas. E todos se beneficiavam dessa maior aproximação e entrosamento.*
> *Estavam na chácara do Colégio em Riacho Grande. Uma ampla área reservada para toda a comunidade educativa do Colégio São Francisco Xavier. Aí aconteciam atividades pedagógicas e de formação, entremeadas de lazer, descontração, alimentação e descanso. Momentos inesquecíveis.*
> *Entre os diferentes ambientes da chácara, para alguns a varanda era o melhor lugar, pois oferecia uma ampla e privilegiada visão, de onde se vislumbrava um espetacular horizonte, com a represa Billings servindo de panorama. A sensação de paz, de sintonia e de gratidão era imensa e inevitável* (LIMA, 2028, p. 16-17).

A necessidade de espaços adequados para as atividades do Colégio encontrava soluções, para atendimento a dinâmicas específicas, em locais um tanto distantes, como a Chácara Recanto Anchieta. Mas, o dia a dia exigia soluções de espaço que

estivesse no próprio Colégio ou bem próximo. É nessa questão que o Pe. Nelson Lopes da Silva, SJ, considerou que houve uma das realizações mais significativas de sua gestão:

> *Talvez a mais significativa tenha sido a aquisição de alguns imóveis que a Comunidade Educativa adquiriu e que serviram para ampliar ainda mais o seu potencial educativo. Para que a Comunidade dos Jesuítas, que então ocupava o prédio situado na Rua Pe. Marchetti, pudesse ceder tal espaço para a escola, foram compradas duas casas [contíguas, que ficavam na Rua Vicente da Costa] defronte ao Colégio. Uma vez transferida a Comunidade Jesuíta, o Colégio pôde dispor de um amplo espaço destinado a novas salas de aula e laboratórios. E não sem tempo, uma vez que o prédio principal, com construção iniciada na década de 30, carecia de novas ampliações* (PE. NELSON LOPES DA SILVA, SJ, 2020).

Laboratório de Química, 1994.

A disponibilização de amplo espaço para novas salas de aula e laboratório integrava um amplo plano de reformas que já estava em andamento.

Em Carta Ex-Officio enviada ao Pe. Geral Peter Hans-Kolvenbach, SJ, datada de 22 de dezembro de 1995, o Pe. Nelson Lopes da Silva, SJ, registra os desafios do Colégio:

> *Para o próximo biênio [1996-1997] teremos a necessidade de construir um novo prédio, com umas 12 ou 15 salas maiores, para atender a proposta da EPC [Educação Personalizada e Comunitária]. O prédio que temos hoje é antigo e estamos procurando, através de continuadas reformas, adequá-lo para as nossas exigências.*

Todavia as salas são pequenas e estreitas, e mesmo insuficientes, e não atendem aos requisitos da educação personalizada. Já estamos fazendo os primeiros estudos de arquitetura e engenharia e esperamos que, em breve, tenhamos a aprovação de tal projeto.

Em função da necessidade de atualizar as condições físicas do prédio para o bom andamento das atividades educacionais ou visando a adequada manutenção da construção, inúmeras intervenções – reformas, construções, etc. – e melhoramentos tiveram início ou foram planejadas em sua gestão.

A modernização do Colégio seria marcada por ações como a reforma das quadras poliesportivas, com retirada da escada, colocação de novos pisos e pintura.

Houve um continuado empenho em investir nos melhoramentos do Colégio: pintura da fachada; colocação de brises de alumínio nas janelas da fachada; substituição do muro em frente por gradil de ferro; reforma do estacionamento, da portaria, dos espaços administrativos, das salas de aula e dos professores, de banheiros, do salão do segundo andar, da biblioteca, da sala de audiovisual; construção de quiosques; otimização de espaços para instalação de restaurante destinado a alunos e funcionários; construção do parque para os pequenos com brinquedos feitos de madeira.

Reinauguração das quadras poliesportivas, março de 1995.

Inauguração dos quiosques, novembro de 1996.

Entre os elementos constitutivos do prédio, o muro era certamente o mais exterior, de contato direto com os circunstantes, mas, ao mesmo tempo, possivelmente um dos menos percebidos. De certa forma, já fazia parte da paisagem do Colégio, do quarteirão, do bairro.

Construído em 1937, era um muro baixo que cercava e delimitava uma área do Colégio compreendida entre as ruas Moreira da Costa e Vicente da Costa. Por seus dois portões se dava o fluxo de entrada e saída dos alunos.

Durante a década de 1990,

> *quando houve um grande empenho de modernização de toda a escola, o muro também passou por uma transformação. Foi posto abaixo e, em seu lugar, foram colocadas grades de ferro, com um trabalho de serralheria feito na própria escola.*
> *A ideia era ajudar a estabelecer uma renovação da comunicação com o exterior, bem como dos próprios [alunos], professores e toda a equipe com o Colégio. E o novo muro fazia parte disso.*
> *A grade contribuiu para com esse esforço de modernização construtiva da escola, dando mais visibilidade e transparência ao São Francisco Xavier* (LIMA, 2018, p. 122-123).

O Colégio ganhava, assim, um novo contorno físico e simbólico, que passaria a fazer parte da rotina e da dinâmica daqueles que o vivenciaram, das mais diferentes formas.

Fachada: muro refeito e prédio pintado, 1994.

O muro fazia parte das intervenções e melhoramentos que, apesar de inseridos na rotina de uma instituição como o Colégio, trouxeram um novo impacto tanto para a comunidade educativa quanto para o público externo.

Um dos destaques do período foi a transformação do antigo salão de festas, adaptando-o para um teatro para 100 pessoas, incluindo cabine de projeção, e ainda um salão de festas menor. Essa obra alinhava-se a um especial momento da atividade teatral, considerada uma

> *joia preciosa, querida e admirada por todos. Com nomes em seu corpo docente que hoje [2018] são referências no cenário artístico, de dramaturgia e de direção teatral na cidade de São Paulo, e mesmo no exterior, o Sanfra sempre encontrou no teatro uma expressão de si mesmo.*
> *Grupos se formavam durante o tempo de Colégio e alguns continuavam para além dele e, embora os ensaios e apresentações continuassem sendo na escola, houve grupo que se apresentou em um renomado teatro de São Paulo.*
> *Se havia um incentivo por parte da escola, subsidiando as atividades teatrais, não era menor o interesse e a motivação dos [alunos] em delas fazerem parte* (PE. NELSON LOPES DA SILVA, SJ, *apud* LIMA, 2018, p. 38-39).

Grupo de teatro do Colegial, novembro de 1996.

O teatro era uma das experiências proporcionadas aos alunos no espaço do Colégio. Outras, associadas às mudanças na Pastoral, estruturada em 1989, propunham ações voltadas ao próximo.

> *Esse olhar para o outro ganhou asas e partiu em direção ao interior do Brasil. Com a Formação Cristã, organiza-se a Missão Rural – uma experiência bastante distinta daquelas que os [alunos] realizavam até então.*
> *O primeiro grupo, formado por 15 [alunos] e coordenado por Claudemir Ramos, parte em direção ao sul de Minas, cidade de Consolação, em 1994. Era dezembro e o grupo passaria 10 dias em uma zona rural do Estado para uma experiência de inserção em comunidades rurais.*
> *Ficaram hospedados em casas de famílias e participavam das rotinas da comunidade. Trabalhavam na lavoura, visitavam outras famílias e promoviam encontros entre as várias famílias locais* (LIMA, 2018, p. 106-107).

A multiplicidade de situações que conduziam os alunos a vivenciar diferentes experiências incluía fatos ocorridos e que causaram impacto, levando a comunidade a demonstrar sua sintonia com um sentimento geral.

Em 1994, os integrantes do Grêmio promoveram uma ação no Colégio em que as classes foram convidadas a participar. Os alunos iriam se posicionar em torno da quadra. Fizeram um minuto de silêncio. Logo após, ouviram uma música de John Lennon. Depois, Bob Dylan. Em seguida, todos, em conjunto, rezaram o Pai Nosso. Encerrada a confraternização, retornaram para a sala de aula.

Esse evento refere-se, provavelmente, a um dos fatos marcantes apontados pelo Pe. Nelson Lopes da Silva, SJ, ocorridos em sua gestão:

> *[...] o momento de oração, feito no pátio interno da escola na hora do recreio, por ocasião do falecimento de Ayrton Senna em 1º de maio de 1994. Foi um momento de muita comoção e de intensa oração.*

Não somente os ídolos faziam parte de um aprendizado humanista. Pessoas com as quais se convivia, mas cuja visibilidade era permeada por uma discretíssima presença no dia a dia, também faziam parte desse aprendizado.

Na Semana Santa, em Itaici, no ano de 1995, houve uma dinâmica de convivência em que, em determinado momento, se escolhia alguma pessoa entre aqueles que estavam ali: alunos, professores e funcionários. Participavam alguns colégios jesuítas, formando-se vários grupos.

Era um momento bastante sensível, em que se revivia uma cena de Jesus. Cada pessoa do grupo escolhia alguém entre os demais integrantes. E repetiria a cena. E a aluna Priscila Ruiz, então com 15 anos, foi em direção a Maria Tereza Claret, Coordenadora da Pastoral durante a década de 1990.

> *Eu tinha um afeto enorme por aquela senhora, mas tinha uma distância também. E naquele momento a escolhi para lavar seus pés. [Por não ter uma convivência próxima, por não haver uma intimidade entre ambas, Maria Tereza] ficou emocionada [com um olhar] de surpresa e de reconhecimento. Foi uma experiência pastoral muito forte. Para mim, a mais marcante* (PRISCILA RUIZ *apud* LIMA, 2018, p. 20).

A participação em eventos como esse, em Itaici, inseria-se em um conjunto de atividades para o desenvolvimento pastoral: aulas de religião, atividades pastorais, celebrações, Grupos de Vivência Cristã (GVX), grupos de reflexão, entre outros. Paralelamente, estágios sociais em creches e asilos e ações como a ronda noturna eram oferecidos como ferramentas para a formação de uma consciência crítica.

A ronda noturna constituía uma ação que se realizava como forma de incentivar – para além de seu objetivo específico – o fortalecimento da integração entre alunos e pais, já que o trabalho de formação do aluno desenvolvido pelo Colégio sempre procurava envolver a família.

> *Havia um grupo de trabalho denominado Ronda Noturna, formado por pais [e alunos]. Toda segunda-feira, um grupo vinha uma hora da tarde e preparava uma certa quantidade de leite achocolatado e pães com manteiga.*
> *À noite, um outro grupo de pais dava continuidade à ação. Iam até o local onde tudo havia sido preparado e dali dirigiam-se até o centro da cidade: Pátio do Colégio, Mercado Municipal e outros locais.*
> *Ao chegarem, faziam a distribuição entre os moradores de rua. Trabalho voluntário, continuado e que resultava em um momento de acolhimento, de cuidado, de dignidade para com os moradores* (LIMA, 2018, p. 154-155).

Outras ações de solidariedade eram realizadas, alinhadas à pedagogia inaciana. Procurava-se promover um processo de conscientização junto aos leigos sobre a relevância de sua participação na missão do Colégio. Assim, na década de 1990 havia movimentos – além da Pastoral de Pais, com a Ronda Noturna – como Associação de São José (dos japoneses), Associação de Pais e Mestres, Associação de Ex-Alunos, Equipe de Catequese, formada por pais, entre outros. Era uma efetiva contribuição para o fortalecimento da Comunidade Educativa.

A disponibilização de oportunidades para que crianças e jovens pudessem estudar no Colégio se mantinha – de diferentes modos –, como ocorria desde sua fundação. Bolsas de estudo integrais e parciais eram oferecidas a famílias com restrições financeiras de acesso ao estudo particular. À Associação Vida Jovem, o Colégio disponibilizava bolsas integrais para até oito alunos carentes.

A educação, desde sempre, constituiu um dos alicerces do pensamento e da obra inaciana. Objeto de permanente atenção e atualização, mantendo-se os princípios que sempre a nortearam, levou a então Província Jesuíta do Brasil Centro-Leste a publicar, no início dos anos 1980, a Carta de Princípios dos Colégios Jesuítas, visando aprofundar a reflexão sobre a identidade educativa. Anos depois, em 1996, de acordo com o Projeto Educativo da Província do Brasil Centro-Leste da Companhia de Jesus,

> *[...] constituiu-se a Associação dos Colégios Jesuítas da Província do Brasil Centro-Leste (ACOJE). Uma de suas principais finalidades era incrementar a sinergia já desencadeada com o processo de diagnóstico e otimização e os eventos de formação e capacitação de pessoal desenvolvidos ao longo dos últimos seis anos [1990-1995], reforçando, ao mesmo tempo, a identidade própria de nossos colégios.*

Conforme Carta Ex-Officio do Pe. Nelson Lopes da Silva, SJ, enviada ao Pe. Geral Peter Hans-Kolvenbach, SJ, datada de 22 de dezembro de 1995

> *acreditamos que haverá ainda um maior e mais estreito relacionamento, integração e colaboração entre os diversos colégios da Província.*

Celebrações, comemorações, apresentações, atividades, eventos. Eram inúmeras e diversificadas as oportunidades de confraternização e que, em seu conjunto, envolviam toda a Comunidade Educativa: ações do Grêmio e da APM, Festa Junina, Feira de Livros, Jogos Intercolegiais, Olimpíadas Internas, Feira do Livro, Feira de Ciências, Festa da Primavera, Acampamento de alunos, apresentações de artes e música, Dia das Mães, Celebração da Páscoa, Dias de Formação, Feira do Conhecimento, Formaturas, Ginástica, Mostra fotográfica, Oitavida, Olisanfra, Passeio cultural, Pastoral de Adultos, Primeira Comunhão, Semana Santa e Sanfra 70 anos, em 1998.

Com relação a essa década intensa, o Pe. Nelson Lopes da Silva, SJ, destaca especialmente a celebração dos 70 anos do Sanfra.

> *Com a presença do Provincial, Pe. Francisco Ivern, e de muitos outros jesuítas e convidados, tivemos uma linda Celebração Eucarística e uma recepção bastante festiva* (PE. NELSON LOPES DA SILVA, SJ, 2020).

A documentação fotográfica a seguir registra momentos, equipes, locais, eventos, espaços, situações e acontecimentos vinculados ao Colégio durante o reitorado do Pe. Roberto Villar, SJ.

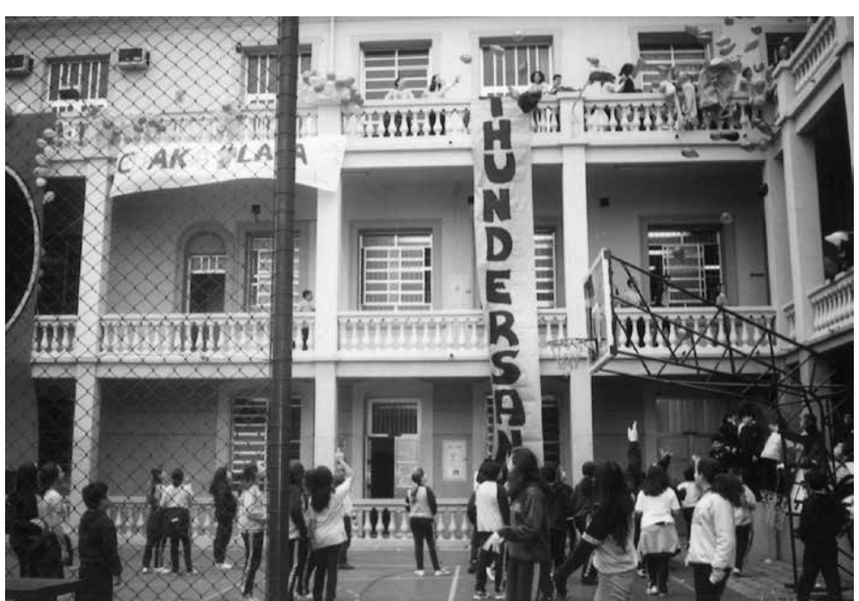
Visita de grupo de professores da prefeitura de Tochigi, Japão, outubro de 1993.

Equipe diretiva e funcionários, 1994.

Professores da 5ª série ao 3º Colegial, 1993.

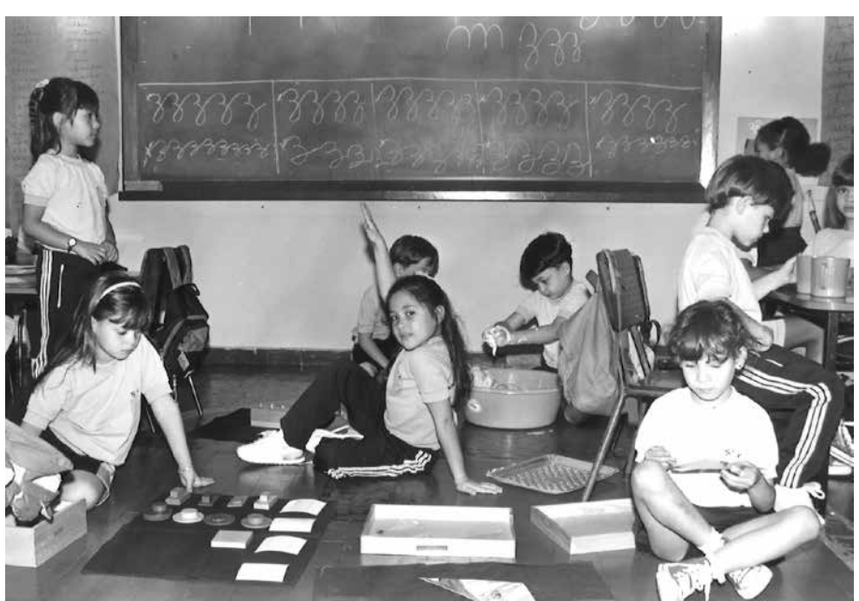
Comunidade religiosa, 1994.

DDF dos funcionários, março de 1998.



Campanha para eleição da diretoria do grêmio, 1996.

Passeio cultural da pré-escola, junho de 1997.



Alunos da educação infantil, 1993.

Alunos durante o recreio, 1993.

Formatura da 8ª série do 1º Grau, dezembro de 1994.

Os pequenos se divertem no playground, 1994.

Festa de encerramento do ano da educação infantil, dezembro de 1998.

Feira do Conhecimento para o Ensino Médio e educação infantil, maio de 1998.

Igreja do Colégio, 1999.

Quadro a óleo da professora Vania da Silva Lima, 1995.

PADRE LAERTE JACOB CARGNELUTTI, SJ (2000-2005)

Pe. Laerte Jacob Cargnelutti, SJ, nasceu em 12 de setembro de 1947. Ingressou na Companhia dos Jesuítas em 1º de fevereiro de 1927.

Assumiu a direção do Colégio São Francisco Xavier em 2000, aí permanecendo até 2005. Assim que assumiu, tinha algo em mente:

> *Queria surpreender vocês, dar um presente!* (LIMA, 2018, p. 125).

E, realmente, foi uma enorme surpresa, proporcionada pelo Pe. Laerte Jacob Cargnelutti, SJ, quando os alunos voltaram para o primeiro dia de aula, em 2000. Encontraram um Colégio São Francisco Xavier substancialmente modificado.

Afinal, haviam encerrado 1999 com o Colégio que haviam se acostumado e, dois meses depois, estava lá algo totalmente diferente. Algo feito intencional e estrategicamente em um tão breve período. Uma reforma para surpreender toda a comunidade educativa.

> *Para isso, houve muita dedicação de uma centena de pessoas, trabalhando direto, dia e noite – incluindo os próprios funcionários do São Francisco Xavier. Essa grande mobilização decorria do objetivo do Padre Laerte de querer a obra concluída em 60 dias, para o início das aulas. Todo o empenho proporcionou o resultado esperado: tudo ficou pronto para funcionar dentro do prazo* (LIMA, 2018, p. 124).

Esse havia sido o objetivo do Pe. Larte Jacob Cargnelutti, SJ, na primeira iniciativa de sua gestão: um prédio amplamente reformado e transformado, pronto para receber alunos, professores, funcionários e pais.

> *O prédio mais antigo ganhou uma cor vermelha, audaciosa. Os demais foram revestidos com pastilhas coloridas com as outras cores do Colégio (azul e amarelo), dando um ar de modernidade ao conjunto* (PE. EDUARDO HENRIQUES, SJ, 2020).

Esse propósito do Pe. Laerte Jacob Cargnelutti, SJ, tinha um fundamento:

> *O crescente número de matrículas e a necessidade de acolher crianças e jovens tornaram inevitável, em certo momento, ampliar a área construída para instalar mais salas de aula, adequando seus espaços para novos tempos. Mas para onde crescer? Foi assim que antiga construção que servia como Residência dos Padres e Irmãos Jesuítas, cuja pedra fundamental foi lançada em 1941, anos após auxiliar no trabalho religioso, daria lugar a um novo momento do Colégio. Os padres se mudaram e a reforma começou ali, onde era a Residência* (LIMA, 2018, p. 124).

Para esse início das aulas, os pais tiveram um privilégio:

> *[...] os pais – e somente eles – foram convidados para que conhecessem, um dia antes do início das aulas [de 2000], o que havia sido feito. Aquele dia havia sido preparado especialmente para eles.*
> *Chegando lá, foram recebidos para a grande surpresa, sobre a qual os filhos ainda não sabiam nem sequer podiam imaginar. E uma novidade que iria causar um grande impacto nos filhos: não havia mais aquela quadra [...].*
> *No dia seguinte, os [alunos] começavam a chegar. Um a um ou em grupos ficaram encantados com as modificações E muitos foram correndo para onde era antiga quadra, mas ela não estava mais lá...*
> *Em seu lugar, a nova quadra, cuja obra executada com material importado e técnica sofisticada, transformara-se em uma obra muito moderna.*
> *E assim nascia aquela que ficou conhecida como a quadra azul* (LIMA, 2018, p. 92-93).

Inauguração da nova quadra, 2000.

Vista aérea do Colégio com destaque para a quadra, dezembro de 2000.

Mas havia outro forte motivo para essas mudanças tão significativas na quadra. O Colégio São Francisco Xavier seria o anfitrião nesse ano da IX Olimpíada dos Colégios Jesuítas da Província Centro-Leste. Instituída em 1992, tornou-se o primeiro evento esportivo a reunir diversos colégios jesuítas.

Em 2000, participaram: Colégio Anchieta, de Nova Friburgo; Colégio dos Jesuítas, de Juiz de Fora; Colégio Loyola, de Belo Horizonte; Colégio Santo Inácio, do Rio de Janeiro; Colégio São Luís, de São Paulo; Escola Técnica de Eletrônica, de Santa Rita do Sapucaí; e o Colégio São Francisco Xavier.

As duas casas, adquiridas na gestão anterior, do Pe. Nelson Lopes da Silva, SJ, também passaram por uma ampla reforma, o que permitiria a transferência da Comunidade dos Jesuítas, liberando espaço no Colégio para uma readequação dos seus ambientes internos. Assim, durante o reitorado do Pe. Laerte Jacob Cargnelutti, SJ, houve

> *a reinstalação dos laboratórios de física, química, biologia, as novas salas de aula para o ensino médio e todo um trabalho de modernização do Colégio* (MADRUGA, 2008, p. 5);
>
> *[...] suas salas com ar condicionado eram amplas, algumas tinham lousas eletrônicas, e dou destaque especial para os laboratórios, que contavam com espaço suficiente para exposições teóricas de um lado e experiências práticas do outro. Os alunos podiam assistir a uma exposição do professor e tomar notas, passando imediatamente às bancadas para fazer os fenômenos químicos, físicos e biológicos acontecerem* (PE. EDUARDO HENRIQUES, SJ, 2020).

Além das reformas no prédio e as novas instalações, novos conceitos passaram a ser aplicados, modificando a funcionalidade de seus espaços, desde a simples disposição das cadeiras nas salas de aula.

> *Com essas mudanças, vão se formando condições para a promoção de novas dinâmicas, percepções e estímulos para uma melhor desenvoltura na aprendizagem. [...] Uma das salas de informática passou a ter um caráter mais alternativo; mesas com mobilidade que propiciam um ambiente mais descontraído e aconchegante; [o aluno] pode escrever nas mesas e nas paredes com total liberdade* (LIMA, 2018, p. 66).

As salas ambiente permitiam

> *que os alunos do Ensino Médio se deslocassem pelos corredores, enquanto os professores permaneciam fixos em seus ambientes de trabalho, que adaptavam às exigências de suas disciplinas* (PE. EDUARDO HENRIQUES, SJ, 2020).

Durante sua gestão se manteria a tradição de oferecer bolsas a seus alunos, as quais, sob diferentes denominações, já vinham ocorrendo: na gestão do Pe. José Maria Herrero Hobles, SJ, constituíram um programa similar ao de "bolsas sociais; e de 'Seguro Educação", na gestão do Pe. Angel López Abad, SJ.

> *Desde 2002, o Colégio oferece bolsas sociais com o compromisso de trazer esses novos [alunos] para os mesmos patamares de conteúdo e de aprendizado dos demais [alunos]. Em sua trajetória escolar, torna-se comum o bolsista conviver com atitudes solidárias diante de eventuais dificuldades como, por exemplo, adquirir livros, uniforme e arcar com outras despesas.*
>
> *Ter sido beneficiado por um ambiente escolar acolhedor, em que o grupo é incentivado à solidariedade, deixa vigorosas raízes [...].*
>
> *Após o período de estudos como bolsistas, muitos deles, já formados, dedicam-se a uma ação similar à que receberam quando estudantes [retribuindo] o aprendizado humanitário com idêntica atitude* (LIMA, 2018, p. 86-87).

Essa atitude de solidariedade ocorria, no âmbito da Pastoral, em experiências de inserção nas comunidades rurais do Sul de Minas Gerais por meio da Missão Rural.

Em 2002, alguns alunos do Colégio participaram da Missão Rural em Gonçalves, interior de Minas, onde permaneceram 10 dias vivendo na casa de famílias de comunidades rurais. Aí, oravam com elas, participavam de atividades da comunidade e, por ser fim de ano, dirigiam-se à capela da comunidade onde havia a novena de Natal.

Missão Rural em Gonçalves, MG, dezembro de 2000.

Questões práticas, referentes à rotina das comunidades, ensejavam reflexões para o grupo. Diante da impossibilidade de algumas famílias irem até a cidade toda a semana para participar da comunhão na missa, o grupo refletiu e ponderou:

> *[...] não era preciso estar na missa, na comunhão com a hóstia e o vinho para estar em comunhão com Jesus, com Deus. Podia-se fazer isso na própria casa, partilhando da mesma refeição, por exemplo, na hora do jantar. Todos fazendo uma oração. Com todos ali orando em comunhão, Jesus também estaria ali. Não seria preciso se deslocarem até a igreja – algo [nas circunstâncias que viviam] fora da realidade da comunidade* (LIMA, 2018, p. 86-87).

Ao longo do reitorado do Pe. Laerte Jacob Cargnelutti, SJ, mantiveram-se atividades das diversas séries no Recanto Anchieta (especialmente os Dias de Formação de alunos, funcionários, APM, professores), campanhas (da Fraternidade, da Solidariedade, do Brinquedo) celebrações (de Nossa Senhora, Ação de Graças, Dia da Paz, Páscoa), comemorações, ações do Grêmio, Semana Inaciana, estágios sociais, Feira do Conhecimento, do Livro, Festa das Nações, apresentações de Ginástica, Oitavida, Olimpíada Interna, Olisanfra, Olimpíada dos Colégios Jesuítas, teatro, ginástica desportiva, GVX, projetos (Gibi, Monteiro Lobato, Recriando), retiros, entre outras.

A súbita morte do Pe. Laerte Jacob Cargnelutti, SJ, em março de 2005, por um infarto cardíaco fulminante, foi muito sentida por toda a comunidade educativa do Colégio.

Celebração Dia da Paz, agosto de 2002.

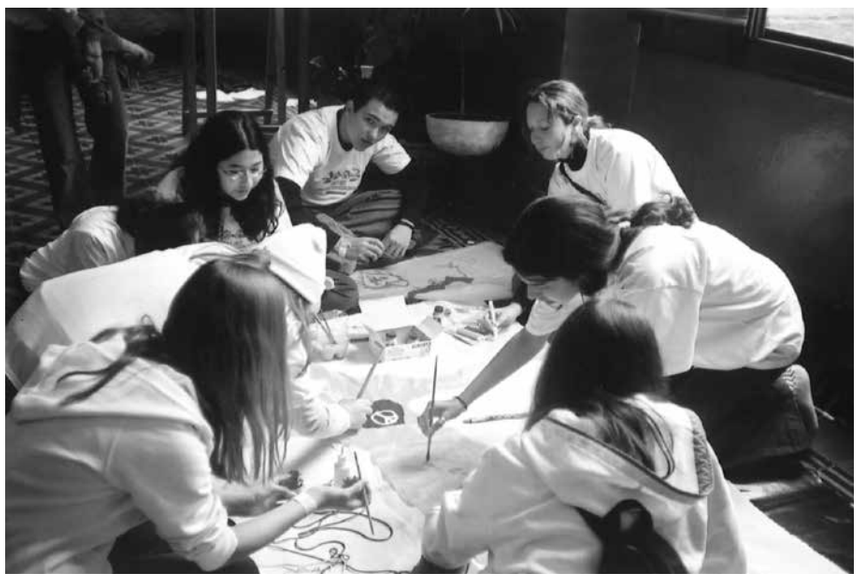
Atividade com a Educação Infantil, abril de 2002.

Feira do Conhecimento, outubro de 2003.

Grupo de teatro, 2003.

Aniversário do reitor, setembro de 2001.

Comemoração Sanfra 75 anos, março de 2003.



Bienal de Arte em Friburgo, RJ, 28 a 30 de agosto de 2003.

Reforma da Capela, novembro de 2001.

PADRE MANUEL MADRUGA SAMANIEGO, SJ (2006-2011)

Natural de Salamanca, Espanha, Pe. Manuel Madruga Samaniego, SJ, nasceu em 17 de março de 1925. Na Companhia de Jesus, ingressou no dia 2 de setembro de 1941, tendo feito a profissão de votos em 8 de setembro de 1943. Na Universidade de Comillas, em Santander, estudou Filosofia entre 1947 e 1950. Durante o período de magistério, em 1951, demonstrou interesse em vir para o Brasil atuar como missionário.

Em sua autobiografia, Pe. Manuel Madruga Samaniego, SJ, escreveu:

> *[...] quando entrei na Companhia, nunca tinha pensado em Colégios. Sempre quis ser missionário. Foi isso o que me moveu a solicitar ser destinado a China e depois ao Brasil. Deus, no entanto, com as suas linhas tortas, fez de mim o que achou melhor. Ele sabe o que faz. A Ele seja a glória.*

Chegou no Rio de Janeiro em 12 de outubro de 1953. Fez os estudos de Teologia, entre 1954 e 1958, no Colégio Máximo Cristo Rei, em São Leopoldo (RS), ordenando-se sacerdote em 12 de dezembro de 1956. Incorporou-se definitivamente à Companhia de Jesus em 1959, naturalizando-se no ano seguinte.

Dedicou a maior parte da sua vida à educação, em várias funções, inicialmente no Colégio Imaculada, em Juiz de Fora, MG, e no Colégio São Francisco Xavier, em Ipatinga (1965-1967). A partir de sua gestão no Colégio Loyola, em Belo Horizonte, seria diretor, diretor-geral e reitor em diversas instituições, como o Seminário Menor, em Belo Horizonte; Colégio Anchieta, em Nova Friburgo, RJ (1973-1976); Colégio Pio Brasileiro, em Roma, Itália, entre 1976 e 1980; Colégio Santo Inácio, em Fortaleza, CE (1988-1991); Colégio São Luís, em São Paulo, SP, entre 1992-1994. Até 2005, desempenhou outras funções na Companhia de Jesus.

Tornou-se reitor do Colégio São Francisco Xavier, em 2006, permanecendo até o início de 2010, posteriormente colaborando na Pastoral.

Com a assunção do Pe. Manuel Madruga Samaniego, SJ, uma nova estrutura passa a vigorar no Colégio São Francisco Xavier, assim como já vinha ocorrendo nos demais colégios da Companhia de Jesus.

Até 2005, a gestão dos colégios era realizada por uma única pessoa: o reitor ou diretor (ou diretor-geral), que respondia tanto pelas questões específicas do Colégio quanto pela interlocução junto à Companhia de Jesus. A partir de 2006,

> *o cargo de Reitor é desdobrado em dois cargos: o do Reitor, que representa a Companhia de Jesus, preside as reuniões do conselho diretor e supervisiona o cumprimento das metas educacionais da Companhia no Colégio; o cargo do Diretor--Geral leva o dia a dia do Colégio, tanto na parte pedagógica como na administrativa* (MADRUGA, março/2008, p. 5).

O diretor-geral passou a ser o professor Gilberto Santo Covre, até então diretor pedagógico. Tendo iniciado em 1992 como professor, tornou-se coordenador da área de Língua Portuguesa (1994); assessor pedagógico (1995); diretor-adjunto (1999) e diretor pedagógico (2001). Exerceria o cargo de diretor-geral até 2013. Durante esse período, a conquista mais marcante para ele foi a

> *formação de um grupo envolvido com a missão jesuítica, ou seja, com a missão da escola. [...] Foi um envolvimento por convicção [baseado principalmente na ação dos coordenadores e dos assessores, pessoas mais presentes no dia a dia, na realidade da escola. Havia um trabalho e uma consciência de princípios inacianos]. Posso dizer que até o modo de proceder inaciano a gente fez brotar dentro da escola* (LIMA, 2018, 116-117).

Esse modo de proceder inaciano manifestava-se de diversas formas. Avaliando o ano de 2005, assim registrou no Plano Escolar:

> *Tivemos [em 2005] o trabalho centrado no aluno e principalmente aqueles com maiores dificuldades mereceram uma atenção mais individualizada. As famílias foram ouvidas e encontraram abertura, possibilidades para participarem e com isso o Processo Educativo melhorou e todos produziram mais... Sentimos, então, que tanto o Acadêmico como os valores humanos estão caminhando juntos e fazendo parte da formação integral que é o nosso objetivo* (PLANO ESCOLAR 2006, p. 8).

Quando o Pe. Manuel Madruga Samaniego, SJ, assumiu, havia mais de 1000 alunos matriculados nos distintos níveis: maternal, infantil, fundamental e médio.

Além do horário dedicado às matérias, parte desses alunos encontrava no Colégio um espaço acolhedor para outras tantas atividades.

A partir das 17h30, espaços do Colégio eram utilizados para as oficinas de esportes (futebol, karatê, etc.) e culturais (teatro, dança e outras atividades). A Equipe da Pastoral mantinha uma constante atividade de organizar encontros de alunos, professores, funcionários e pais, que geralmente ocorriam na Chácara Recanto Anchieta, no Riacho Grande, área da represa Billings.

Além do ensino religioso, para todas as séries, renovava-se anualmente a preparação à primeira comunhão, para cujos alunos e seus pais celebravam-se missas aos domingos, dias em que, às 8h, havia missa em japonês, pelo Padre Doi, especialmente para a comunidade japonesa.

A Missão Rural mantinha-se como importante atividade da Equipe da Pastoral. O Pe. Manuel Madruga Samaniego, SJ, relata uma das experiências em que os alunos conviviam com as famílias rurais em suas casas:

> *Ficavam dois [alunos] morando em cada casa, jantavam com a família, trabalhavam com a família. Lembro-me de que eles ajudavam a mexer no carvão, ficavam sujos e depois tomavam banho e estava tudo bem. Experimentavam um trabalho duro e difícil e uma vivência intensa com pessoas que estavam em paz com a vida, com poucas coisas e grande desapego. [As diferentes experiências proporcionadas durante o cotidiano com as famílias eram tão marcantes e singulares que era comum, entre os alunos, ter a mesma percepção após o término da Missão:] Fomos evangelizar e nós é que fomos evangelizados* (LIMA, 2018, p. 84-85).

Os estágios sociais, por sua vez, procuravam valorizar a possibilidade de vivências, por meio de iniciativas distintas, com comunidades e grupos de pessoas que viviam restrições de diferentes naturezas, a fim de

> *despertar para uma visão crítica da realidade, através de uma vivência concreta com os irmãos menos favorecidos, em creches, asilos, com moradores de rua, APAE, Instituto Santa Terezinha (deficientes auditivos), Instituto Padre Chico (deficientes visuais) e Movimento Sem Terra (MST – Anhanguera)* (PLANO ESCOLAR 2006, p. 6).

O propósito de estabelecer uma aproximação entre os colégios Jesuítas visando o fortalecimento do diálogo intercolegial e, de um modo mais amplo, da missão educacional da Companhia de Jesus, vinha acontecendo desde os anos 1989/1990.

Nesse ambiente, arte-educadores dos colégios São Francisco Xavier, São Luís, Santo Inácio, Loyola, Jesuítas, Anchieta e da Escola Técnica de Santa Rita do Sapucaí decidem, no final da década de 1990, organizar sua Bienal de Artes.

A primeira edição ocorreu em 2001, no Colégio Loyola, em Belo Horizonte, MG, com o tema "Diversidade". Em 2003, no Colégio Anchieta, em Friburgo, RJ, a Bienal foi norteada pelo tema "Unicidade".

E o Colégio São Francisco Xavier recepcionou os demais colégios em 2005, com a proposta "Terra Brasilis" para a 5ª Bienal de Artes dos colégios Jesuítas da Província do Brasil Centro-Leste. Com suas equipes de artes, música e teatro, realizou apresentações, exposições e promoveu visitas a museus da cidade e oficinas artísticas.

Para que a Bienal pudesse ser realizada era imprescindível dispor de equipes de apoio, que foram formadas por alunos, antigos alunos, professores de outras áreas e funcionários, bem como a APM. A mobilização da comunidade educativa tornou-se uma ação que permitiu a obtenção de resultados que foram muito festejados por todos os participantes e colégios.

As vivências decorrentes da conexão com distintas comunidades concretizavam-se também nos projetos pedagógicos por meio de disciplinas específicas.

A partir de 2009, o 1º ano do Ensino Fundamental deu início a uma série de projetos nas áreas social, de artes, de leitura e outros, que integravam as diferentes matérias e procuravam envolver escola, família e comunidade.

Utilizando como referência o livro *Colcha de retalhos*, de Conceil Corrêa da Silva e Nye Ribeiro Silva, foi desenvolvido em 2009 o projeto de mesmo nome, com a participação dos alunos do 1º ano. Foram realizados encontros no Colégio com famílias da comunidade. Convidadas a dar seus depoimentos e a trazer fatos de suas histórias de vida, cada família

> *trazia também [...] um pedaço de retalho que tivesse algum significado especial para seus membros.*
> *Depois de realizados vários depoimentos, e de vários retalhos doados, os participantes do projeto faziam uma colcha dessas doações de retalhos [que seria] doada para um asilo. Para isso organizava-se um evento especial. Os participantes do projeto preparavam um kit com a lembrança e um momento de chá com os idosos, além de alguns convidados. Havia uma apresentação das crianças com música e dança.*
> *Para as crianças, o convívio com os idosos era uma forma de resgatar o passado ao mesmo tempo em que levavam vida para o asilo* (LIMA, 2018, p. 18-19).

O projeto "Colcha de retalhos" foi realizado durante cinco anos. Era uma demonstração do vigor de sua proposta. Tanto que recebeu o troféu do Prêmio Construindo a Nação, do Instituto de Cidadania Brasil, considerado o melhor projeto para o Ensino Fundamental.

Outro projeto, desenvolvido em 2010, foi a utilização de saquinhos de pão para veicular mensagens.

Com a concordância do proprietário de uma padaria do bairro do Ipiranga, a Maria Loka, foram impressos 1000 saquinhos com frases e desenhos de um lado, e do outro, o logo da padaria. Era uma forma de o Colégio, por meio de uma atividade realizada por seus alunos, dialogar com a comunidade.

Enquanto as atividades educacionais procuravam manter uma atualização permanente – incluindo-se a idealização e efetivação de novos projetos –, alguns aspectos históricos do Colégio, que se mantiveram preservados, iriam constituir objeto de reconhecimento.

Tendo sua primeira parte construída em 1931, o Colégio São Francisco Xavier passou, ao longo dos anos, por ampliações, reformas e adaptações, sempre de forma a modernizar sua estrutura física.

Esse empenho das diferentes gestões em proporcionar um ambiente adequado às funções pedagógicas, pastorais e administrativas, especialmente à sua comunidade, por outro lado teve o cuidado de manter alguns elementos arquitetônicos característicos de seu projeto original. Esse cuidado não foi em vão.

O Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (Concresp), conforme Resolução nº 6, de 8 de maio de 2007, resolveu

> *TOMBAR o conjunto de 12 edificações remanescentes dos antigos Institutos Assistenciais e de Ensino do bairro do Ipiranga e suas áreas adjacentes. [...]*
> *Os referidos imóveis encontram-se protegidos pela Lei 10.032/85, [...] sendo, portanto, vedada a sua destruição, demolição ou mutilação.*

Entre as 12 edificações estava o Colégio São Francisco Xavier, o qual seria responsável, conforme a citada Resolução, pela:

> *- preservação das características arquitetônicas externas da edificação principal;*
> *- preservação da configuração espacial determinada pela relação entre a edificação e jardins, passeios e pátio interno, tais como se encontram atualmente.*

Duas soluções arquitetônicas destacavam-se na edificação: as platibandas (muretas construídas com a finalidade de esconder o telhado) e os pináculos (pontos mais altos da construção).

Vista frontal de uma das portas de entrada do Colégio São Francisco Xavier; na foto, é possível ver o pináculo e platibanda.

Vista da fachada, 2006.

O conjunto de atividades pedagógicas (incluindo projetos, visitas, estágios sociais, etc.) e pastorais (retiros, missão rural, dias de formação, etc.), bem como as comemorações, festas, celebrações, campanhas e olimpíadas que foram constituindo o calendário de ações do Colégio ao longo dos anos, se mantiveram durante o reitorado do Pe. Manuel Madruga Samaniego, SJ.

Festa Junina, 2011.

Festa Junina, 2006.

Comemoração do Dia dos Pais, agosto de 2006.

Pe. Manuel Madruga Samaniego, SJ, com o Papa João Paulo II.

PADRE EDUARDO TEIXEIRA HENRIQUES, SJ (2011-2011)

Pe. Eduardo Teixeira Henriques, SJ, nascido em Belo Horizonte, Minas Gerais, no dia 5 de agosto de 1964, estudou no Colégio Loyola entre 1976 e 1982.

> *Apaixonei-me por Santo Inácio de Loyola como costuma acontecer com adolescentes e jovens em relação aos seus heróis. A história do fidalgo que trocou a vida nas cortes pela pobreza do serviço a Deus e aos pequenos do Reino [associada à experiência eucarística e de formação integral] fizeram-me decidir pela vida consagrada como jesuíta. [...]*
>
> *Mas foi preciso esperar um pouco [...]. No final de 1984, estava pronto para dar o passo da decisão vocacional no seguimento de Jesus. Acompanhado por jesuítas experimentados, a quem sou muito grato, fui morar em Juiz de Fora em 1985, para viver em comunidade e discernir melhor o chamado.*

Aprovado para o Noviciado, Eduardo Teixeira Henriques realizou os cursos para sua formação jesuítica, passando por um gradual, longo e profundo processo de integração à Companhia de Jesus.

Bacharelou-se em Filosofia em Belo Horizonte, MG, (1990-1992) e fez o Magistério no Colégio Santo Inácio do Rio de Janeiro (1993-1995). Ordenado presbítero em 1999, doutorou-se em Educação Religiosa e Teologia Pastoral no Boston College, EUA (2003-2009).

O Pe. Eduardo Henriques, SJ, começou a trabalhar no Colégio São Francisco Xavier em 2010, integrando-se à equipe de Formação Cristã, sendo, posteriormente orientador espiritual.

Tornou-se reitor em 2011. Segundo ele, no Colégio encontrou

> *uma estrutura física que se beneficiava enormemente da renovação que aconteceu durante os anos em que o Padre Laerte Cargnelutti, SJ, tinha atuado como diretor-geral* (1999-2005).

Por sua vez, a estrutura administrativa

> *era enxuta, e todos trabalhavam com muita dedicação e carinho para com a instituição. Sentia-se um desejo de crescimento constante na profissionalização dos processos e das pessoas, sem perder a identidade própria do Colégio, onde, por exemplo, a secretária sabia de cor os nomes completos dos alunos, dos seus pais e irmãos xaverianos.*

Outro aspecto intrínseco à identidade do Colégio e vigoroso fator de união era a comunidade educativa, conforme aponta o Pe. Eduardo Henriques, SJ:

> *[...] muito alegre e com uma grande capacidade de convocação dos seus membros, isto é, alunos, educadores em sala de aula, educadores fora de sala, colaboradores dos diversos setores, pais e responsáveis e antigos alunos. Um grande exemplo disso era a festa junina, que impressionava pelo número de voluntários e montante arrecadado, que a APM administrava, apoiando projetos sociais, e financiando cursos para os pais e responsáveis, além do transporte especial para os Dias de Formação na chácara do Colégio.*

Nesse ambiente, Pe. Eduardo Henriques, SJ, encontrou como principais desafios:

> *Fidelizar as famílias para além do Ensino Fundamental e alcançar uma melhor estabilidade financeira para fazer face aos desafios crescentes da educação particular no Brasil.*
>
> *O primeiro desafio vinha de uma característica tradicional do Sanfra, que é a de ser uma "escola de bairro", o que significa uma profunda identificação com o seu entorno imediato. [...] O bairro abraça as suas instituições e tem orgulho delas. [...] Ao mesmo tempo, porém, muitas famílias pensavam que, para o Ensino Médio com vistas a melhores resultados no vestibular e no ENEM, era preciso transferir seus filhos para escolas mais competitivas. Encontrei um quadro de grande perda de alunos do 9º ano do EF para a 1ª série do EM que, felizmente, foi diminuindo ao longo dos anos.*
>
> *O segundo desafio era superar uma história de poucos recursos financeiros em razão do pequeno número de alunos e do perfil socioeconômico da maioria das famílias. Quando cheguei, o Ipiranga estava em pleno processo de verticalização, muitas famílias conheciam prosperidade, e o número total de alunos aumentava a cada ano. Tudo isso permitia sonhar e planejar um crescimento em todas as áreas.*

Seu reitorado, de apenas nove meses – de março a novembro de 2011 –, teve o fundamental sustentáculo do professor Gilberto Covre

> *a quem se devem todas as homenagens, [e que] vinha acumulando as funções de diretor-geral e diretor acadêmico-pedagógico desde o falecimento súbito do Padre Laerte Cargnelutti, SJ. Eu tinha muita confiança no trabalho dele! O Professor Gilberto fortalecia o Colégio academicamente, investindo na formação dos professores e na modernização constante das instalações, ao mesmo tempo em que assegurava recursos para passos ainda maiores, através de uma administração segura e responsável.*

As principais realizações desse período foram a implantação do período integral oferecido no contraturno escolar, cuja matrícula era opcional; e uma grade curricular inovadora, destacando-se pela ampliação da oferta de formação integral – missão das instituições educacionais jesuítas.

Pe. Eduardo Henriques, SJ, destaca os fatos mais marcantes que ocorreram no Colégio durante sua gestão. Nos dias 11 e 12 de janeiro de 2011 ocorreu uma tromba-d'água devastadora no município de Nova Friburgo, estado do Rio de Janeiro. O Colégio São Francisco Xavier mobilizou-se para levar auxílio. Com um caminhão repleto de donativos e uma equipe de educadores voluntários, dirigiram-se para o município carioca e ficaram acampados no Colégio Anchieta, período em que puderam prestar solidariedade à comunidade educativa da instituição.

Outra catástrofe natural levaria o Colégio a mobilizar-se novamente. Em função do terremoto que devastou o Haiti em 2010, a Federação Latino-Americana e do Caribe dos Colégios da Companhia de Jesus (FLACSI), promoveu uma campanha continental em 2011, com o objetivo de oferecer apoio ao país. Segundo ele, mais de

> *90 colégios jesuítas mobilizaram-se para arrecadar fundos para a reconstrução das escolas destruídas pelo terremoto [...], além de contribuir para garantir o pagamento dos salários dos professores. Houve um lindo movimento de adesão da comunidade educativa a essa causa. Sentimo-nos participando de algo que era maior do que nós.*

Além desses eventos marcantes em que houve efetiva solidariedade para com comunidades externas, outro momento especial foram os jogos da Olisanfra, de 2011, que, conforme o Pe. Eduardo Henriques, SJ,

> *foram transmitidos ao vivo pela internet, com poucos recursos e muita criatividade. Alunos e professores revezavam-se nas filmagens e na parte técnica, utilizando simples webcams e plataformas gratuitas de comunicação.*

A missão educativa do Sanfra, amparada nos requisitos exigidos por lei – incluindo a promoção de jovens com perfil socioeconômico precário –, levou o Colégio a firmar um convênio com uma escola estadual do bairro do Ipiranga.

> *O projeto foi muito positivo para as duas instituições de ensino. No Sanfra, 1/3 dos alunos do Ensino Médio eram bolsistas integrais. No Colégio Nossa Senhora da Glória, os alunos das últimas séries do Ensino Fundamental ganharam um incentivo a mais para estudar, isto é, a possibilidade de passar no exame de seleção e cursar o Ensino Médio no Sanfra. [...] No Sanfra, durante muito tempo, tivemos um ambiente diversificado do ponto de vista socioeconômico, o que, acredito, contribuiu para a formação de pessoas competentes, conscientes, compassivas e comprometidas* (PE. EDUARDO HENRIQUES, SJ, 2020).

Festa Junina, 2011.

3ª Série C do Ensino Médio, 2011.

PADRE EDUARDO BELTRAMINI, SJ (2011-2016)

Pe. Eduardo Beltramini, SJ, nasceu em Valinhos, estado de São Paulo. Fez Licenciatura em Matemática, o que o levou a uma trajetória mais personalizada em sua formação na Companhia de Jesus. Complementou estudos da Licenciatura, além de um estágio no Colégio São Luís. Essas etapas substituíram

> *o que normalmente seria o Juniorado e o Magistério nas etapas de formação regulares de um Jesuíta* (PE. EDUARDO BELTRAMINI, SJ, 2021).

Após cursar Filosofia no Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus (CES) de Belo Horizonte, teve uma experiência de trabalho pastoral na Comunidade Vocacional, em Juiz de Fora. Cursou Filosofia em Paris, no Centre Cèvres, ordenando-se em 2001 e assumindo a direção do Secretariado Vocacional dos Jesuítas. Colaborou no Colégio São Luís entre 2003 e 2005, ano em que concluiu sua formação como jesuíta, realizando a Terceira Provação, em São Leopoldo, Rio Grande do Sul.

Diretor do Centro de Pastoral Anchieta da PUC-Rio entre 2006 e 2009, nos dois anos seguintes trabalhou com a juventude universitária de Campinas, São Paulo.

Assumiu a reitoria do Colégio São Francisco Xavier no final de 2011.

A assunção do Colégio São Francisco Xavier pelo Pe. Eduardo Beltramini, SJ, em dezembro de 2011, ocorreria num momento de mudança do cargo de reitor para diretor-geral. Nesse processo,

> *o Provincial delegou a professora Sonia Magalhães para um trabalho sistematizado de coaching, o que muito contribuiu para que o trabalho fosse realizado com mais profissionalismo* (PE. EDUARDO BELTRAMINI, SJ, 2021).

Até então, ambas as funções eram exercidas pela mesma pessoa.

Essa mudança ocorria no contexto da criação da Província do Brasil, dia 16 de novembro de 2014, e do surgimento da função do Delegado de Educação, que se tornou responsável pelas orientações transmitidas ao Pe. Eduardo Beltramini, SJ, as quais balizaram os primeiros anos de sua gestão no Colégio.

> *É nesse momento que se inicia a criação do Projeto Educativo Comum (PEC), articulado com as orientações da Base Nacional Curricular Comum (BNCC)* (PE. EDUARDO BELTRAMINI, SJ, 2021).

O Projeto Educativo Comum (PEC), no âmbito latino-americano, tem suas raízes em 2005, quando a Conferência dos Provinciais Jesuítas da América Latina aprovou um documento homônimo (PEC CPALSJ),

> *com o propósito de indicar caminhos de resposta às muitas mudanças de contexto que nos desafiavam naquele momento* (PEC, 2016, p. 25).

No Brasil, os trabalhos relativos à elaboração do Projeto Educativo Comum tiveram início

> *em 2013, quando todas as Unidades Educativas da Rede passaram à jurisdição do Provincial do Brasil. No ano seguinte, foram construídas as condições para um trabalho participativo e colaborativo em Rede. Em seguida, já em 2015, foi constituído um Grupo de Trabalho (GT), composto por profissionais de diferentes Unidades da Rede* (PEC, 2016, p. 10).

Para a elaboração do PEC, objetivou-se envolver

> *o maior número de colaboradores da Rede [Rede Jesuíta de Educação] [sendo] necessário que todos, Jesuítas e profissionais, assumam com grande ânimo esse Projeto Educativo Comum. O mesmo se diga dos alunos e seus familiares que compõem conosco as comunidades educativas. [...] Todos juntos transformaremos Escolas e Colégios da Rede em verdadeiros centros de aprendizagem, compromissados com uma educação de qualidade, formando e educando pessoas conscientes, competentes, compassivas e comprometidas* (PEC, 2016, p. 11).

Assim ocorreu no Sanfra. Desde 2015 – um ano após a constituição da Rede Jesuíta de Educação no Brasil (RJE), integrada pelos 17 colégios jesuítas –, houve uma efetiva

> *participação e motivação dos profissionais do Colégio na elaboração do PEC (Projeto Educativo Comum), com grande envolvimento de toda a Comunidade Educativa* (PE. EDUARDO BELTRAMINI, SJ, 2021).

Aprovado em 28 de março de 2016 e apresentado nesse ano à RJE, o documento, lançado em outubro desse mesmo ano, passou ser objeto de reflexão e discussão no Colégio São Francisco Xavier para que, a partir de seu lançamento, com a liderança da Equipe Diretiva, fosse concluído um projeto programático interno, indicando-se

> *os ajustes a serem feitos em cada área, o tempo e os recursos necessários para tal e os limites que eventualmente existam para avançar na direção indicada pelo PEC* (PEC, 2016, p. 84).

Já o Projeto Sinergia foi implantado em julho de 2017 nesse ambiente de mudanças que vinha ocorrendo, de forma coordenada, nos colégios jesuítas, em função do trabalho desenvolvido pela Rede Jesuíta de Educação no Brasil.

> *[...] estamos vivendo um enriquecedor período de qualificação dos processos educativos, pois as unidades da RJE estão passando ou passarão pela rica experiência do Sistema de Qualidade na Gestão Escolar (SQGE [em 2013 constituía um dos eixos condutores do trabalho que estava sendo desenvolvido pela RJE]), promovida pela Federação Latino-Americana de Colégios Jesuítas (FLACSI). Desde as mantenedoras, caminhamos para um Sistema Integrado de Gestão (SINERGIA), que visa qualificar e profissionalizar os processos administrativos das mantenedoras como dos colégios, das escolas e das demais presenças apostólicas da Província. Ele fomenta processos e práticas de uma gestão transparente e integrada. Desde a RJE, temos a Plataforma Moodle como espaço privilegiado de integração entre as unidades e de qualificação das mediações pedagógicas nas propostas curriculares locais* (PEC, 2017, p. 16).

Destinava-se, prioritariamente, à

> *articulação e unificação dos procedimentos financeiros e administrativos, mas também de admissão de novos alunos, secretaria, biblioteca, entre outros* (PE. EDUARDO BELTRAMINI, SJ, 2020).

Biblioteca: um dos espaços onde seria aplicado o projeto Sinergia, 2016.

O Projeto Sinergia permitiu, desta forma, a uniformização dos

> *procedimentos informatizados numa base de dados centralizada na mantenedora. O processo trouxe economia de tempo e custo, pois as informações e os dados foram processados num mesmo padrão, sendo visibilizados em nível nacional, envolvendo todas as obras* (TIAGO AGOSTINHO, 12/2/2021).

Quando o Pe. Eduardo Beltramini, SJ, assumiu a gestão do Colégio, havia importantes desafios a serem superados, especialmente em relação à profissionalização dos procedimentos e relacionamentos interpessoais, capazes de assegurar a manutenção de um relacionamento humanizado e personalizado, marca registrada do Colégio. Segundo ele, era preciso reorganizar as equipes:

> *acadêmica, administrativa, financeira e de Formação Cristã, segundo modelos mais profissionais e de acordo com as orientações do PEC e do Projeto Sinergia. [Promover] maior sistematização dos procedimentos de comunicação [implantando-se a sistemática de se fazer os registros por escrito dos eventos e de todas as decisões] [bem como proceder a uma] revisão e definição com relação à presença e atuação da APM no Colégio.*

Criou-se um Conselho de Identidade e Missão. A Equipe de Formação Cristã foi transformada em assessoria comunitária e religiosa, passando a ter uma participação em todos os setores.

A área pedagógica foi objeto de significativas mudanças. Reorganizou-se a estrutura de trabalho da coordenação e de assessoria pedagógica. Foram criadas cinco coordenações: Educação Infantil e 1º Ano; 2º ao 4º Ano; 5º Ano; 6º ao 8º Ano e 9º Ano e Ensino Médio. Como cada coordenador dispunha de assessoria pedagógica própria, houve uma aproximação maior do Colégio com as famílias.

Foi instituída a função do Orientador de Estudos, um dos profissionais integrantes da equipe de gestão.

> *Ele trabalha diretamente com os alunos, ajudando-os em seu desenvolvimento pessoal. Em parceria com os professores, ele auxilia na compreensão do comportamento dos estudantes e agir de maneira adequada em relação a eles; com a escola, na organização e realização da proposta pedagógica; e com a comunidade, orientando, ouvindo e dialogando com pais e responsáveis* (TIAGO AGOSTINHO, 2021).

Para gerir as atividades realizadas fora do período regular, criou-se a Coordenação de Atividades Extracurriculares. Internamente, a aproximação entre as áreas tornou-se propósito da gestão. Promoveu-se, dessa forma, uma integração das atividades de Formação Cristã às áreas pedagógica e administrativa. Foram mudanças que procuravam promover um melhor diálogo tanto interno quanto com a comunidade educativa.

Nesse sentido se enquadravam algumas das modificações nos ambientes físicos de trabalho e de convívio, aproximando os integrantes da equipe e da comunidade.

Os espaços de trabalho individuais da área administrativa e da diretoria foram reorganizados, implantando-se ambientes coletivos. As salas ambiente da Formação Cristã, o Projeto Magis e Manresa – espaços de espiritualidade – foram especialmente criados para convívio de colaboradores, estudantes e profissionais. Criou-se também

o espaço acessível para a APM. Foram remodelados o *boulevard*, a entrada de alunos e o acesso à igreja.

Boulevard remodelado, 2014.

Se, internamente, o Colégio promovia mudanças substanciais, externamente ocorria o maior evento internacional da Igreja Católica: a Jornada Mundial da Juventude, em 2013, no Rio de Janeiro, que teve a presença de um grande número de peregrinos, provenientes de diversos países, bem como a participação do Papa Francisco.

Durante o evento foram realizadas as atividades do projeto Magis+, ocasião que mobilizou

> *toda a Comunidade Educativa na sua preparação e realização, com destaque para a atuação das famílias que se mobilizaram afetiva e efetivamente em todos os eventos, desde o levantamento de fundos até o envio dos peregrinos para o grande evento* (PE. EDUARDO BELTRAMINI, SJ, 2020).

Ocasiões como essa, de significativa integração, ocorriam no âmbito das ações da Associação dos Colégios Jesuítas (Acoje).

Em uma de suas mais antigas iniciativas, promoveu, em 2012, os Jogos Intercolegiais Jesuítas. Com a participação dos colégios Anchieta, Jesuítas, São Francisco Xavier, Santo Inácio, São Luís e o Colégio Loyola, de Belo Horizonte,

> *[...] além de promover a integração dos estudantes das escolas da Companhia de Jesus, os Jogos Intercolegiais Jesuítas, que acontecem a cada dois anos, são uma ótima oportunidade para que os alunos possam participar de um evento esportivo em que*

prevalecem o espírito de equipe e a capacidade de superação. Apesar da contagem de pontos, todas as equipes são consideradas vencedoras e, ao fim do torneio, todos os atletas são premiados. Os Jogos da ACOJE também são um excelente momento para conhecer outras pessoas e fazer novas amizades (COLÉGIO LOYOLA, 2012).

De modo semelhante, a Bienal dos Colégios Jesuítas proporcionava a integração entre colégios jesuítas, por meio da celebração da arte. Em 2014, a 7ª edição – dedicada aos 200 anos da restauração da Companhia de Jesus – foi realizada no Colégio Santo Inácio com o tema "Asas do tempo: arte, memória em movimento", em que foram apresentados mais de 500 trabalhos artísticos.

> *A abertura contou [...] com a participação especial de Tiago Abravanel, ex-aluno do Colégio São Francisco Xavier, conhecido como Sanfra. O ator e cantor se declarou feliz por participar do evento. "Cantei e atuei, muitos anos atrás, na Bienal de Nova Friburgo/RJ. Depois, fui monitor na Bienal do Sanfra", contou Tiago, que entrou no Sanfra no 7º ano do Ensino Fundamental. "Devo muito ao colégio, onde fiquei até concluir o Ensino Médio. No Sanfra, eu tive uma excelente formação"* (REVISTA EM COMPANHIA, out/2014, ed. 9).

Se a participação em eventos intercolegiais jesuítas constituía uma oportunidade de integração para alunos e professores do Colégio, as atividades internas representavam eventos cotidianos que proporcionavam experiências de convivência, reflexão, diálogo e ação entre estudantes e professores e destes com a comunidade.

Um dos desafios foi construir uma casa de garrafas PET. No início de 2012, em um projeto envolvendo as disciplinas de Física, Química, Matemática, Biologia e a equipe de manutenção, houve um grande empenho para se conseguir centenas de garrafas PET. O projeto previa não apenas a casa, mas também móveis feitos de material reciclado e ainda um coletor de energia solar destinado ao aquecimento de água. Graças a uma imensa e dedicada equipe – que contou com todas as turmas do 2º ano –, a complexidade e a dimensão da obra foram desafios superados (LIMA, 2018).

Enquanto algumas propostas erguiam-se, firmando-se no chão, outras buscavam o ar, a ascensão.

Após a realização da Passeata da Paz, seus participantes, alunos e professores,

> *[...] pensaram em fazer algo original, que sensibilizasse e multiplicasse seus efeitos para além da Passeata. Daí nasceu a ideia dos balões contendo um bilhetinho dentro com mensagens de paz. Era como se o propósito fosse "espalhar a paz" ou "semear nos ventos da paz"* (LIMA, 2018, p. 41).

Mensagens e balões foram preparados e soltos, cheios de gás hélio. Era agosto de 2015. Foram subindo, movimentando-se ao sabor dos ventos. Após certo tempo, iam perdendo altura e caíam na calçada, na rua, nos telhados e quintais. As pessoas recolhiam aqueles balões mais acessíveis. E percebiam a mensagem lá dentro, com a identificação "Colégio São Francisco Xavier".

> *Algumas guardavam a lembrança. Outras, mais sensibilizadas [...] decidiram ir até o Colégio [...] simplesmente agradecer [...] pela mensagem recebida daquela forma* (LIMA, 2018, p. 40).

Os modos de se comunicar com os outros, de levar mensagens até o próximo – dentro de um processo de formação integral – apresentavam-se em diferentes soluções, proporcionando distintas experiências.

No final de 2016, um grupo de crianças do Colégio, na faixa etária de três anos, distribuía, no interior do Museu do Ipiranga, envelopes contendo sementes de girassol. Elas explicavam, para jovens e adultos que se abaixavam para ouvi-las, como plantar. Foi um momento muito especial

> *para sua desenvoltura: expor-se a outras pessoas em um ambiente fora da escola, falar, argumentar, incentivar o outro a levar a semente e plantá-la. [...] Transformaram-se em pequenos agentes multiplicadores de uma ideia. Nessa nova situação que estavam vivendo, tornavam-se, ao mesmo tempo, aprendizes e mestres (LIMA, 2018, p. 158-159).*

Após quase cinco anos de gestão – de dezembro de 2011 a agosto de 2016 – o Pe. Beltramini entregou o Colégio ao sucessor, Ir. Marcos Epifanio Barbosa Lima, SJ, com duas fundamentais frentes em processo de implementação: o PEC e as mudanças exigidas pelo Projeto Sinergia. O clima institucional apresentou significativa melhora, o que propiciava o desenvolvimento de novas dinâmicas, além da "experiência da nova Equipe de Formação Cristã ter sido extremamente positiva", conforme depoimento do Pe. Eduardo Beltramini, SJ, em abril de 2021.

Vista panorâmica do pátio, 2016.

Momento Cívico, 2012.

Grupo de alunos no pátio, 2015.

Feijoada beneficente, 2014.

Capela, 2016.

Abertura da Olisanfra, 2015.

Partida de handebol na Olisanfra, 2015.

Batismo na capela, 2014.

Sala de aula, 2016.

Alunos em atividade formativa, 2015.

Os pequenos em momento de diversão no parquinho, 2016.

Palestra no teatro, 2016.

IRMÃO MARCOS EPIFANIO BARBOSA LIMA, SJ (2016-2020)

O Ir. Marcos Epifanio Barbosa Lima, SJ, nasceu no dia 4 de maio de 1981, em Maceió, Alagoas.

Sua trajetória na Companhia de Jesus compreende etapas de formação e destinações estabelecidas pela Companhia.

Tendo participado de encontros vocacionais em 1998, no Recife, Pernambuco, dois anos depois estava na unidade vocacional São Pedro, dos Salesianos, em Fortaleza, onde conviveu com vocacionados da Companhia de Jesus. Em 2002, ingressou na primeira etapa de formação da Companhia de Jesus – o Noviciado, em Feira de Santana, Bahia, fazendo votos de entrada na Companhia de Jesus, como jesuíta Irmão.

Nos anos iniciais de sua formação, Ir. Marcos Epifanio Barbosa Lima, SJ, conviveu com companheiros

> *de várias nações, em especial, espanhóis e italianos, que me mudaram o modo de ver a vida e de sorvê-la com a sabedoria que me apresentavam naturalmente.*

Em João Pessoa, faz o Juniorado, durante dois anos. Entre 2006 e 2009, realiza a graduação em Pedagogia pela Universidade Federal da Bahia. Foi enviado, em seguida, à Universidade de Georgetown, Guiana Inglesa, para aprimorar-se nos estudos linguísticos.

Retorna a Feira de Santana, integrando a equipe formativa do Noviciado, ao mesmo tempo que realizava o curso de administrador da casa, experiência que o levou para a residência Antônio Vieira, ligada ao Colégio Antônio Vieira, em Salvador.

Na Espanha – cuja permanência entre 2011 e 2014 o levaria a uma ampliação da visão de mundo –, dedica-se a três formações: curso de reciclagem em Teologia, Terceira Provação e Imersão Inaciana sobre o carisma, identidade e administração das fontes e das origens da Companhia de Jesus.

Retornando ao Brasil, em Goiânia desenvolve um trabalho de assessoria da Juventude e, posteriormente, é destinado ao Colégio São Francisco Xavier, onde chega no dia 10 de agosto de 2016.

Ao assumir a direção, viu o Colégio

> *da Companhia de Jesus como uma obra apostólica para a evangelização da Igreja tal qual qualquer outro Colégio teria a potência de ser. [Assim,] tinha grandes sonhos [de] transformá-la então nas possibilidades de suas potências. Estas convicções foram os grandes motes quando da minha chegada no Colégio, olhando essa estrutura física, pedagógica e administrativa, a identidade institucional, o clima educacional, etc.* (IR. MARCOS EPIFANIO BARBOSA LIMA, SJ, 2020).

Pouco depois de assumir a direção, foi lançado oficialmente, em outubro de 2016, o Projeto Educativo Comum.

> *Isso prá mim foi o grande motivador, o grande fator de desafiar-me a colocar naquele Colégio a proposição das quatro dimensões [Dimensão Currículo; a Dimensão Família e Comunidade Local; a Dimensão Clima Institucional; a Dimensão Organização, Estrutura e Recursos] que o Projeto Educativo Comum estava nos motivando. O principal desafio era fazer acontecer um currículo que fosse integrador, integral, um currículo da Companhia de Jesus para suas obras educacionais, o clima institucional como cuidado das pessoas, dentro e fora a obra, a organização da questão financeira, física e organizacional do Colégio, a família [e] as associações vinculadas ao Colégio* (IR. MARCOS EPIFANIO BARBOSA LIMA, SJ, 29/12/2020).

Vários projetos e ações passaram a ser implantados no Colégio São Francisco Xavier. Entre as ações, destacam-se as Rodas de Conversa, em que a direção-geral visita as salas de aula, do Infantil ao Ensino Médio, e interage com os estudantes por meio de partilhas, contação de histórias e diálogos espontâneos (REVISTA EM COMPANHIA, maio/2017).

Dentro do planejamento traçado para o quadriênio, foi desenvolvido o Plano Diretor, fundamentado no PEC. Ao mesmo tempo, o Colégio São Francisco Xavier trazia sua proposta Sanfra Learning Space, também embasada no PEC, que apontava para a

> *necessidade de reformulação do ambiente escolar, de repensar muitas das atuais práticas pedagógicas – revendo espaços, recursos e metodologias para que utilizem as tecnologias digitais para inovação* (REVISTA EM COMPANHIA, maio/2017, ed. 34, p. 16 e 17).

Decorrentes dessas duas ações, foram inaugurados, em 24 de fevereiro de 2017, o L@b Criativo Kids, voltado à Educação Infantil, e a Sala Conceito. Ambos se tornaram espaços de inovação educacional, onde professores e estudantes podiam compartilhar novos formatos de aula, permeadas por experimentações de pesquisa, produção, autonomia, colaboração, criatividade e autoria – aliada a uma tecnologia renovada.

> *O Lab Kids trouxe como principal conceito a ludicidade convivendo com recursos digitais e analógicos* (SANFRA EM REVISTA, ago./2018, ed. 1, p. 22).

Adesivos de robôs, de lápis e os cadernos podiam ser vistos lado a lado nas paredes. Lousas branca, para se escrever com canetas, e eletrônica – com o recurso *touch*, presente também no *tablet* – conviviam. Mesas adesivadas com trilhas poderiam ser utilizadas individualmente ou agrupadas, explorando-se o uso de *games* e a gamificação. Professores e alunos podiam se voltar à produção de jogos, com o objetivo de dar início a um pensamento computacional.

Na Sala Conceito – que trouxe uma mudança de caráter pedagógico no espaço físico do Colégio –, *iPads* e *notebooks* eram acondicionados em armários e carrinhos móveis para que professores e alunos pudessem utilizar. O foco não era a tecnologia, mas a dinâmica das relações em um espaço inovador: sala de 360º, sem frente definida, diferentes superfícies para escrita (porta de vidro, armário, mesas e paredes), mobiliário com diferentes possibilidades de *layout*.

Essa nova configuração trazida pela Sala Conceito acabou migrando para a equipe pedagógica, que organizou um importante movimento no qual as atividades internas permitiam o trabalho por projetos. Assim foi criado o Espaço Santo Inácio, que trouxe a possibilidade de reflexão

> *para importantes pilares da inovação educativa: currículo x avaliação x tempo x espaço e, como a tecnologia digital pode auxiliar nesse processo* (SANFRA EM REVISTA, ago./2018, ed. 1, p. 23).

Espaço Santo Inácio, 2017.

Como desdobramento dessas experiências foi criado o espaço de criação Sanfra Maker, cujo ponto de partida é o questionamento: "O que você faz com uma ideia?". Desde 2018, o Sanfra Maker

> *é um espaço [para pôr a] mão na massa, equipado com diferentes ferramentas que auxiliam e trazem a vivência da prototipagem e fabricação digital (Impressora 3D, Cortadora à laser e Plotter de vinil) para concretizar ideias, utilizando a tecnologia (digital ou analógica) para estimular a criatividade, autonomia e aprendizado pela experimentação* (SANFRA EM REVISTA, ago./2018, ed. 1, p. 23).

Trata-se de fomentar oportunidades para que a figura do *maker*, do *designer* e do empreendedor possa se desenvolver por meio de ações concretas no ambiente do Colégio e, ao mesmo tempo, proporcionar meios para dar novas respostas ao olhar humanístico para as obras sociais do Colégio São Francisco Xavier.

O "movimento *maker*" – que se apropria da tecnologia para operar na cultura do "faça você mesmo" – integrava-se às transformações que ocorriam na educação tendo como horizonte tornar o estudante protagonista de seu processo de aprendizagem por meio do "aprender fazendo", conforme preconizado pela BNCC – Base Nacional Comum Curricular e pelo PEC.

> *A BNCC "propõe a superação da fragmentação disciplinar do conhecimento, o estímulo à sua aplicação na vida real, a importância do contexto para dar sentido ao que se aprende e o protagonismo do estudante em sua aprendizagem e na construção de seu projeto de vida." (BNCC, p. 64). O PEC, em consonância, fala da necessidade de proporcionar projetos que garantam o protagonismo do aluno e a sua representação nas diferentes instâncias da vida e da organização escolar (PEC 53)* (SANFRA EM REVISTA, 1º semestre/2020, ed. 4, p. 16).

Assim nasceram projetos como "Do Sanfra ao Padre Chico na ponta dos dedos", desenvolvido por professores e alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, destinado a tornar uma área do bairro – o Parque da Independência e arredores –, um local de maior acessibilidade aos deficientes visuais do Colégio Padre Chico. Integrando disciplinas como Física, Química, Matemática e Geometria, foram organizados momentos de convivência com alunos da instituição, visita ao Parque e maquete do local e seu entorno,

> *uma réplica tátil de uma edificação presente na rua que liga o próprio Colégio ao Instituto de Cegos Padre Chico* (SANFRA EM REVISTA, 1º semestre/2019, ed. 2, p. 29).

O *coworking* é outra consequência da Sala Conceito. A sala de Coordenação de Inovação Educacional passou a ser um local de compartilhamento de espaço e recursos, incentivando-se o trabalho conjunto entre equipe de inovação, professores e alunos. A Biblioteca também se tornou um espaço em que esse conceito de compartilhamento de trabalho foi implantado.

Biblioteca, 2020.

As mudanças pedagógico-curriculares do Colégio, conforme o Ir. Marcos Epifanio Barbosa Lima, SJ, tiveram como ferramenta a proposta que ele designou "Participando de uma Pedagogia do Projeto".

A Pedagogia do Projeto tem suas raízes em postulados do professor John Dewey – e outros representantes da designada Pedagogia Ativa –, que inspiraram seu discípulo William Heard Kilpatrick, em 1918, na formulação da ideia de projetos como um procedimento didático.

Atualmente, com a Pedagogia do Projeto

> *aprende-se participando, vivenciando sentimentos, tomando atitudes diante dos fatos, escolhendo procedimentos para atingir determinados objetivos. Ensinar-se não só pelas respostas dadas, mas principalmente pelas experiências proporcionadas, pelos problemas criados, pela ação desencadeada* (ESCOLA PLURAL, 1994, p. 38).

Tratava-se de uma concepção ideal

> *para aquele ambiente, para aquele grupo humano e para aquele momento. E, desde então, fui construindo junto aos coordenadores pedagógicos, ao staff do Colégio no nível tático e também no nível operacional, e também no nível estratégico, uma releitura curricular em que a Pedagogia de Projetos estivesse contida desde a Educação Infantil até o término do Ensino Médio* (IR. MARCOS EPIFANIO BARBOSA LIMA, 2020).

"Participando de uma Pedagogia do Projeto", ou Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP) – originalmente *Project-Based Learning* (PBL) –, tornou-se uma instigante oportunidade para que, juntamente com os métodos da cultura *maker*, competências e habilidades pudessem ter um desenvolvimento adequado e interdisciplinar dos alunos.

As reformas físicas que ocorreriam entre 2019 e 2020 no Colégio, redimensionando espaços e funcionalidades, iriam favorecer a prática do trabalho em grupo de forma colaborativa, bem como

> *do pensamento reflexivo, da experiência prática com objetivo ao incentivo à pesquisa, transformação e criação, além da capacidade de usar diferentes recursos tecnológicos com salas equipadas para as atividades propostas. Ao mesmo tempo, valoriza as competências socioemocionais, a empatia, a responsabilidade, o respeito, o cuidado, o autocontrole, a determinação e a criatividade* (SANFRA EM REVISTA, 1º semestre/2020, ed. 4, p. 19).

Durante sua gestão, outros grupos da equipe do Colégio, além do pedagógico – comunicação, administrativo, Formação Cristã e Pastoral –, foram integrados à iniciativa, chegando a desenvolver 65 projetos que permeavam, interdisciplinarmente, o clima institucional e as distintas dimensões do Sanfra.

O ano de 2018 foi especialmente muito significativo para o Colégio São Francisco Xavier. Fundado em 12 de março de 1928, no bairro da Liberdade, em São Paulo, chegava aos 90 anos.

Foi um ano inteiro de ações, com entregas mensais, reunindo toda comunidade educativa: alunos, docentes, administrativo, famílias, associações.

> *[...] foram entregas muito relevantes, significantes, porque tratou de vidas, se tratou da imagem do Colégio e da identidade como obra da Companhia* (IR. MARCOS EPIFANIO BARBOSA LIMA, SJ, 2020).

No mês de aniversário, março, foi lançado o livro comemorativo *Colégio São Francisco Xavier: 90 histórias de uma única história*, tendo como protagonistas das memórias relatadas antigos alunos, professores, funcionários e integrantes de equipes diretivas em diferentes momentos.

No dia 12 de março, foi realizada a cerimônia da Cápsula do Tempo. Na ocasião, diversos objetos pedagógicos,

> *fotos, trabalhos estudantis, uniformes e pertences dos alunos da Pré-Escola II, 1º ano e 2º ano foram guardados na cápsula, que foi lacrada para ser aberta somente em 2028, quando a instituição completará 100 anos* (REVISTA EM COMPANHIA, mar./2018, p. 29).

Comemoração dos 90 anos do Colégio, 2018.

Ainda nesse ano, por meio de uma parceria com a International School, foi implantado o Programa Bilíngue, do maternal ao 9º ano – estendido, em 2019, à 1ª série do Ensino Médio.

> *O foco do Programa Bilíngue não é ensinar o inglês, e sim ensinar em inglês. As disciplinas e temas pertencentes à grade curricular de cada uma das séries são revisitados com uma abordagem diferente, de forma mais lúdica, curiosa ou intrigante [...] discutindo temas que façam parte do seu cotidiano e, por consequência, assimilando as estruturas gramaticais, novos vocabulários e expressões da língua. [...] Baseado principalmente na metodologia da sala de aula invertida, o programa do Ensino Médio propõe que o [aluno] já chegue às aulas preparado, por meio de atividades que serão desenvolvidas em uma plataforma online, totalmente gameificada, para assim superar os desafios que serão lançados em sala* (SANFRA EM REVISTA, 1º semestre/2019, ed. 2, p. 12).

Um dos princípios do Projeto Educativo Comum é o incentivo à participação, ao diálogo e à interação dos envolvidos na dinâmica da comunidade educativa: escola, família e comunidade local. Fortalecendo os vínculos afetivos e institucionais, e visando contribuir para a realização da missão educacional dos jesuítas, a esses grupos somou-se a Casa das Associações, espaço destinado a confraternizações, reuniões, eventos e atividades.

A Casa das Associações foi organizada em 2019, em uma das casas em frente ao Colégio pertencentes à instituição, atendendo à dimensão família e comunidade do PEC. Fariam parte a Associação Japonesa São José Yosefukai (a mais antiga e tradicional do Colégio), Conselho de Famílias Xaverianas, antiga Associação de Pais e Mestres,

Núcleo de Egressos Xaverianos (NEX), o Espaço Magis Padre Guido del Toro, do Programa Magis Brasil (ação dos jesuítas destinada a formar jovens capazes de atuar no mundo) e Associação de Oração pela Arte (OPA), grupo de artistas cuja proposta é o desenvolvimento de uma sensibilidade artística inaciana universal, promovendo encontros, preservando acervo próprio, além do Espaço para a Juventude Inaciana.

A estrutura física do Colégio, também em função do PEC, passaria por um processo de adequação, renovação e inovação. Com um projeto arquitetônico assinado por Paulo Lisboa Arquitetura, a proposta foi

> *trazer a arquitetura como plataforma de interface de educação, comunicação e informação, onde os próprios alunos serão os protagonistas* (DOX, 2020).

Implantado em oito fases, desenvolvido entre 2019 e 2020, o projeto impactou por sua abrangência. Praticamente todo o Colégio – mantendo-se as características que o definiram como patrimônio (...) – passou por um redesenho nos espaços da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio; salas de administração, de professores, laboratórios e cozinha experimental; espaços de convivência, como o Sanfra House; quadras e esportes, com destaque para as novas estruturas e ambientes diferenciados; novo restaurante e local para eventos. A revitalização chegaria também ao Recanto Anchieta, em São Bernardo do Campo, em uma área de 55 000 m² (SANFRA EM REVISTA, 1º semestre/2019, ed. 2, p. 25).

Houve uma atenção especial em relação aos processos técnicos.

> *[No] teto verde que cobre a quadra do São Francisco Xavier [...] a vegetação ocupa uma área de 240 m² e ajuda a reduzir a temperatura, tornando ambiente mais agradável para alunos, professores e visitantes* (REVISTA EM COMPANHIA, jun-jul./ 2019, p. 21).

O amplo projeto previa obras e uma transformação em toda a área interna

> *[...] cuja proposta o tornará referência em inovação arquitetônica no segmento, na região* (DOX, 2020).

A dinâmica do Colégio – assim como de todos os países – foi substancialmente impactada pela pandemia do Coronavírus. Houve uma inevitável necessidade de promover adaptações, por exemplo, implantar atividades *home office* para colaboradores, docentes, administrativos, técnicos e outros. Outra fundamental questão tornou-se o ensino à distância.

> *Nosso Colégio já praticava uma educação em EaD, para a terceira série do Ensino Médio, mas de um modo sazonal e muito pontual. E tivemos que colocar isto como regra para todas as séries, imposto pelo isolamento social. [...] Estudantes e famílias [...] tiveram que se adaptar ao ensino à distância. [...] Outra grande mudança, fruto dessa pandemia, foi o ensino híbrido, à medida que os estudantes já estavam voltando presencialmente ao Colégio, [e] outros, da mesma série, da mesma turma,*

> *estavam ainda em suas residências. [...] No início do ano [de 2020] foi totalmente presencial [...] mesclando distância e presencial. [...] Então fomos nos preparando e pacificando o coração, tendo também a serenidade de discernimento e raciocínio e tudo ao final foi se ajustando no possível para o momento* (IR. MARCOS EPIFANIO BARBOSA LIMA, SJ, 2020).

Nesse contexto, o Colégio São Francisco Xavier, tendo como missão a formação de seus alunos para a cidadania global, desenvolveu projetos como "Game of Trash" que, abordando o descarte inadequado de resíduos sólidos e seu impacto no meio ambiente, levou os alunos do 7º ano a uma atividade lúdica e interativa.

O 6º ano, com o projeto "A nossa civilização antiga", refletiu sobre as distintas culturas e formas de organização político-sociais presentes ao longo da história em todo o planeta, a partir da criação de civilizações e suas distintas manifestações identitárias presentes na cultura, mitos, moeda e regras.

O Ensino Médio propôs e organizou a SimulaSanfra. Representando o papel de delegados de diferentes nações que simulavam um dos comitês da ONU, eles deveriam defender interesses geopolíticos e pactuar

> *soluções para problemas atuais, como a crise dos refugiados ou os embargos econômicos. A "SimulaSanfra" fortalece o protagonismo juvenil e a liderança, características fundamentais para a cidadania global* (SANFRA EM REVISTA, 1º semestre/2020, ed. 4, p. 21).

Alunos do 5º ano, tendo como referência as Paralimpíadas, tiveram contato com algumas das 22 modalidades dos esportes programados para o evento, como o vôlei sentado, cuja prática destina-se a homens e mulheres que apresentam algum nível de deficiência em relação à locomoção.

Com o objetivo de proporcionar às crianças um exercício que permitisse a compreensão e o reconhecimento do esforço dos participantes dos jogos adaptados, os alunos praticavam o vôlei observando o quão motivador era perceber as pessoas com deficiência

> *superarem as dificuldades por meio do esporte [...]. Com base nessa experiência, eles encaram o medo do desconhecido e enxergam o esporte de uma nova forma mais desafiadora* (REVISTA EM COMPANHIA, mar./2020, ed. 63, p. 11).

Atividades cíclicas, que entravam na programação anual do Colégio, foram mantidas, adaptadas à nova realidade. Em junho de 2020, foi realizado o Movimento Junino Solidário, iniciativa voltada à arrecadação de recursos que seriam destinados a instituições de caridade da região do Ipiranga – Fundação Fé e Alegria, Arsenal da Esperança, Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados (SJMR) e a Fundação Nossa Senhora Auxiliadora do Ipiranga (Funsai).

Avaliando sua gestão como diretor-geral do Colégio São Francisco Xavier, o Ir. Marcos Epifanio Barbosa Lima, SJ, considera que a principal realização no período 2016-2020, foi

> *conectar pessoas [através da reconciliação entre as pessoas, e as pessoas consigo mesmas, com Deus e com a Criação, como diz o Papa Francisco e, ao mesmo tempo, isso gerar frutos.] [...] A partir do momento que eu comecei a conectar pessoas consigo mesmas, através dos seus sentimentos, de um autoconhecimento, de um projeto de vida ou de reforma de vida, como colaboradores do Colégio, tudo mudou [tendo como propósito] viver a nossa missão. A missão do Colégio em formar pessoas conscientes, competentes, compassivas e comprometidas, que são os quatro "C" do Projeto Educativo Comum.*

De seu sucessor, ouviu, no dia 3 de dezembro de 2020, dia de São Francisco Xavier – quando o Pe. Ponciano Petri, SJ, assumiu a direção-geral: "Obrigado Epifanio porque você me deixou a casa pronta."

Foi um período de grande renovação nas estruturas organizacionais, com lideranças intermediárias fluindo interdisciplinarmente do pedagógico ao administrativo.

Prolífico escritor, Ir. Marcos Epifanio Barbosa Lima, SJ, publicou diversos livros e artigos, inclusive sendo organizador de duas obras – *Colégio São Francisco Xavier: 90 histórias de uma única história* e *Pe. Guido del Toro* – no período em que esteve à frente da direção da instituição.

Fachada da Rua Vicente da Costa, 2018.

Formandos do Ensino Médio, 2019.

Festa de aniversário do Colégio, 2017.

Rito de Passagem do Pré II, 2019.

Apresentação de ginástica rítmica, 2019.

Festa Junina, 2019.

Dia da Família, 2019.

Laboratório de Química, 2018.

Palestra do projeto “Você inspirando pessoas”, 2019.

Centro Magis Pe. Guido, 2018.

Atividade na Capela, 2020.

Associação Japonesa, 2018.

PADRE PONCIANO PETRI, SJ (2020-2022)

Pe. Ponciano Petri, SJ, nasceu no dia 18 de outubro de 1973, em Cachoeiro de Itapemirim, ES.

Entrou para a Companhia de Jesus em 1996, teve seus estudos iniciais realizados em Feira de Santana, BA, passando, em 1998, a morar em João Pessoa, PB, para os estudos preparatórios destinados à formação acadêmica. No ano 2000, iniciou o curso de Filosofia em Belo Horizonte, MG, com duração de três anos.

Em 2003, viaja para Cuba para realizar trabalhos pastorais em uma paróquia, retornando a Belo Horizonte, em 2005, para cursar Teologia. Ordenado Diácono, foi destinado ao Colégio São Francisco de Sales, em Teresina, PI, atuando como coordenador de Formação Cristã e Pastoral entre 2008 e 2009, sendo ordenado Presbítero nesse período.

Fortaleza, no Ceará, é seu próximo destino, onde, a partir de 2010, foi diretor-geral no Colégio Santo Inácio, seguindo para Curitiba, Paraná, em 2012, para cursar Mestrado em Educação, além de trabalhar no Colégio Nossa Senhora Medianeira.

Visando concluir sua formação Jesuíta, viaja para Salamanca, na Espanha, no segundo semestre de 2015. Posteriormente, destinado ao Rio de Janeiro em junho de 2016, torna-se coordenador de Formação Cristã e Pastoral do Colégio Santo Inácio, onde, em dezembro de 2017, assume como diretor-geral.

Nessa trajetória, foi destinado, em dezembro de 2020, ao Colégio São Francisco Xavier para ser o diretor-geral. Ao assumir, o Pe. Ponciano Petri, SJ, observou que a questão acadêmica

> *precisava de uma atenção maior para inseri-lo ainda mais no ritmo e exigências das orientações da Rede Jesuíta de Educação – RJE. Profissionais capacitados para o cargo, mas precisando de estímulo maior para o trabalho.*
> *No que se refere à administração, o Colégio estava iniciando o processo de cumprir os compromissos com outras unidades da RJE na questão financeira assumida anteriormente. Preocupação constante com a saúde e sustentabilidade econômica e atenção quanto aos contratos que geravam prejuízos.*

O desafio de continuar sendo um colégio de referência e competitivo, devido à concorrência existente na região, ainda permanecia como um fator de cuidadosa

atenção. Era preciso elevar o gabarito de exigência pedagógica e dos demais setores, colocando-os no mesmo patamar de excelência, estimulando profissionais a dedicar-se

> *mais na identificação com "modo de fazer educação" de um colégio da Companhia de Jesus. Foi preciso, durante o ano, pensar toda estrutura pedagógica para atender toda exigência do Novo Ensino Médio* (PE. PONCIANO PETRI, SJ, 2022).

O processo de implementação do Novo Ensino Médio atendia à Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017, que estabelecia alterações para a estruturação de um currículo que proporcionasse um aumento do protagonismo juvenil. Assim, um dos pilares do Ensino Médio, o Projeto de Vida, em alinhamento com a Base Nacional Comum Curricular, tem como objetivo, conforme *site* do Colégio,

> *desenvolver competências básicas para a inserção do jovem na vida adulta, contemplando sua formação nas múltiplas dimensões, [por meio do] autoconhecimento para que o jovem seja capaz de fazer escolhas assertivas, a partir da sua própria identidade, e tomar decisões voltadas a projetar sua vida, visando uma trajetória que leve ao desenvolvimento do seu potencial e o coloque a serviço dos demais, entendendo e se percebendo como um sujeito que desempenha diferentes papéis sociais* (SANFRA, 2021).

Com a pandemia, permaneceu a necessidade de uma atenção especial às aulas – além de toda a dinâmica do Colégio.

Em função do início de flexibilização relativa às restrições decorrentes da pandemia, o Colégio promoveu o escalonamento de turmas, implantando uma coexistência de soluções. Assim, uma mesma aula foi ministrada, simultaneamente, tanto para os alunos que participaram presencialmente no Colégio quanto para outra parte que teve acesso às aulas de forma remota por meio do Teams, plataforma virtual da Microsoft.

Esse período foi de adaptação para as famílias e de aprendizado para os profissionais, mas foi possível superar o desafio. E esse processo se tornou uma das ações relevantes do Colégio em 2021, tendo sido criados

> *canais mais eficientes de interação com as famílias, diminuindo dúvidas, questionamentos e reclamações* (PE. PONCIANO PETRI, SJ, 2022).

Nesse ambiente em que a tecnologia digital é tão imprescindível e mesmo onipresente, as soluções de propostas decorrentes das atividades pedagógicas podem trazer importantes reflexões sobre nossos meios de expressão e comunicação. É nesse sentido que na Celebração da Paz os alunos da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, anos iniciais, utilizaram notas adesivas (*post-it*) para montar um mosaico em que foram registrados pensamentos e sentimentos com o propósito de um mundo melhor a partir do tema "Fraternidade e Diálogo: compromisso de amor" e da frase motivacional "Cristo é a nossa paz: do que era dividido, fez uma unidade" (Efésios 2.14).

> *Tradicionalmente, para lembrar as bombas de Hiroshima e Nagasaki, o SANFRA promove a Celebração da Paz, convidando todos a refletir e se posicionar de modo contrário a qualquer forma de intolerância e desrespeito com a vida e a dignidade humana. Devido à pandemia, neste ano, a ação ocorreu na Capela e foi transmitida para toda a comunidade educativa* (SANFRA, 2021).

O Pe. Ponciano Petri, SJ, com pouco mais de um ano de gestão – entre 3 de dezembro de 2020 e 24 de janeiro de 2022 –, entregaria ao sucessor, Pe. Tarcio Luiz Ferreira dos Santos, SJ, um Colégio onde importantes desafios pedagógicos haviam sido superados, permanecendo outros que exigiriam novas respostas.

Alguns registros do período em que o Pe. Ponciano Petri, SJ, se manteve como reitor estão nas fotos a seguir.

Pe. Ponciano Petri, SJ, durante missa com a Comunidade Educativa, 2021.

Pe. Ponciano Petri, SJ, com os sacerdotes Cleiton Neri, SJ, e Felipe Soriano, SJ,
os três jesuítas em missão no Sanfra, 2021.

Pe. Ponciano Petri, SJ, durante a inauguração da Central de Atendimento, 2021.

Pe. Ponciano Petri, SJ, durante inauguração da Biblioteca Papa Francisco, 2021.

BIBLIOGRAFIA

Acervo do Colégio São Francisco Xavier
ANUÁRIO do Colégio São Francisco Xavier, 1990-2002.
COLEÇÃO de álbuns de fotografias do Colégio São Francisco Xavier, 1972-2006.
DEL TORO, Pe. Guido. *Álbum de fotografias e recortes de jornais*. s.d
DEL TORO, Pe. Guido. *Cartas*. s.d
DEL TORO, Pe. Guido. *Diário:* 1926-1940.
DEL TORO, Pe. Guido. *Diário:* 1941-1950.
GONZÁLEZ, Pe. Constantino. *Conheça seu colégio:* resumo histórico do Colégio e Missão São Francisco Xavier (datilografado). São Paulo: Colégio São Francisco Xavier, 1983.
LIVRO DE OURO – Contribuições para a construcção do Collegio Catholico Japonez.
MADRUGA, Pe. Manuel Samaniego. *Um colégio que nasceu missionário*. São Paulo: Colégio São Francisco Xavier, 2008.
PLANO ESCOLAR do Colégio São Francisco Xavier (diversos anos)
SAMANIEGO, Pe. Manuel Madruga. *Autobiografia*. [s. l.]: [s. n.], s.d.

Livros
ACOJE – Associação dos Colégios Jesuítas. *Projeto Educativo da Província do Brasil Centro-Leste da Companhia de Jesus*. São Paulo: Edições Loyola, Companhia de Jesus – Província do Brasil Centro-Leste, 1998.

AOKI, Shinto. Shoki no san furanshisuko shabieru gakuen to setsuritsu no yurai (O Colégio São Francisco Xavier nos primórdios e a origem de sua fundação). *In: Ake no hoshi zaihaku nihonjin fukyo enkakushi* (História da catequese de japoneses residentes no Brasil). São Paulo: Ake no Hoshi Kai, 1954.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Escola Plural:* proposta político-pedagógica. MEC/SEF. Brasília: SEF, 1994.

CARRA, Patrícia Rodrigues Augusto. Escola mista? Coeducação? Um desafio histórico para a educação de meninos e meninas. *Cadernos de História da Educação*, v. 18, n. 2, p. 548-570, maio-ago. 2019 | 556. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2019.

KLEIN, Pe. Luiz Fernando. *Trajetória da educação jesuítica no Brasil*. Trabalho apresentado no Ciclo de Debates promovido dia 21/5/2016 pelo Pateo do Collegio sob título "A Pedagogia Jesuítica". Disponível em: http://docplayer.com.br/17504774-Trajetoria-da-educacao-jesuitica-no-brasil.html. Acesso em: 28 dez. 2022.

HANDA, Tomoo. *O imigrante japonês:* história de sua vida no Brasil. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987.

ISHII, Tadashi. *Cem anos da imigração japonesa no Brasil através de fotografias*. São Paulo: Fukyo-sya, 2008.

DEL TORO, Pe. Guido. *A catequese dos japoneses no Brasil*. [s. l.]: [s. n.], s.d.

DEL TORO, Pe. Guido. *Missão dos Japoneses em São Paulo*. Salvador: [s.n.], 1954.

FUGITA, Tetuo. *A imigração japonesa e a evangelização dos nipo-brasileiros*. São Paulo: Scortecci Editora, 2008.

KUHN, João Carlos Santos. *Resistências Sagradas – Pátio do Colégio, secularização e reconstrução*. Dissertação para obtenção do título de mestre em História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo, 2016 – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-20122016-160918/publico/joaokuhnrev.pdf. Acesso em: 28 dez. 2022.

LIMA, Ir. Marcos Epifanio Barbosa (direção geral). *Colégio São Francisco Xavier:* 90 histórias de uma única história. São Paulo: Edições Loyola, 2018.

LIMA, Ir. Marcos Epifanio Barbosa (org.). *Pe. Guido del Toro*. v. 1. São Paulo: Edições Loyola, 2020 (Coleção Memórias que ficam).

MAEYAMA, Takashi. *Margarida Vatanabe:* 53 anos de assistência a imigrantes e idosos. São Paulo: Editora Zipango, 2004.

MATSUO, Frei Leonardo (conselho editorial). *Entre o Sol Nascente e a Terra de Santa Cruz:* Memória e vida dos Missionários da Pastoral Nipo-Brasileira (Panib). São Paulo: Panib, 2018.

MORAIS, Fernando. *Corações sujos*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

SÁ, Nei Márcio Oliveira de. *Pe. Herreros:* um coração doado à juventude e à missão da Igreja. São Paulo: Arquidiocese de São Paulo, 23/11/2015. Disponível em: http://www.arquisp.org.br/regiaoipiranga/noticias/pe-herreros-um-coracao-doado-a-juventude-e-a-missao-da-igreja. Acesso em: 28 dez. 2022.

SHIZUNO, Elena Camargo. *Os imigrantes japoneses na Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Eduel, 2010.

Jornais e revistas
A Cigarra
A Gazeta
Correio Paulistano
Diário da Noite
Diário Nacional
Em Companhia
Folha da Manhã
Mensageiro do Coração de Jesus
Notícias do Brasil (Burajiru Jihô)
Sanfra em Revista

Documentos diversos
Concílio Vaticano II – Constituição Pastoral – *Gaudium et spes* – Sobre a Igreja no mundo
Escritura de Doação, Livro de Notas nº 302, Folha 1, de 16/7/1929.

Legislação
Decreto nº 406, de 4/5/1938
Portaria nº 110, de 9/5/1966
Resolução Concresp nº 6, de 8/5/2007

Depoimentos de ex-alunos (Formandos do Ensino Médio entre 1978 e 1981)
Edson Moraes
Érica Sequeira
Jairo Montemor Augusto Silva
Marcelo Notario Citino
Roberto Montemor Augusto Silva
Sabino Haroldo Ferrari Jr.
Wlamir Francisco Alves

Depoimentos de ex-Diretores e ex-Reitores
Ir. Eduardo Beltramini
Ir. Marcos Epifanio Barbosa Lima
Pe. André Ozaki
Pe. Eduardo Henriques
Pe. Nelson Lopes da Silva
Pe. Ponciano Petri

Redes sociais
Facebook Pe. Paulo Pedreira de Freitas

Colaboração
Tiago Agostinho

Arquivos e acervos
Acervo Cinemateca Brasileira
Acerco do Colégio São Francisco Xavier
Arquivo da Companhia de Jesus
Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro
Arquivo Pessoal de Érica Sequeira

Sites e links (acessos em: 28 dez. 2022)
http://acervo.avozdaserra.com.br/noticias/friburgo-perde-o-padre-e-ex-reitor-luiz-pecci-aos-91-anos

http://arquisp.org.br/regiaoipiranga/paroquias/mosteiros-igrejas-historicas-oratorios-da-regiao-ipiranga/capela-sao-francisco-xavier-colegio

http://ipiranganews.inf.br/colegio-sao-francisco-xavier-lanca-movimento-junino-solidario/

http://panib.org.br/sermon/memoria-dos-missionarios-da-panib/

http://portal.mec.gov.br/publicacoes-para-professores/30000-uncategorised/68731-historico-da-educacao-profissional-e-tecnologica-no-brasil

http://www.arquisp.org.br/regiaoipiranga/noticias/pe-herreros-um-coracao-doado-a-juventude-e-a-missao-da-igreja

http://www.bcc.org.br/fotos/825453

http://www.jesuitasbrasil.org.br/wp-content/uploads/2017/09/em-companhia-37-impressao.pdf

http://www.jesuitasbrasil.org.br/wp-content/uploads/2017/09/em-companhia-38-impressao.pdf

http://www.jesuitasbrasil.org.br/wp-content/uploads/2017/10/em-companhia-39-impressao.pdf

http://www.jesuitasbrasil.org.br/wp-content/uploads/2018/05/em-companhia-44-impressao.pdf

http://www.redejesuitadeeducacao.com.br/wp-content/uploads/2019/04/Projeto-Educativo-Comum-RJE.pdf

https://books.google.com.br/books?id=9qc3DwAAQBAJ&pg=PT124&lpg=PT124&dq=imigrantes+japoneses+e+o+estudo+dos+filhos&source=bl&ots=SbK5vnkXkM&sig=ACfU3U2TUtjEwvRtvJPXxbifx-Gbl5-3HA&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwjp2sa73cDpAhX2GLkGHdoXBHY4FBDoATAGegQICRAB#v=onepage&q=escola&f=false

https://issuu.com/noticiassj/docs/34-edicao-em-companhia

https://issuu.com/noticiassj/docs/42-edicao-em-companhia

https://issuu.com/noticiassj/docs/em_companhia_09_issuu

https://issuu.com/noticiassj/docs/em-companhia-ed56

https://issuu.com/noticiassj/docs/em-companhia-ed63

https://sanfra.g12.br/2402-colegio-sao-francisco-xavier-inaugura-novos-espacos.html

https://sanfra.g12.br/cursos/ensino-medio/

https://sanfra.g12.br/estudantes-constroem-mosaico-de-post-it-em-celebracao-da-paz/

https://sanfra.g12.br/projeto-pedagogico

https://www.bonde.com.br/blogs/um-padre-diferente-banzai--117645.html

https://www.doxplan.com/Portfolio/Projeto/SANFRA-2020

https://www.jesuitasbrasil.org.br/2019/07/18/os-desafios-de-educar-na-atualidade-com-irmao-marcos-epifanio/

https://www.loyola.g12.br/12232-2/